

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DO PANTANAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

LARISSA MOSCIARO FARIA

**A EDUCAÇÃO SOCIAL DO JORNAL TRIBUNA PARA MULHERES DA
SOCIEDADE CORUMBAENSE DE 1950-1964: DESCRIÇÕES CRÍTICAS**

CORUMBÁ-MS

2025

LARISSA MOSCIARO FARIA

**A EDUCAÇÃO SOCIAL DO JORNAL TRIBUNA PARA MULHERES DA
SOCIEDADE CORUMBAENSE DE 1950-1964: DESCRIÇÕES CRÍTICAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Campus do Pantanal, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, para Área de Concentração: Educação Social.
Linha de Pesquisa:
Gênero e sexualidades, cultura e saúde.
Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Isabella Fernanda Ferreira.

**CORUMBÁ-MS
2025**

LARISSA MOSCIARO FARIA

**A EDUCAÇÃO SOCIAL DO JORNAL TRIBUNA PARA MULHERES DA
SOCIEDADE CORUMBAENSE DE 1950-1964: DESCRIÇÕES CRÍTICAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Área de concentração em Educação Social, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus do Pantanal, como requisito parcial à obtenção de título de Mestre.

Aprovado em 24/02/2025

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dra. Isabella Fernanda Ferreira (Presidente e Membro Titular)
(Universidade Federal de Mato Grosso do Sul)

Prof. Dr. Tiago Duque (Membro Interno Titular)

Prof. Dra. Roselaine Ripa (Membro Externo Titular)

Prof. Dra. Claudia Araújo de Lima (Membro Suplente Interno)

Prof. Dr. Nivaldo Alexandre Freitas (Membro Suplente Externo)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, que cumpriram a longa missão de me formar. O meu pai Marcos, um homem íntegro, pessoa inspiradora, se dedicou muito para que eu e meus irmãos tivéssemos a melhor educação.

A minha mãe Delizete, que por mais que ela não tenha total dimensão foi a primeira feminista que conheci e me espelhei, a ela coube o trabalho pesado e invisível. Sei que não foi fácil e hoje colhemos os frutos dos esforços de vocês sou agradecida por tudo que nos trouxe até aqui.

AGRADECIMENTOS

A minha irmã Letícia, que foi minha principal companheira nos bons longos anos que vivemos em mudança por conta da carreira militar do meu pai, que por muitas vezes foi minha única companheira. A minha avó Vanda, que assim que soube que tentaria o ingresso a este programa me incentivou e acreditou no meu potencial.

Aos meus amigos, Susan, Romário, Cristiane e Fabiciana, que acompanharam desde o início todos os momentos e sempre me consolaram com palavras de conforto e segurança, projetando um futuro melhor. Saibam que sem a ajuda e o incentivo de vocês nada disso seria possível.

Ao meu namorado Vitor, que esteve ao meu lado em toda a trajetória do programa e nunca me deixou sequer pensar em desistir.

Agradeço a todos os meus professores do PPGE/CPAN, aos meus professores do curso de História do Campus do Pantanal que de maneira direta ou indireta me ajudaram com a indicação de leituras, disponibilizando uso do laboratório para coleta das fontes utilizadas nesta pesquisa.

Aos meus colegas de turma, que de certa forma tornaram essa jornada mais leve. Em particular agradeço à minha orientadora, Isabella, que com todo o seu conhecimento e paciência me trilharam até aqui.

Aos mestres, que puderam compartilhar comigo e com minha turma todo seu conhecimento.

A Capes pelo apoio financeiro.

A todos aqueles que cruzaram meu caminho e facilitaram a minha vida para que fosse uma trajetória mais leve colegas de turma, professores, aos funcionários da universidade me muito obrigada por cada um que tive a oportunidade de ter alguma troca, a experiência da pós-graduação foi mais tranquila com a ajuda de todos.

Aos professores do curso de História, com destaque ao professor Felipe, chefe do laboratório que sempre me permitiu o acesso sem dificuldades, professora Nathália pelo incentivo na temática desde meu trabalho de conclusão de curso e ao professor Waldson pelas orientações de leitura que me ajudaram muito a construir meu trabalho.

A minha orientadora Isabela, que me acompanhou durante todo esse processo, sempre muito humana e paciente, sempre ali incentivando e me ajudando para que fosse o mais produtivo para nós, agradeço por ter sido o pilar para conseguirmos concluir.

Com todo amor e gratidão, sem cada um de vocês isso não seria possível.

‘Pela maior parte da História, ‘anônimo’ foi uma mulher.’

Virginia Woolf.

RESUMO

Essa pesquisa visa investigar através das descrições críticas o conteúdo da coluna Sociais pertencente ao jornal Tribuna, um importante veículo de comunicação da cidade de Corumbá no período de 1950-1964. Na coluna era possível observar as seguintes informações: regras de etiqueta social e individual; novidades da moda; maquiagem; conselhos geralmente destinados às mulheres na maneira de como tratar os maridos; sabedoria do lar que implicava em orientá-las nas tarefas domésticas seja como cuidar do filho; tirar manchas de roupa; piadas; curiosidades variadas; culinária com receitas doces, salgadas, entradas, prato principal, que era ensinada diariamente, tudo isso com o objetivo de aprimorar as práticas domésticas. O desenrolar do estudo se dá pela escolha e reflexão de dois temas centrais: corpo e trabalho doméstico que se contrapõem quando a coluna é colocada em comparação a periódicos feministas que tratam da mesma temática sob óticas totalmente distintas. Caracteriza-se por ser de caráter documental com o uso de fonte primária, abordagem qualitativa crítica o que contribui para entender que a educação não ocorre somente por meio das instituições de ensino, demonstrando por meio das fontes que o jornal também educa quando faz essa mediação educativa/ social.

Palavras-chave: Tribuna. Colunas sociais. Gênero. Educação Social. Descrição Crítica.

ABSTRACT

This research investigates the content of the "Sociais" (Social) column published in the *Tribuna* newspaper, a major communication outlet in Corumbá from 1950 to 1964, through critical analysis. The column featured information on a wide range of topics, including: rules of social and individual etiquette; fashion trends; makeup techniques; advice for women on managing their relationships with their husbands; guidance on household management, such as childcare and stain removal; jokes; general trivia; and daily cooking lessons featuring sweet and savory recipes, appetizers, and main courses – all intended to enhance women's domestic skills. The study focuses on two key themes: the body and domestic labor. These themes are then analyzed in contrast to feminist periodicals of the same period, which presented these topics from markedly different viewpoints. This documentary study employs a critical qualitative approach and uses primary sources. It argues that education occurs not only through formal institutions but also through media like newspapers, which engage in educational and social mediation through such columns.

Keywords: Tribune. Sociais columns. Gender. Social education. Critical description.

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|-----|
| FIGURA 1 - ÁREA TERRITORIAL DO PANTANAL | 24 |
| FIGURA 2 - CAPA DO ÁLBUM GRAPHICO DO ESTADO DE MATTO-GROSSO | 26 |
| FIGURA 3 - A IMPRENSA NO ESTADO - FUNDADOR DO TRIBUNA, PEDRO DE MAGALHÃES (CANTO INFERIOR DIREITO) | 27 |
| FIGURA 4 - OS PERIÓDICOS ATUANTES NA REGIÃO E O DESTAQUE AO TRIBUNA | 28 |
| FIGURA 5 - OS JORNAIS PUBLICADOS EM CUIABÁ | 29 |
| FIGURA 6 - JORNAL TRIBUNA, ANO 1912\EDIÇÃO 00114 | 76 |
| FIGURA 7 - TRIBUNA, 24 DE AGOSTO DE 1938. | 77 |
| FIGURA 8 - TRIBUNA, 29 DE OUTUBRO DE 1950 | 78 |
| FIGURA 9 - TRIBUNA, 29 DE OUTUBRO DE 1950 | 79 |
| FIGURA 10 - TRIBUNA, 29 DE OUTUBRO DE 1950 | 81 |
| FIGURA 11 - TRIBUNA, 29 DE OUTUBRO DE 1950 | 82 |
| FIGURA 12 - TRIBUNA, 29 DE OUTUBRO DE 1950 | 83 |
| FIGURA 13 - TRIBUNA, 29 DE OUTUBRO DE 1950 | 84 |
| FIGURA 14 - TRIBUNA, 22 DE FEVEREIRO DE 1951 | 85 |
| FIGURA 15 - TRIBUNA, 27 DE OUTUBRO DE 1950 | 87 |
| FIGURA 16 - TRIBUNA, 6 DE OUTUBRO DE 1950 | 87 |
| FIGURA 17 - TRIBUNA, 26 DE AGOSTO DE 1950 | 88 |
| FIGURA 18 - TRIBUNA, 5 DE NOVEMBRO DE 1950 | 89 |
| FIGURA 19 - TRIBUNA, 7 DE NOVEMBRO DE 1950 | 90 |
| FIGURA 20 - TRIBUNA, 15 DE JANEIRO DE 1951 | 90 |
| FIGURA 21 - TRIBUNA, 7 DE AGOSTO DE 1954 | 91 |
| FIGURA 22 - TRIBUNA, 14 DE AGOSTO DE 1954 | 91 |
| FIGURA 23 - TRIBUNA, 5 DE JULHO DE 1955 | 92 |
| FIGURA 24 - TRIBUNA, 22 DE FEVEREIRO DE 1951 | 92 |
| FIGURA 25 - TRIBUNA, 1 DE AGOSTO DE 1954 | 93 |
| FIGURA 26 - TRIBUNA, 1 DE SETEMBRO DE 1955 | 93 |
| FIGURA 27 - TRIBUNA, 27 DE OUTUBRO DE 1955 | 94 |
| FIGURA 28 - TRIBUNA, 12 DE JULHO DE 1955 | 95 |
| FIGURA 29 - TRIBUNA, 19 DE JULHO DE 1955 | 96 |
| FIGURA 30 - TRIBUNA, 05 DE JANEIRO DE 1954 | 96 |
| FIGURA 31 - TRIBUNA, 28 DE JULHO DE 1956. | 97 |
| FIGURA 32 - TRIBUNA, 19 DE OUTUBRO DE 1955 | 98 |
| FIGURA 33 - TRIBUNA, 12 DE AGOSTO DE 1954 | 99 |
| FIGURA 34 - TRIBUNA, 14 DE AGOSTO DE 1954 | 100 |
| FIGURA 35 - TRIBUNA, 1 DE AGOSTO DE 1954 | 101 |
| FIGURA 36 - TRIBUNA, 2 DE OUTUBRO DE 1957 | 102 |
| FIGURA 37 - DESENVOLVIMENTO DA COLUNA SOCIAIS (1950-1959) | 103 |
| FIGURA 38 - BRASIL MULHER, 08 DE MARÇO DE 1980 | 106 |
| FIGURA 39 - TRIBUNA, 20 DE OUTUBRO DE 1950 | 107 |
| FIGURA 40 - BRASIL MULHER, 08 DE MARÇO DE 1980 (P. 2) | 108 |
| FIGURA 41 - TRIBUNA, 3 DE AGOSTO DE 1958.. DESÍDIA | 109 |
| FIGURA 42 - BRASIL MULHER, 8 DE MARÇO DE 1980. | 110 |
| FIGURA 43 - MULHERIO, MARÇO/ABRIL DE 1981 | 113 |
| FIGURA 44 - MULHERIO, NOVEMBRO/DEZEMBRO DE 1981XEND | 115 |
| FIGURA 45 - TRIBUNA, 28 DE JANEIRO DE 1959 | 116 |
| FIGURA 46 - - MULHERIO, MARÇO/ABRIL DE 1981 (P.2) | 117 |
| FIGURA 47 - TRIBUNA, 17 DE ABRIL DE 1959 | 119 |
| FIGURA 48 - TRIBUNA, 6 DE JANEIRO DE 1960 | 120 |

| | |
|---|-----|
| FIGURA 49 - TRIBUNA, 16 DE FEVEREIRO DE 1960 | 121 |
| FIGURA 50 - TRIBUNA, 17 DE FEVEREIRO DE 1960 | 123 |
| FIGURA 51 - TRIBUNA, 18 DE FEVEREIRO DE 1960 | 125 |
| FIGURA 52 - TRIBUNA, 18 DE FEVEREIRO DE 1960 | 126 |
| FIGURA 53 - TRIBUNA, 27 DE JULHO DE 1962 | 126 |
| FIGURA 54 - TRIBUNA, 15 DE ABRIL DE 1962 | 127 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|----|
| TABELA 1 - COMBINAÇÕES DOS DESCRITORES NAS PLATAFORMAS CAPES E BDTD | 40 |
| TABELA 2 - FILTRO DOS DESCRITORES NAS PLATAFORMAS CAPES E BDTD | 41 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|--------------|---|
| BDTD | Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações |
| Capex | Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior |
| CNDM | Conselho Nacional da Condição da Mulher |
| JK | Juscelino Kubitschek |
| LAPAN | Laboratório de Arqueologia do Pantanal |
| MS | Mato Grosso do Sul |
| MT | Mato Grosso |
| ONU | Organização das Nações Unidas |
| PPGE | Programa de Pós-Graduação em Educação Social |
| RJ | Rio de Janeiro |
| TV | Televisão |
| UFMS | Universidade Federal de Mato Grosso do Sul |

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| 1. INTRODUÇÃO | 14 |
| 2. PENSANDO A IMPRENSA CORUMBAENSE: UM BREVE HISTÓRICO ACERCA DE SUA TRAJETÓRIA | 21 |
| 2.1 A LOCALIZAÇÃO DA CIDADE | 24 |
| 2.2 A VARIEDADE DE PERIÓDICOS NO MATO GROSSO | 27 |
| 3. LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO: DESCRITORES DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA | 39 |
| 3.1 SOBRE UMA (OU VÁRIAS) HISTÓRIA(S) DAS MULHERES A PARTIR DA IMPRENSA: PAPÉIS SOCIAIS E REPRESENTAÇÕES NO JORNAL A TRIBUNA-RONDONÓPOLIS, MT (1970-1990) | 43 |
| 3.2 SOBRE OS AFAZERES DOMÉSTICOS E AS DICAS DE CIVILIDADE: AS REPRESENTAÇÕES DO FEMININO NO PERIÓDICO TRIBUNA (CORUMBÁ, 1950 – 1959) | 57 |
| 3.3 BREVES PALAVRAS SOBRE O ESTADO DA ARTE DE NOSSO OBJETO DE INVESTIGAÇÃO | 70 |
| 4. LEITURAS DESCRITIVAS CRÍTICAS SOBRE A EDUCAÇÃO SOCIAL NA COLUNA SOCIAIS DO JORNAL TRIBUNA PARA AS MULHERES DA SOCIEDADE CORUMBAENSE. | 71 |
| 4.1 A TEORIA TRADICIONAL SE CONTRAPONDO A TEORIA CRÍTICA | 71 |
| 4.2 O PERIÓDICO TRIBUNA, A COLUNA SOCIAIS E SUAS PARTICULARIDADES | 74 |
| 4.3 TRIBUNA VERSUS IMPRENSA ALTERNATIVA | 105 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 128 |
| 6. REFERÊNCIAS | 130 |

1. INTRODUÇÃO

Educadores, ao indicarem que os fatos estão para serem analisados independentemente do local onde estão inseridos, abrem-nos um leque de possibilidade de fontes de pesquisa e problemáticas que estão dispostas por muitas das vezes em contextos e lugares improváveis, por vezes, mais próximos do que se possa imaginar.

Considerando que a História se faz presente em todos os lugares, temos a cidade de Corumbá, pequenina, fronteira, conurbada com as cidades de Ladário, Puerto Suarez e Puerto Quijarro, situada na região centro-oeste do país, pertencente ao então Estado de Mato Grosso¹ com a capital, Cuiabá.

Em meados do século XX, Corumbá, já possuía toda uma estrutura local, sendo naquele momento uma das cidades mais antigas do Estado de Mato Grosso, tendo todo um sistema de organização social que incluía uma imprensa local, já consolidada. Nesse contexto de imprensa temos que citar jornais que por muito tempo fizeram parte do cenário local como “O iniciador” fundado em 1877 e “A opinião”, fundado em 1878. Especificamos que nossa pesquisa busca como fonte documental primária o jornal denominado “Tribuna”, que no ano de 1950 decide inaugurar uma coluna voltada às mulheres, denominada de Sociais. Tal coluna - produzida para as mulheres corumbaenses - se delimita como nosso tema de estudo. O interesse por tal temática está intimamente relacionado com a minha trajetória pessoal e acadêmica.

Como aluna do curso de História na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, ao longo de minha formação, deparei-me com as mais variadas fontes históricas: documentos antigos, cartas, vestígios arqueológicos, registros orais e tantos outros que, por meio, da análise do pesquisador, “dão vida” e criam as mais diversas interpretações sobre o passado.

O interesse na temática do feminismo, gênero e história das mulheres não começa apenas em meu ingresso à universidade, pois alguns questionamentos acerca dos papéis sociais atribuídos a mulheres e homens - com todas suas problemáticas - me assombram desde a infância, pois não entendia a razão pelo qual as mulheres estavam sempre “um nível abaixo dos homens” e que isso já começava desde a criação das crianças. Então, logo no início de minha graduação e ao decorrer de minha trajetória acadêmica com o despertar de uma mentalidade mais crítica - fruto de meu amadurecimento intelectual - foram surgindo diversos

¹ Corumbá, fundada em 1778 foi um município pertencente ao estado de Mato Grosso. Contudo, no dia 11 de outubro de 1977, através da lei complementar nº31 que permitiu a criação do estado de Mato Grosso do Sul, com o desmembramento do território o município passou a ser membro desse novo estado.

questionamentos a respeito do papel das mulheres em nossa sociedade e, esses assuntos foram ganhando cada vez mais espaço em minha mente.

Na universidade pude acessar leituras sobre o tema, a grupos de estudos sobre gênero, história das mulheres e feminismos, obtendo, desse modo, uma ampliação do meu entendimento sobre nossa sociedade, o que me trouxe alguns anos depois a sensação de acolhimento e pertencimento. Nesse sentido, as experiências vivenciadas por mim em minha trajetória acadêmica, aproximaram-me do tema de pesquisa já definido anteriormente.

Ingressei na universidade em 2016 para realizar o curso de graduação em História. Tive a oportunidade de realizar por dois anos iniciação científica no LAPAN (Laboratório de Arqueologia do Pantanal), que está localizado no mesmo lugar em que anos mais tarde eu retornaria como aluna, mas agora da pós-graduação. Como produtos dessas iniciações ao mundo da ciência foram produzidos meu trabalho de conclusão de curso intitulado de “Tribuna versus Brasil Mulher: Uma análise da representação das mulheres na sociedade brasileira (1950-1980)” e, posteriormente publicada no capítulo do livro “Por uma História das mulheres em Corumbá: Pesquisas, Relatos e Debates”. Ao final de minha trajetória da graduação após a defesa do Trabalho de conclusão de curso novos questionamentos foram aparecendo, principalmente no que diz respeito à educação social realizada pelos jornais e que perpassam toda sociedade, independente de gênero, cor e classe social. Como tema de pesquisa, elegi a investigação sobre a educação social realizada por Jornais - de modo explícito - tendo as mulheres como público-alvo.

A pesquisa “A educação social do jornal Tribuna para as mulheres da sociedade corumbaense de (1950-1964): descrições críticas”, busca responder alguns questionamentos que foram surgindo à medida que houve avanço na análise das fontes. É possível observar o aprofundamento das relações sociais existentes na cidade de Corumbá, a partir da década de 1950 até o ano de 1964, onde circulava o jornal Tribuna e a coluna Sociais, fonte primária de nossa pesquisa. O periódico em questão possuía fluxo diário, funcionando de segunda a sábado, tendo um total de seis exemplares por semana, ou seja, uma abundância de fontes com dados a serem tabulados.

Tal coluna, no jornal era voltada para as mulheres, pois nela era possível observar as seguintes informações: regras de etiqueta social e individual; novidades da moda; maquiagem; conselhos geralmente destinados às mulheres na maneira de como tratar os maridos; sabedoria do lar que implicava em orientá-las nas tarefas domésticas seja como cuidar do filho; tirar manchas de roupa; piadas; curiosidades variadas; culinária com receitas doces, salgadas, entradas, prato principal, que era ensinada diariamente, tudo isso com o objetivo de aprimorar

as práticas domésticas. É lógico pensar que a coluna foi criada provavelmente para as mulheres letradas, entretanto, não podemos descartar a hipótese de que mulheres não letradas tivessem acesso às informações desta coluna de uma forma indireta, como a escuta de comentários do que estava sendo apresentado na coluna ou solicitando que alguém a lesse.

Vivemos em um contexto social considerado preocupante para as minorias, a chamada onda conservadora traz à tona a antiga vontade de comprimir os direitos conquistados, principalmente, no que diz respeito às mulheres, vemos um avanço de ideais radicais, e a academia pode desconstruir essas tendências por meio do incentivo a produções científicas que possam combater ódio, radicalismo e achismos por meio do incentivo à pesquisa e a ciência.

A inovação se dá devido ao fato de que coloca um jornal corumbaense como objeto a ser analisado, podendo assim pensar elementos típicos de nossa cultura fronteiriça e entre outros tópicos que são poucos explorados e que possuem poucos trabalhos a respeito na literatura, o que pode beneficiar a comunidade acadêmica de maneira geral, uma vez que, esta proposta está adequada à linha de pesquisa “gênero e sexualidades, cultura, educação e saúde” do Programa de Pós-graduação em Educação do Campus do Pantanal, na qual esta investigação está diretamente ligada.

Pesquisas que possuem como objeto de análise o jornal Tribuna, e em específico, que focam na coluna Sociais possuem poucos trabalhos registrados nos principais bancos de dados, como Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – Bdt, catálogo de teses da Capes e dos repositórios de pesquisa das seguintes universidades (UFMS E UFGD), o que mostra que a coluna foi pouco explorada pelas pesquisas.

Explicitado nosso tema de interesse para investigação, definimos o objetivo geral desta pesquisa, a saber: descrever criticamente o conteúdo educativo da coluna Sociais do Jornal para as mulheres da sociedade corumbaense no período de sua existência. (1950-1964);

Como objetivos específicos essa pesquisa possui os seguintes pontos:

- Descrever o contexto histórico de Corumbá na década de 1950;
- Coletar todos os exemplares do jornal Tribuna no período total da sua existência (1950 a 1964);
- Descrever criticamente o contexto da mulher na sociedade e na imprensa;
- Descrever criticamente o contexto da mulher na cidade e na imprensa:

A coluna Sociais - que se inicia singela e com um pequeno espaço físico destinado, com o decorrer dos anos foi conquistando mais espaço no Jornal, fato esse que pode ser considerado indicativos de popularidade e boa impressão causada aos leitores podendo assim proporcionar por meio da representatividade das mulheres “o que era ser a mulher ideal”. A pesquisa parte

do pressuposto de que o ser humano é fruto de seu tempo, e assim, entender como foi construída a representação das mulheres e de que forma os meios de comunicação, mais precisamente o jornal contribuiu para perpetuar esse modelo de sociedade que limitava as mulheres apenas alheias ao protagonismo dos homens.

Historicamente, a década de 1950 é marcada pelos debates de lutas pelos direitos de diversos grupos sociais, inclusive das mulheres. Alguns anos antes, Simone de Beauvoir em sua obra *Segundo Sexo* (1980) afirma que:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino.

A história das mulheres surge com o objetivo de integrar as mulheres à História, uma vez que as feministas reivindicavam espaço acadêmico para esse grupo que havia sido negligenciado na narrativa de uma história de característica Positivista. Entretanto, a História das Mulheres atrelou-se a um posicionamento político, sendo criticado por alguns historiadores tradicionais que defendiam que não existe a história das mulheres como um campo isolado. Dessa maneira, na tentativa de integrar as mulheres na História, de encaixá-las, acabou por se criar uma identidade única a elas, o que aumentou ainda mais as tensões sociais advindas da oposição: homem versus mulher.

Trazendo para a discussão o feminismo brasileiro, - que certamente deveria ser mais explorado por todos os pesquisadores do país - é sabido que por aqui não se aproveitava de tal boa fase, vivendo o auge da repressão da ditadura militar que exigiu das feministas uma articulação mais cuidadosa, levando essas mulheres a buscarem alternativas para se mobilizarem para serem ouvidas.

Sob a influência da I Conferência Internacional da Mulher, no México, a Organização das Nações Unidas (ONU) ocorrida em 1975 no Brasil, acontece nesse mesmo ano, a semana de debates “O papel e o comportamento da mulher na realidade brasileira”, também apoiado pela Organização das Nações Unidas para discutir a situação feminina no país naquele dado momento. Também nesse mesmo ano Terezinha Zerbini funda o movimento feminino pela anistia, voltado para aquelas que de maneira direta ou indireta se mobilizaram contra o regime militar, movimento esse que conquista a anistia em 1979.

Já fora do país, as mulheres exiladas que acompanhavam seus maridos tiveram contato com o feminismo europeu, com reuniões que desafiavam seus companheiros. A dicotomia se dá pelo conflito de interesses entre homens e mulheres, uma vez que, mesmo sendo guerrilheiros e estivessem com um objetivo em comum: o fim da ditadura militar, os interesses

se tornam conflitantes a partir do momento em que os homens, mesmo aqueles revolucionários, estando em situação de exilados políticos viam com maus olhos o feminismo, considerando-o como um desvio na luta pelo fim da democracia, deixando claro de maneira implícita, ou não, que dentro da hierarquia das lutas sociais, o feminismo está em um lugar muito abaixo, até porque uma coisa não tem nada a ver com a outra e acaba sendo uma tolice pensar que homens lutariam para defender os interesses das mulheres. (Pinto, 2010.p.17) comenta:

Enquanto as mulheres no Brasil organizavam as primeiras manifestações, as exiladas, principalmente em Paris, entravam em contato com o feminismo europeu e começavam a reunirem-se, apesar da grande oposição dos homens exilados, seus companheiros na maioria, que viam o feminismo como um desvio na luta pelo fim da ditadura e pelo socialismo.

Tentando solucionar essa História que separava esses dois grupos, na década de 1980, surge o campo denominado estudos de gênero, agora com a cientificidade que a academia exige e tentando ao máximo se desvincular do juízo de valor ao qual as historiadoras feministas estavam ligadas. Joan Scott em colaboração no livro *A escrita da História: novas perspectivas*, organizado por Peter Burke, consegue em poucas palavras resumir a crítica em torno da construção da história das mulheres.

A emergência da história das mulheres como um campo de estudo envolve, nesta interpretação, uma evolução do feminismo para as mulheres e daí para o gênero; ou seja; da política para a história especializada e daí para a análise. (Scott 1992, p. 65)

Em suma, é o sistema social que constrói a representação da mulher, delimitando seu espaço ao mundo doméstico e relativizando os direitos adquiridos pelas lutas feministas durante as décadas anteriores.

É válido mencionar que mesmo que os debates acerca de gênero e feminismo estivessem em alta internacionalmente, as ideias e tendências necessitavam de tempo para “atravessar os oceanos” até serem familiarizadas no interior do Brasil, portanto, em se tratando de Corumbá, uma cidade pequena, com relativa distância dos grandes centros onde a maioria da população ainda não era alfabetizada a coluna Sociais, mesmo reforçando que lugar de mulher é dentro de casa, limpando, cozinhando, cuidando dos filhos, mantendo seu casamento, reverberando que esse trabalho de mulher sirva de suporte ao protagonismo masculino, foi aceita pelos leitores, e em resposta a isso, houve uma maior variedade de temas trabalhados pela coluna (mesmo que correlatos). A problemática surge com o desejo de compreender qual era a forma de educação social estimulada através do jornal que de maneira indireta e direta era utilizada para educar, e não somente isso, mas através dos conselhos direcionados a maneira como as mulheres deveriam se comportar contribuía para a manutenção da sociedade e nos permite

observar os valores morais e sociais que são repassados para as pessoas de geração a geração e, assim, conectar esses valores e senso moral a ideia de normalidade acerca dos conteúdos citados na coluna do jornal Tribuna.

É válido ressaltar que os meios de comunicação, como os periódicos, são perpassados pela subjetividade dos editores e dos redatores das matérias, porém, a análise desse material permite compreender como a sociedade constrói a sua representação diariamente.

A construção social do que é ser mulher e do que é ser homem perpassa o campo da cultura, utilizando-se do mecanismo biológico, reforçando a ideia de que as mulheres são boas mães, boas cozinheiras e donas de casa. A ideia que possuímos já estabelecida sobre o papel dos homens e das mulheres na sociedade é consequência de construção social, histórica e cultural. De acordo com Saffioti e Almeida (1995) as relações de gênero foram construídas de forma desigual e isso cria uma realidade ainda mais tensa para as mulheres.

O gênero constitui uma verdadeira gramática sexual normatizando condutas masculinas e femininas. Concretamente, na vida cotidiana, são os homens, nesta ordem social androcêntrica, os que fixam os limites da atuação das mulheres e determinam as regras do jogo pela sua disputa. (Saffioti e Almeida, 1995, p. 32).

A presente pesquisa é considerada de caráter documental, com uso de fonte primária, tendo como característica principal a pesquisa de documentos dos mais variados e que ainda não receberam nenhum tratamento ou análise prévia, ou seja, documentos que nunca foram analisados e que de acordo com os objetos da pesquisa podem ser reelaborados.

A análise qualitativa será de suma relevância no que diz respeito à análise do conteúdo da coluna Sociais presente em uma das páginas do jornal Tribuna, uma vez que o mesmo conta com uma infinidade de assuntos que por muita das vezes não possuem muita conexão, porém, com a repetição dessa coluna é possível traçar um perfil de escritores e leitores fazendo uma análise não apenas do conteúdo, mas um aprofundamento sobre a percepção da educação social fornecida por meio da circulação deste jornal. A coleta de dados é quantitativa, mas a análise segue qualitativa de característica descritiva.

Por conta do volume de material analisado, foi possível fazer tabulação dos dados, através dela enumerar questões como aumento do espaço físico da coluna, assuntos que se repetem assuntos menos frequentes, entre outros. É importante ratificar que o uso de dados estatísticos não torna essa pesquisa de caráter quantitativa, ou seja, ela é predominantemente qualitativa com contribuições da análise quantitativa.

O uso de documentos traz uma riqueza de informações, permitindo uma melhor interpretação acerca dos fenômenos e um melhor entendimento a respeito do contexto histórico

e sociocultural ao qual o documento foi produzido. (Cechinel, 2016, p.3-4)''Assim, podemos citar como vantagens da pesquisa documental: fonte rica e estável de dados, subsistência ao longo do tempo, baixo custo, não exigência de contato com os sujeitos da pesquisa.''

Quanto aos procedimentos, a documentação será fotografada com todo o cuidado que a documentação exige como uso de luvas de borracha, para não haver contato do material com a pele, o que pode ocasionar quebra ou destruição do papel, e máscaras para evitar a contaminação do pesquisador por conta do Ácaro e poeira.

As fotografias foram realizadas sem o uso de FLASH para não causar nenhum dano às fibras do papel ou tinta, e assim que fotografados retornaram a seu devido espaço para que se mantenha a integridade da fonte histórica, todos esses processos foram feitos com o intuito de criação de um acervo pessoal, que foi consultado sem grandes problemas ao longo de todo o desenrolar da pesquisa.

Após a coleta de todo esse material, foi realizada a etapa de revisão documental que consistiu em consultar os exemplares de um a um para observar algum possível problema de foco da fotografia, algum dano que atrapalhe ou impossibilite a leitura da documentação. Em seguida foi iniciada a fase de avaliação preliminar do documento, realizando o exame e a crítica de seu conteúdo visando os seguintes tópicos: contexto, autores, interesses, confiabilidade, natureza do texto e conceitos-chave. Os elementos podem variar de acordo com a necessidade da pesquisa e do pesquisador. Após essa fase de análise de todos esses elementos citados anteriormente, por fim, iniciou-se a fase a análise documental propriamente dita com atenção para realização de uma análise baseada em uma interpretação coerente de todas as informações, levando sempre em consideração a temática e os questionamentos da pesquisa realizada.

Após esse panorama geral e introdutório, destacamos que a organização do nosso relatório de pesquisa, apresenta-se da seguinte maneira:

- Seção 1: Introdução - com os elementos referentes ao tema de pesquisa, a fonte histórica, objetivos gerais e específicos e breve passagem a respeito da temática e metodologia da pesquisa;
- Seção 2: destinada a discutir sobre a história da imprensa corumbaense, trazendo o debate a respeito dos jornais que circulavam na cidade e qual objetivo de cada um deles.
- Seção 3: com o levantamento Bibliográfico dividido em etapas como escolha dos descritores, palavras-chave utilizadas na busca, quadro de resultados de combinações dos descritores e filtragem até chegar aos trabalhos relevantes para a escrita da dissertação; com o diálogo entre as historiadoras, com conversas

informais com duas pesquisadoras que tiveram seus trabalhos pautados na imprensa e História das mulheres, utilizando como fontes de suas pesquisas jornais e periódicos que circulavam na região centro-oeste do país e, por fim com as resenhas descritivas das respectivas pesquisas;

- Seção 4: destinada a uma análise crítica descritiva do material coletado. A fonte: com análise dos jornais, ao iniciar pela explicação da metodologia no que diz respeito a explicar o passo a passo das etapas da pesquisa documental, seguido das análises da estrutura do jornal no que diz respeito à materialidade do mesmo até chegar à fonte central da pesquisa – a coluna Sociais, com discussões aprofundadas sobre cada tópico desse espaço; e, seguimos com a;
- Seção 5: destinada às nossas considerações finais e, por fim;
- Seção 6: apresentando as Referências bibliográficas consultadas para a nossa investigação.

Levando em consideração a organização descrita, seguimos com a exposição da seção de número dois, na qual apresentamos um breve histórico do nosso objeto de investigação.

2. PENSANDO A IMPRENSA CORUMBAENSE: UM BREVE HISTÓRICO ACERCA DE SUA TRAJETÓRIA

Esta seção tem por objetivo discutir aspectos importantes no que diz respeito a cidade de Corumbá, pela qual o periódico Tribuna atuou ao longo de todo seu tempo de circulação, trazendo informações relevantes para o desenvolvimento do contexto histórico da cidade e da região que serão lembradas ao longo do texto.

Diante das disputas travadas entre portugueses e espanhóis para a definir de uma vez por todas qual seria a divisão territorial do continente conquistado, em 1775 portugueses implantaram as margens do rio Paraguai o Forte Coimbra, para garantir a segurança da região. Após tal feito, o sertanista João Leme do Prado em conjunto de militares do forte decide fundar um povoado localizado na margem direita do rio Paraguai, o Arraial de Nossa Senhora da Conceição de Albuquerque, homenageando o capitão-geral da província Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres. (Leite, 2021, p.150)

Logo no início do ano seguinte, João Leme do Prado, um sertanista, juntamente com militares do Forte fundaram um povoado na margem direita do rio Paraguai e próximo à embocadura do rio Miranda; para agradar e homenagear o então capitão-general da província Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, o lugar recebe o nome de Albuquerque.

Corumbá, também denominada Curupah, que na língua tupi-guarani ganha o significado de “lugar distante”, fundada em 1778 para impedir os avanços dos espanhóis à procura de ouro e outros metais preciosos pela fronteira brasileira e assegurar o domínio português na região, o Arraial de Nossa Senhora da Conceição de Albuquerque – primeira denominação do vilarejo – transformou-se no principal entreposto comercial da região. Quando a passagem de barcos brasileiros e paraguaios pelo Rio Paraguai foi liberada, e devido à importância comercial que passou a ter, a localidade foi elevada a distrito em 1838 e, em 1850, a município. Também com o apelido muito conhecido, é chamada de cidade branca por conta da cor clara de seu solo, rico em calcário. (Leite,2021, p.150) apresenta a cidade.

Corumbá, inicialmente denominada Nossa Senhora da Conceição de Albuquerque (1778), surgiu no âmbito das disputas e ações pela manutenção da fronteira Oeste (e meridional) pelos portugueses. O lugarejo adquirira importância estratégica e por isso se transformava numa pequena praça militar de pouca expressão, senão aquelas inerentes à tática de manter a posse dos territórios conquistados pelos portugueses no espectro do *uti possidetis*.

Ao decorrer do século XIX vai se desenvolvendo como importante ponto comercial capaz de ligar Cuiabá ao restante do Brasil. Com o estouro da guerra do Paraguai e com a invasão que trouxe as tropas paraguaias acabou por um tempo interrompendo sua função de ponto comercial que só retorna com o encerramento do conflito em 1870 e retomando suas antigas funções, o que permitiu avanços em seu crescimento e relevância em sua posição regional e nacional. (De Oliveira, 2020, p.60) comenta sobre tal período:

Considero que durante o período entre o final da Guerra com o Paraguai (1864-1870) e meados da década de 1910, Corumbá experimentou articulações com os principais centros produtores mundiais, fruto de conexões estabelecidas nas rotas platinas, envolvendo, principalmente, Buenos Aires e Assunção.

No pós-guerra a cidade se torna mais efervescente, com ares cosmopolitas, com a presença dos estrangeiros dos mais variados lugares do mundo que adentravam ao município a partir do rio Paraguai, porta de entrada para viajantes curiosos, comerciantes, produtos e os mais variados serviços, de tal maneira (Leite, 2021, p.151) aponta:

Corumbá no pós-guerra se tornou uma cidade cosmopolita, lugar de destino de viajantes e negociantes brasileiros e estrangeiros interessados na exploração econômica da região. Certamente a expansão capitalista não se impôs de forma única e absoluta em todo o globo, mas as características do período chegam a Corumbá e ali passam a dialogar com as perspectivas econômicas que a cidade e a região ofereciam.

Com o fim da guerra do Paraguai e o porto livre para circulação, a cidade acreditou na esperança de dias melhores, com inovações na infraestrutura urbana, o que causou a ligeira impressão de cidade moderna. (Leite, 2021, p.151) comenta:

Esse boom se expressou também no perfil socioeconômico da cidade, promovendo alterações significativas no espaço urbano, instalando uma arquitetura sofisticada em suas formas e detalhes, o que sugeria aos moradores a entrada na modernidade enquanto destino final da futura metrópole instalada às margens do impactante rio Paraguai. Modernidade neste caso se apresentava como sinônimo de progresso, condição que seria responsável pela redenção da cidade outrora destruída durante a ocupação das tropas guaranis.

Com o desmembramento do estado de Mato Grosso e a fundação do estado de Mato Grosso do Sul², a cidade branca passou a pertencer ao recém-formado estado, status que permanece até os dias atuais.

O município que passa por um processo intenso de modernização ora tinha de lidar com tal dicotomia: a cidade que ganhou ares cosmopolitas com construções grandiosas de arquitetura elaborada tinha também de lidar com a presença de inúmeros povos vivendo e convivendo em condições de pobreza e miséria, incompatíveis com a situação de ascensão econômica pelo qual a cidade vivia. (Leite, 2021, p.152) indica que:

Corumbá se tornara expressão de cidade rica, no interior da qual também sobrevivia uma população pobre, quando não miserável. A cidade se transformara igualmente em ponto de atração para migrantes pobres ou empobrecidos pela guerra; para Corumbá também se dirigiam paraguaios, sobretudo mulheres – em busca de melhores condições de vida.

A cidade em sua conceituação mais ampla pode nos trazer uma infinidade de informações sobre um povo, é através dela que é possível perceber todas as particularidades da casa de muitos. (Pesavento, 2007, p. 14) comenta sobre a cidade.

Mas a cidade, na sua compreensão, é também sociabilidade: ela comporta atores, relações sociais, personagens, grupos, classes, práticas de interação e de oposição, ritos e festas, comportamentos e hábitos. Marcas, todas, que registram uma ação social de domínio e transformação de um espaço natural no tempo. A cidade é concentração populacional, tem um pulsar de vida e cumpre plenamente o sentido da noção do ‘habitar’, e essas características a tornam indissociavelmente ligada ao sentido do ‘humano’: cidade, lugar do homem; cidade, obra coletiva que é impensável no individual; cidade, moradia de muitos, a compor um tecido sempre renovado de relações sociais.

Pensar Corumbá como uma localidade complexa, lar de muitos e palco de grandes transformações, local fronteiro, pantaneiro, com culturas distintas dividindo o mesmo espaço, cheio de belezas e particularidades nos permite ampliar nossa percepção acerca dessas qualidades e beleza de nosso lugar, daquilo que está tão normalizado em nosso cotidiano que

² O atual estado de Mato Grosso do Sul foi fundado em 11 de outubro de 1977, após a divisão do estado de Mato Grosso em duas unidades federativas. A cidade de Corumbá e por consequência a referida fonte histórica- jornal Tribuna acompanham essas mudanças portanto, até referida data o periódico se autodenomina como veículo de comunicação atuante no estado de Mato Grosso.

acabamos nos esquecendo de olhar cidades pequenas como palco de grandes transformações e consequentemente mudanças.

2.1 A LOCALIZAÇÃO DA CIDADE

Figura 1 - Área territorial do Pantanal



Fonte: Secretaria Executiva de comunicação

Na segunda metade do século XX a cidade já conseguiu colher os frutos dos anos de desenvolvimento comercial de importação e exportação, com os lucros a cidade floresceu e se desenvolveu gerando a transformação estética pela qual a cidade vivenciou com a construção de grandiosos sobrados e casarios (Cancian, 2020, p.76):

No início do século XX, a paisagem da cidade de Corumbá estava passando por algumas transformações advindas do desenvolvimento do comércio de importação e exportação. No porto da cidade, atracavam navios de diferentes nacionalidades, ocupados com os mais diversos artigos e viajantes, que permaneciam localmente ou prosseguiam para a capital mato-grossense.

Com o florescimento dessa elite comercial responsável por financiar tais obras todo o desenvolvimento estrutural do município passou a existir também uma certa preocupação por parte desses grupos em criar uma boa imagem da cidade, levando a crer em uma imagem saudável da cidade, quando fora dessa bolha comercial e empresarial a cidade apresentava problemas muito antigos, muitos deles ainda provenientes do século anterior. Grupos econômicos de destaque local, como os proprietários de terras e, sobretudo, os comerciantes,

buscaram estratégias para divulgar uma imagem agradável da cidade, a fim de que fosse vista como moderna e próspera. (Cancian, 2020. p.76). Quanto aos problemas dos quais a cidade enfrentava é possível listar alguns como a falta de habitações e alto valor dos aluguéis, falta de acesso à água encanada e tratada, alta taxa de propagação e contaminação por doenças devido à falta de acesso a água tratada e esgoto, ausência de serviços básico para a população pobre, como escolas públicas para receber as crianças pobres em idade escolar e disseminação de doenças agravadas pela falta de atendimento médico na região e por fim também a falta de um hospital que atendesse a população. (Cancian, 2020. p.77) comenta que:

À medida que os proprietários das lojas e das casas de importação e exportação se fortaleciam economicamente e se destacavam socialmente ao ocupar espaços privilegiados da cidade em sobrados amplos elevados em pedra, a maioria da população ainda enfrentava problemas advindos do final do século XIX, como a falta de acesso à água encanada e saudável; o alto valor dos aluguéis; a propagação de doenças devido à falta de latrinas e de rede de esgoto e ao consumo de água suja; a ausência de instituições escolares públicas para o atendimento das crianças pobres em idade escolar; a carência de um hospital que atendesse gratuitamente aos desvalidos, entre outras adversidades.

A cidade convivia diariamente com duas paisagens opostas e conflitantes: de um lado todo o desenvolvimento proveniente das casas comerciais, com sobrados e casarios, dá mais bela arquitetura e qualidade, desfrutando de uma infraestrutura infinitamente mais bem preparada para receber pessoas. E do outro lado, uma Corumbá à mingua, que se desenvolveu despreparada para o crescimento, onde faltava de tudo, e onde a maioria da população estava instalada, desamparada em casas e estruturas simples e rudimentares, nos lugares mais distantes para serem acessados e onde as pessoas viviam sem as inovações vividas na área considerada nobre da cidade. (Cancian, 2020, p.78)

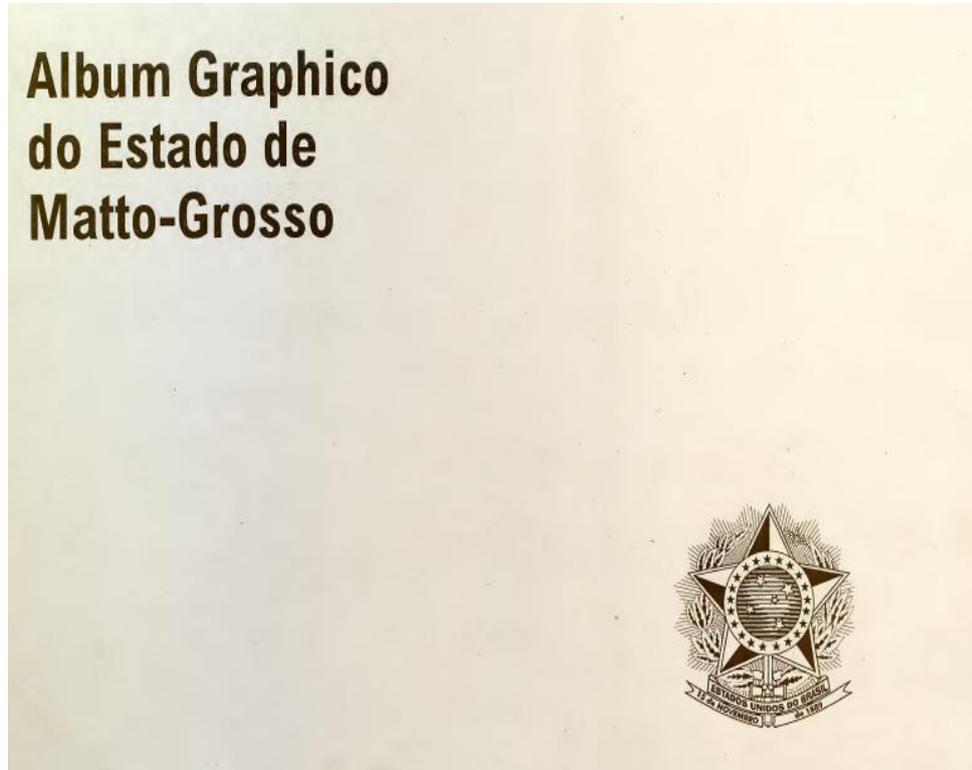
Os comerciantes, os funcionários públicos e pessoas economicamente favorecidas foram ocupando as principais ruas da cidade, em amplas casas de pedras ou em sobrados com muitas portas e janelas distribuídas na fachada, na mesma proporção em que empurravam a população pobre para os espaços desfavorecidos, mais distantes dos limites urbanizados e menos frequentados pelos abastados e viajantes que chegavam à cidade. Em casinhas simples e rústicas construídas desordenadamente, incrustadas nas barrancas calcáreas ou em lugares desprezíveis, essa gente vivia sem poder desfrutar dos artigos e das novidades que circulavam na localidade por meio das casas comerciais. Tampouco podiam receber uma educação formal.

No que diz respeito a imprensa no estado, o Álbum graphico do estado de Matto-Grosso³ é a principal referência pois foi um documento produzido pelo governo do antigo estado de

³ O Album graphico de Matto Grosso, produzido em 1914 por S. Cardoso Ayala, Feliciano Symon e os fotógrafos Miguel Peres e Salcedo-Asunción para o governo do antigo Estado de Mato Grosso. Contém diversas informações a respeito da história e cultura do estado de Mato Grosso antes do desmembramento.

Mato Grosso, contendo as mais variadas informações sobre formação, cultura, política e história do estado, desde sua fundação.

Figura 2 - Capa do Álbum Graphico do Estado de Matto-Grosso

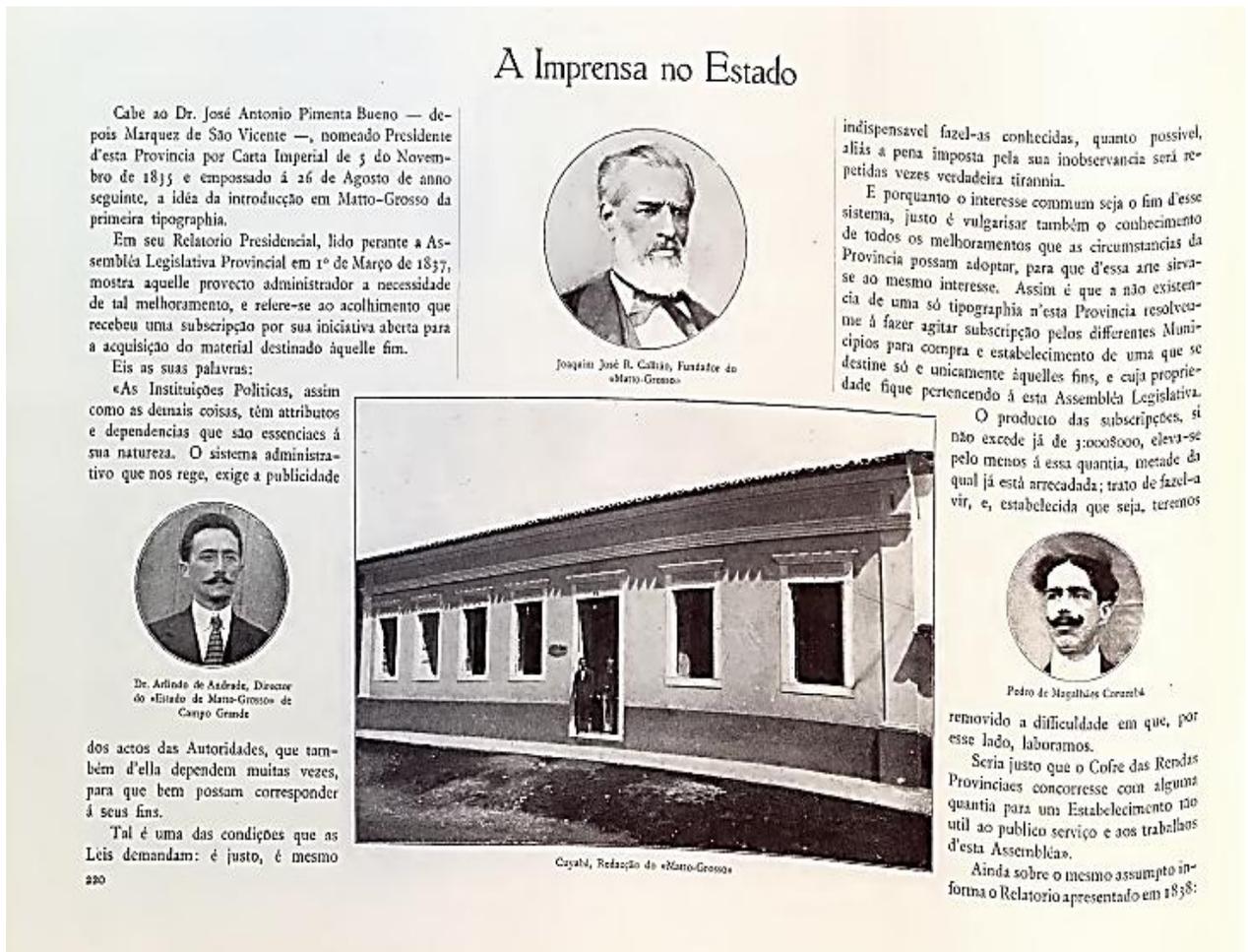


Fonte: Ayala; Simon (1914, p. 220)

O documento citado se empenhou em separar um espaço destinado a temática da imprensa mato-grossense, trazendo detalhes sobre a vinda e criação da imprensa no estado, elaborando uma espécie de memorial, lembrando a trajetória da imprensa regional e suas principais figuras atuantes. O Álbum conta também com textos didáticos sobre a retrospectiva dos eventos históricos mais importantes no que diz respeito à imprensa local. Em sua tese de doutorado, (Câmara, 2017, p.102) comenta sobre o Álbum e suas especificidades:

O Álbum é uma peça publicitária editada em 1914, impressa em Hamburgo, Alemanha, no formato 30x40 cm. O seu corpo possui quatrocentos e trinta e três páginas, às quais se somam mais sessenta e nove destinadas à propaganda das empresas patrocinadoras, totalizando quinhentas e duas páginas. Possui um conjunto iconográfico formado por mapas, desenhos, plantas arquitetônicas, fotografias, tabelas e gráficos. As fotos representam um conjunto documental de maior expressividade.

Figura 3 - A imprensa no Estado - Fundador do Tribuna, Pedro de Magalhães (canto inferior direito)

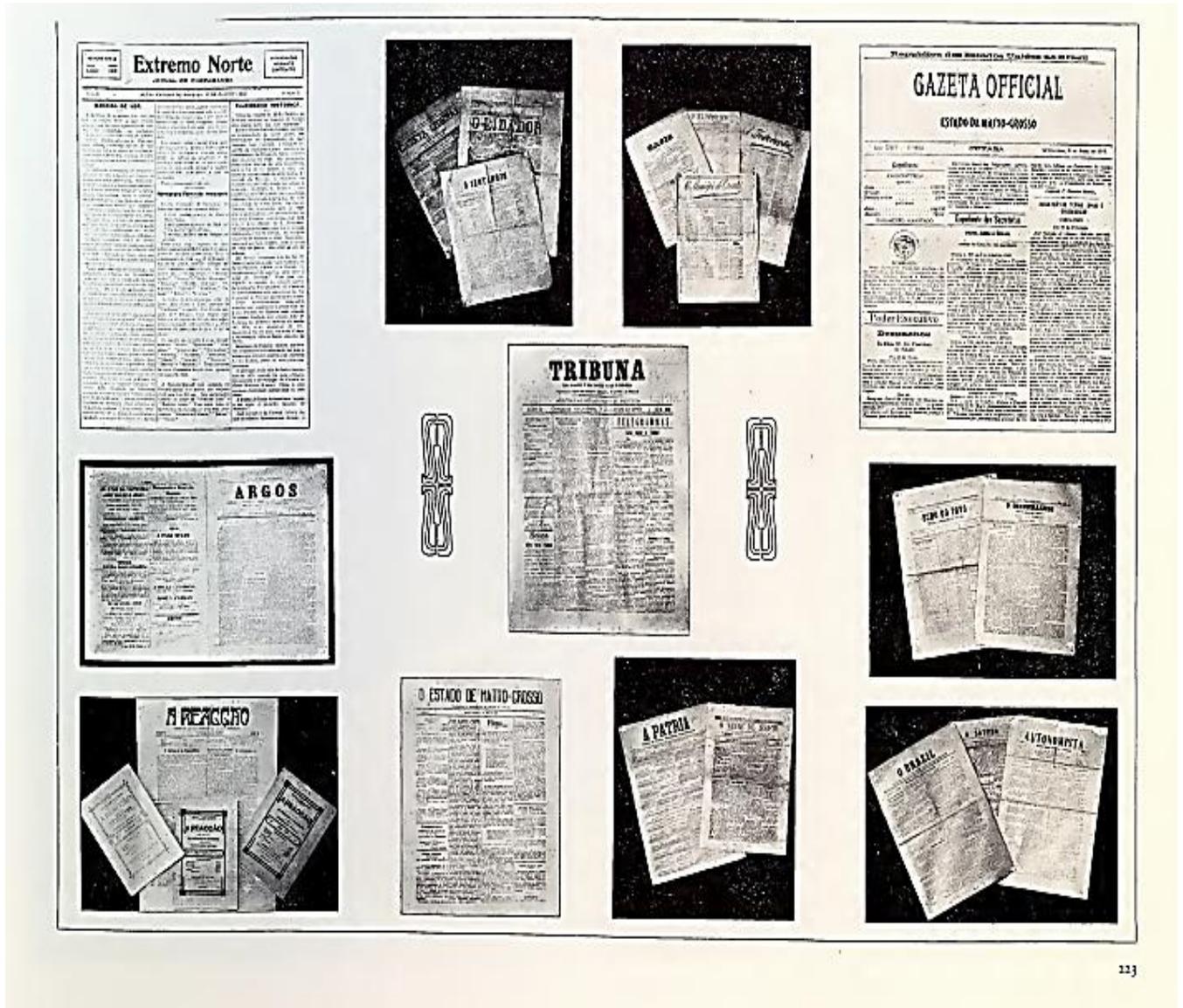


Fonte: Ayala; Simon (1914, p. 220).

Na imagem anterior é possível identificar informações referentes a implantação da imprensa no estado, reiterando a necessidade de fomento da primeira tipografia do Mato Grosso, reforçando que isso traria avanços muito positivos em todos os âmbitos da vida cotidiana da região. Ao centro da imagem é possível observar uma casa, situada em Cuiabá, que se tornou o prédio de redação do jornal.

2.2 A VARIEDADE DE PERIÓDICOS NO MATO GROSSO

Figura 4 - Os periódicos atuantes na região e o destaque ao Tribuna



Fonte: Ayala; Simon (1914, p.223).

O Álbum aponta que o primeiro periódico impresso e atuante no estado foi o denominado Themis Matto-Grossense, publicado em 14 de agosto de 1830, fundado graças aos esforços em fundar a tipografia mato-grossense se tornando pioneiro naquela localidade dando espaço para inúmeros outros jornais que apareceriam ao longo do tempo.

Figura 5 - Os jornais publicados em Cuiabá

| | | |
|---|---|---|
| <p>e á esforços d'esse illustrado cuyabano, foi reorganizada a administração da dita Typographia, e á 30 de Julho de 1842 surgiu o <i>Cuiabano Official</i>, em substituição ao <i>Themis Matto-grossense</i>, que um anno depois foi alterado para <i>O Cuiabano</i>.</p> <p>Com este novo titulo viveu aquelle jornal tres annos, depois deixou de circular em Julho de 1845, na presidencia do Tenente-Coronel Ricardo José Gomes Jardim; surgiu novamente em 1847 com o nome de <i>Gazeta Cuiabana</i>, com o qual se manteve por um anno.</p> <p>Em 1848 a Assembléa Legislativa autorizou o Presidente Dr. João Chrispiniano Soares á vender a typographia; posta em hasta publica, foi arrematada em 31 de Agosto por 310\$000, e tendo ido por esse modo parar em mão particular, n'ella imprimiu-se, em Setembro, <i>O «Écho Cuiabano»</i>, com o qual o Presidente Chrispiniano contractou a publicação dos actos officiaes por 1:200\$000!</p> <p>Pouco durou porém; em face do desaccôrdo entre o novo Presidente Dr. Joaquim José de Oliveira e varios chefes de Repartições, aos quaes demittiu e suspendeu, inclusive o Chefe de Policia, desenvolveu-se n'esta cidade séria agitação de animo e por algum tempo circulou a noticia de que a typographia fóra clandestinamente levada para Poconé por insinuação do ex-Promotor Publico José Delfino de Almeida.</p> <p>Tal facto, entretanto, carece fundamento, porquanto em Poconé não foi, no passado regimem, publicado jornal algum, e em 1851 <i>O Écho Cuiabano</i> era novamente re-editado n'esta capital, e em suas officinas impressa a Collecção de Leis de 1850.</p> <p><i>A Imprensa de Cuyabá</i> seguiu-se em ordem de publicação; e em Janeiro de 1860 appareceu a <i>Faz da Verdade</i>, surgindo, de então para cá, muitos outros periodicos, alguns dos quaes de vida quasi ephemera.</p> | <p><i>Imprensa de Cuyabá</i>, publicado 23 de Junho de 1859 <i>A Voz da Verdade</i> " Janeiro de 1860 <i>Matto-Grosso</i> " 1863 <i>A Voz do Povo</i> " 1865 <i>Cuyabano</i> " 1867 <i>A Matraca</i> " 1867 <i>Boletim de Matto-Grosso</i> " 1867 <i>O Populár</i> " 10 de Outubro de 1868 <i>A Situação</i> " 4 de Outubro de 1868 <i>O Guaycurá</i> " 1870 <i>O Liberal</i> " 8 de Setembro de 1871 <i>Primeiro de Março</i> " 1871 <i>Filho do Povo</i> " 1872 <i>O Povo</i> " Janeiro de 1879 <i>A Republica</i> " 3 de Maio de 1883 <i>O Porvir</i> " Setembro de 1877 <i>A Provincia de Matto-Grosso</i> " 9 de Janeiro de 1879 <i>Notador</i> " 1879 <i>A Locomotiva</i> " 1882 <i>O Pyritampo</i> " 1 de Janeiro de 1882 <i>O Espectador</i> " 6 de Outubro de 1882 <i>O Argos</i> " 1883 <i>A Briza</i> " 1884 <i>O Anjo da Paz</i> " 1885 <i>O Crepúculo</i> " 7 de Novembro de 1880 <i>A Liza</i> " Maio de 1884 <i>A Tribuna</i> " 7 de Novembro de 1885 <i>A Distracção</i> " 25 de Dezembro de 1886 <i>Echo de Cuyabá</i> " 1888 <i>A Gazeta</i> " 1 de Dezembro de 1888 <i>O Democrata</i> " 1 de Janeiro de 1888 <i>A Invenção</i> " Julho de 1888 <i>O Pharol</i> " 1889 <i>O Lycenista</i> " 10 de Setembro de 1889 <i>O Futuro</i> " 4 de Dezembro de 1889 <i>A Vozpa</i> " 11 de Outubro de 1889 <i>O Matto-Grosso</i> " Dezembro de 1889 <i>Quinze de Novembro</i> " 26 de Janeiro de 1890 <i>Gazeta Official</i> " 8 de Maio de 1890 <i>O Clarim</i> " 1892 <i>Tribulo ás Letras</i> " 16 de Outubro de 1891 <i>A Patria</i> " 1893 <i>Luiz Murat</i> " 1893 <i>O Propulsor</i> " 1893 <i>A Verdade</i> " 1894 <i>A Primavera</i> " 1894 <i>O Republicano</i> " 15 de Novembro de 1895 <i>A Aurora</i> " 1895 <i>O Democrata</i> " 18 de Março de 1897 <i>O Rebate</i> " 1 de Outubro de 1897 <i>O Jasmim</i> " 10 de Outubro de 1897 <i>A Arte</i> " 1897</p> | <p><i>O Bandolim</i>, publicado 1898 <i>A Lucia</i> " 15 de Maio de 1898 <i>O Filote</i> " 6 de Novembro de 1898 <i>O Estão</i> " 22 de Janeiro de 1899 <i>O Cuyabá</i> " 16 de Julho de 1899 <i>O Progresso</i> " 1900 <i>O Colibri</i> " 15 de Junho de 1902 <i>O Pharol</i> " 3 de Maio de 1902 <i>Matto-Grosso</i> " Janeiro de 1903 <i>O Martello</i> " 11 de Outubro de 1904 <i>A Lida</i> " 17 de Agosto de 1904 <i>A Coligação</i> " 8 de Outubro de 1905 <i>A Escola</i> " 1906 <i>A Alvorada</i> " 8 de Dezembro de 1906 <i>O Cruzeiro</i> " 4 de Abril de 1907 <i>A Voz do Povo</i> " 23 de Abril de 1908 <i>O Commercio</i> " 3 de Março de 1910 <i>A Recção</i> " 22 de Abril de 1910 <i>O Nasphito</i> " 1911 <i>O Tempo</i> " 5 de Janeiro de 1911 <i>O Debate</i> " 20 de Setembro de 1911 <i>A Noticia</i> " 8 de Agosto de 1912 <i>O Imparcial</i> " 24 de Julho de 1913</p> <p>Actualmente em Cuyabá são publicados os seguintes jornaes: <i>O Debate</i> (diario), <i>O Matto-Grosso</i>, <i>A Cruz</i>, <i>A Recção</i>, <i>O Imparcial</i>, <i>A Gazeta Official</i>. E. M.</p> |
|---|---|---|

Notas sobre a Imprensa de Corumbá.

«Souvern il ne fait pas tout dire, mais
 tout dire il fait que ce qui on dit, soit
 vrai» (Charon).

Communmente apura-se o desenvolvimento de um povo pelos progressos de sua imprensa.

Este modo de ver pôde ser certo, mas nem sempre é incontestavel, maxime se os factores d'essa imprensa são destituídos de saber e de sã educação moral.

Em relação á Corumbá, fundado em 1778 e onde a primeira folha de publicidade data apenas de 1879, cem annos depois de sua criação e nove após a terminação da guerra com o Paraguay, si não se pôde realmente afirmar que a sua imprensa é indicadora do grau actual de adiantamento local, indubitavelmente á essa gloriosa filha de Guttemberg deve esta cidade valiosa parcella de sua evolução material e moral, propaganda por todos os meios do seu alcance. Pelas datas que apontamos, assignalando a da fundação d'esta

Fonte: Ayala; Simon (1914, p.224).

Quanto à trajetória da imprensa corumbaense é importante retomar o contexto histórico pelo qual se desenvolve a imprensa na cidade branca, como já listado na imagem acima, em agosto de 1839 acontece a inauguração do primeiro periódico produzido em Cuiabá, a partir daí é verdade que houve um desenvolvimento crescente da quantidade de jornais publicados ao decorrer das décadas, e assim sendo até a eclosão da guerra da Tríplice Aliança, amplamente conhecida como Guerra do Paraguai, conflito ocorrido entre os anos de 1864 a 1870 onde a ocupação do território corumbaense pelo exército paraguaio ocorre a partir de janeiro de 1865 e sua retomada só acontece anos depois⁴. Durante o período de invasão paraguaia em Corumbá, a imprensa sente os impactos desse evento e por conta disso não se desenvolve como o esperado e experimentado pela capital, por exemplo.

⁴ A ocupação da cidade de Corumbá pelos paraguayos tem início a partir do dia 04 de janeiro de 1865, tornando-se a primeira movimentação paraguaia em território brasileiro. A retomada ocorreu no fatídico dia 13 de julho de 1867.

No entanto, o Iniciador foi o primeiro periódico publicado em Corumbá, no ano de 1879 e a partir do pioneirismo do Iniciador foi possível observar o surgimento de outros periódicos que viriam nos anos seguintes, elencados da seguinte maneira segundo (Ayala; Simon 1914, p.227)

Eis a relação que nos foi possível organizar, dos jornaes corumbaenses até a época presente. 1. O primeiro jornal que se publicou em Corumbá, ou ao menos o mais antigo, foi o Iniciador, fundado em 1879 sob a firma de Serra & Guimarães, isto é, pelo carioca Capitão Silvestre Antunes Pereira e o typographo portuguez Manoel Antonio Guimarães.

Sendo assim, após o Iniciador inaugura-se o período de florescimento da imprensa corumbaense:

- Em 1884 apareceu a “Gazeta Liberal”, fundada pelo advogado João Antônio Rodrigues, jornal do partido liberal onde defendia tais ideais;
- 1886 veio o “Corumbaense”, editado pelo tenente Gregório Henrique do Amarante sendo um periódico protegido pelo partido conservador. Encerra-se em 1890 com o assassinato de seu redator, o tenente Francisco José Rodrigues;
- Também em 1886 surge o “Echo do Povo”, fundado pelo advogado João Antônio Rodrigues, desaparece em 1899.
- 1888 é publicado o “Oasis”, fundado por Manoel da Costa Pereira, durando até 1896;
- 1891 surge o “Lidador”, fundado por Silvestre Antunes Pereira e João Antônio Rodrigues, dura até 1892;
- 1896 nasce a “Federação”, apoiado pelo partido republicano tendo como redator chefe o tenente-coronel Pedro Paulo de Medeiros, durou até 1899;
- 1899 surge “A Pátria” fundada por Pedro Trouy, desaparece em 1906;
- 1903 surge “O Brazil” apoiado pelo partido republicano conservador. Em 1911 muda de título e adota a nomenclatura de “Gazeta do Sul”;
- 1904 o “Autonomista” foi fundada pelo advogado João Antônio Rodrigues, desaparece em 1908;
- Início de 1908 surge o “Correio do Estado” de propriedade e redação do major Castello Branco, durou até 1912;
- Por fim, em 1912 surge “Tribuna”, pensado por Pedro de Magalhães o primeiro jornal diário que se fundou em Corumbá, atuante até o ano de 1964.

Pensando a imprensa em âmbito nacional, é importante situar o contexto histórico do Brasil e conseqüentemente do mundo na década de 1950, um período de grandes transformações no que diz respeito a transição da imprensa brasileira, e falando em imprensa é

inegável que a mesma é um importante veículo de comunicação naquele dado momento, possibilitando não somente o processo de informar as pessoas, mas de participar da vida pública e privada, ditando tendências de maneira geral, formulando opiniões de natureza política, econômica e cultural, sendo um forte expoente da indústria cultural. (Coelho, 1980, p.6) indica o que seria essa indústria cultural.

Assim, a indústria cultural, os meios de comunicação, de massa e a cultura de massa surgem como funções do fenômeno da industrialização. É esta, através das alterações que produz no modo de produção e na forma do trabalho humano, que determina um tipo particular de indústria (a cultural) e de cultura (a de massa), implantando numa e noutra os mesmos princípios em vigor na produção econômica em geral: o uso crescente da máquina e a submissão do ritmo humano de trabalho ao ritmo da máquina; a exploração do trabalhador; a divisão do trabalho.

O jornal e a coluna circulam diariamente e reproduzem a cultura de maneira sistemática atuando como instrumento de alienação, uma vez que essa cultura reproduzida não é instrumento genuíno de livre expressão, mas sim um produto trocável por dinheiro.

De maneira geral, esta década é conhecida historicamente por apresentar inúmeras fatos históricos que reverberam nos diversos campos, no contexto internacional e com o mundo sob nova ordem mundial, vivendo sob as sombras dos dois grandes conflitos do século XX, a primeira e segunda guerra mundial respectivamente que deixaram não somente um saldo negativo, destruição generalizada e milhões de civis mortos. (Hobsbawn, 2002, p.1)

O século 20 foi o mais assassino na história registrada. O número total de mortes causadas por ou associadas a suas guerras foi estimado em 187 milhões, o equivalente a mais de 10% da população mundial em 1913. Entendido como tendo se iniciado em 1914, foi um século de guerra quase ininterrupta, com poucos e breves períodos sem conflito armado organizado em algum lugar. Foi dominado por guerras mundiais: quer dizer, por guerras entre Estados territoriais ou alianças de Estados. O período de 1914 a 1945 pode ser visto como uma única "guerra de 30 anos" interrompida por uma pausa nos anos 20 - entre a retirada final dos japoneses do Extremo Oriente soviético, em 1922, e o ataque à Manchúria, em 1931.

A primeira guerra mundial, o primeiro conflito armado do século XX se consolidou como o conflito mais sangrento no mundo até então, com um saldo de mortes alarmante. ‘‘A primeira Guerra Mundial, para todos os que dela participaram, foi um massacre traumático – a metade dos homens da Sérvia, com idade entre 18 e 55 anos, sucumbiu na luta -, mas o conflito nada resolveu’’ (Judt, 2008, p.15).

Como uma tentativa de processar o caos apocalíptico da Europa no pós-guerra, o movimento conhecido como Belle Époque surge como um mecanismo de fuga, um sopro de esperança em dias melhores, num continente melhor, e o melhor de tudo, em paz. (Mérián, 2012, p.135) define tal movimento.

A expressão Belle époque apareceu depois da primeira guerra mundial, num âmbito de crise econômica de inflação e de grande esforço para a reconstrução de um país

que tinha perdido mais de um milhão e quinhentos mil mortos numa guerra bárbara e impiedosa. Para os sobreviventes o período que antecederara esta carnificina, a saudade de uma época de mais de quarenta anos de paz, de progresso científico, tecnológico, material, dissimulou em parte as duras realidades vividas pela maioria da população. Se elaborou progressivamente a ideia de uma “idade de ouro”, o mito de uma Belle époque.

No entanto, essa ideia de idade de ouro não passou apenas de um delírio coletivo que se apoiou na esperança de dias melhores. Na realidade o continente estaria imerso numa teia de desconfianças, ressentimentos e onda de revanchismos. (Judt, 2008, p.16):

Depois de 1918, não foi restaurada a estabilidade internacional, não foi resgatado o equilíbrio entre as potências: houve apenas um interlúdio decorrente da exaustão. A violência da guerra não se abateu.

Em vez disso, transformou-se em questões domésticas – em polêmicas nacionalistas, preconceito racial, luta de classes e guerra civil. A Europa nos anos 20 e, especialmente, nos anos 30 entrou numa zona de crepúsculo, entre a pós-vida de uma guerra e a perturbadora expectativa de outra.

Durante o período entre as duas guerras mundiais, conflitos internos e antagonismos entre Estados foram exacerbados- e, em certa medida, provocados- pelo concomitante colapso da economia européia. Com efeito, a vida econômica na Europa recebeu naqueles anos um golpe triplo.

A seguir, afirmando que já era de se esperar, eclode a Segunda Guerra mundial, ainda mais feroz e violenta que a primeira, substituindo-a no posto de conflito mais sangrento, deixando um saldo de morte ainda maior que na primeira guerra e agora com desenlaces ainda mais problemáticos. (Judt, 2008, p.26)

Na sequência da Segunda Guerra Mundial, a perspectiva da Europa era de miséria e desolação total. Fotografias e documentários da época mostram fluxos patéticos de civis impotentes atravessando paisagens arrasadas, com cidades destruídas e campos áridos. Crianças órfãs perambulam melancólicas, passando por grupos de mulheres exaustas que reviram montes de entulho. Deportados e prisioneiros de campos de concentração, com as cabeças raspadas e vestindo pijamas listrados, fitam a câmera com indiferença, famintos e doentes. Até os bondes pareciam traumatizados – impulsionados por corrente elétrica intermitente, aos trancos, ao longo de trilhos danificados. Tudo e todos – exceto as bem nutridas forças aliadas de ocupação – parecem surrados, desprovidos de recursos, exauridos.

Com o fim da guerra, a população civil teve de prosseguir, para iniciar a reconstrução de toda estrutura de suas casas e vidas, tendo de conviver diariamente com as inúmeras consequências desses episódios, sendo um deles a guerra fria, que marca profundamente a abordagem política da imprensa de maneira geral. No que diz respeito à Europa no pós-guerra, (Judt, 2008, p.13) comenta sobre a Europa após as duas grandes guerras em seu livro:

Em retrospecto, o período de 1945 a 1989 passaria a ser visto não como o limiar de uma nova era, mas como um interstício: seria como parênteses abertos no período pós-guerra, compreendendo questões mal resolvidas de um conflito terminado em 1945, mas cujo epílogo perdurara por mais de meio século. A despeito da forma que a Europa assumisse nos anos vindouros, o relato conhecido e bem contado sobre o que ocorrera no passado havia se alterado para sempre. Pareceu-me evidente, naquele

dezembro gelado na Europa Central, que a história da Europa no pós-guerra precisava ser reescrita.

O temor pelos gatilhos da guerra e a aversão ao socialismo trouxeram a Europa um novo fantasma dos tempos de guerra, a Guerra Fria, conflito político ideológico travado entre os Estados Unidos da América de viés capitalista contra a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas lideradas pela Rússia. ‘‘Em suma, foram as aspirações, as necessidades, as histórias, as instituições de governo e as ideologias divergentes dos Estados Unidos e da União Soviética que transformaram as tensões inevitáveis no confronto épico de quatro décadas que chamamos de Guerra Fria’’. (Macmahon, 2012, p.14).

Pensando nos reflexos da Guerra Fria no contexto político e social do Brasil, é verdade que o temor por uma terceira guerra mundial agora com ameaças nucleares aterrorizava o imaginário das pessoas que buscavam de todas as formas não somente a manutenção de uma paz, mas também o combate aos ideais socialistas. (Abreu, 2008, p.13)

A produção intelectual desse período foi profundamente marcada pelo debate de idéias políticas, pelo anticomunismo, pela elaboração de projetos de desenvolvimento e pela ideologia do nacional-desenvolvimentismo, que não só permeou as décadas de 50 e 60, como chegou até os dias atuais.

A década de 1950 também é marcada pelo fortalecimento da indústria no Brasil, havendo uma maior diversidade da cadeia produtiva do país que passou a diminuir a quantidade de importações e passou a variar a atividade produtiva, o Estado passou a ter mais controle do desenvolvimento e era necessária a grande disponibilidade de mão de obra qualificada, o que justifica uma abordagem de educação para formação profissional técnico-científica. (Abreu, 2008, p.16)

No pós-guerra, e principalmente a partir dos anos 50 ocorreram mudanças significativas na estrutura produtiva do país. A substituição de importações determinou uma diversificação maior da atividade produtiva, em especial da indústria, o que levantou o problema do suprimento de bens intermediários e de bens de capital. No momento em que a industrialização ingressava na fase de produção desses bens, houve uma ampla intervenção do Estado, que passou a assumir a função empresarial, voltando-se para a planificação do desenvolvimento. Isso passou a exigir quadros com uma formação profissional técnico-científica.

Já que as atenções do Estado brasileiro estavam voltadas a uma sociedade industrial e a qualificação profissional técnico-científica era importante que toda a indústria cultural se adequasse a tal modelo, sendo assim, a TV, o cinema, teatro, e todos os demais veículos foram se estruturando em criar uma cultura das massas. (Abreu, 2008, p.16)

O teatro, o cinema, o rádio, a televisão, o disco, a publicidade, as editoras foram se estruturando como indústria de massa ao longo dessa década para finalmente atingir, nas décadas seguintes, a configuração de uma indústria de bens culturais. A imprensa, que até os anos 30-40 dependia dos favores do Estado, de pequenos anúncios

populares ou domésticos e da publicidade das lojas comerciais, teve essa situação alterada. Nos anos 50 começaram os investimentos no setor publicitário e teve início a implantação no país de grandes agências nacionais e estrangeiras de publicidade, os anúncios nos jornais diversificaram, encontrando-se desde anúncios de automóveis, eletrodomésticos, produtos alimentícios e produtos agrícolas até anúncios de produtos artesanais os mais variados.

Os jornais se adaptaram às mudanças dos novos tempos e essas mudanças não foram somente estruturais, mas também intelectuais, onde passa a deixar de lado uma de suas características mais marcantes: o jornalismo de crítica, dando maior espaço para crônicas e folhetins. Pouco apresentava sobre a atualidade e quando apresentada era utilizada uma linguagem pouco objetiva, para afastar o leitor talvez pela linguagem inacessível ou de forma intencional não queria colaborar para a ascensão de um leitor crítico à sua volta. (Abreu, 2008, p.15) comenta sobre a transição da imprensa brasileira:

Sem dúvida, a imprensa brasileira, na década de 50, foi abandonando uma de suas tradições: o jornalismo de combate, de crítica, de doutrina e de opinião. Essa forma de jornalismo convivia com o jornal popular, que tinha como características o grande espaço para o fair divers, para a crônica e para a publicação de folhetins. A política da atualidade não estava ausente, mas era apresentada com uma linguagem pouco objetiva.

A autora também aborda sobre a grande influência francesa na forma como elaborar a estrutura e linguagem dos jornais no Brasil, que ao longo do tempo foram se perdendo esses traços e substituídos por outro tipo de elaboração e escrita, baseados no modelo norte-americano. (Abreu, 2008, p.15):

Esse jornalismo de opinião tinha forte influência francesa e foi dominante desde os primórdios da imprensa brasileira até a década de 60. Foi gradualmente substituído pelo modelo norte-americano: um jornalismo que privilegia a informação e a notícia e que separa o comentário pessoal da transmissão objetiva e impessoal da informação.

Passando da reflexão do micro para o macro e se distanciando o foco para Corumbá aproximando-o para nível de Brasil é importante destacar que na década de 1950 a imprensa brasileira sofre grandes transformações em sua estrutura uma vez que precisou se adequar às necessidades do período, marcado pelo início e florescimento do desenvolvimento industrial fazendo com que fosse necessária a criação de uma imprensa com características muito específicas que reforçassem os ideais do governo, marcada pelo amplo debate das ideias políticas, principalmente o ataque e aversão ao comunismo e a valorização do chamado nacional-desenvolvimentismo. (Abreu, 2008, p.13) comenta sobre o contexto histórico da imprensa brasileira nesse período.

A produção intelectual desse período foi profundamente marcada pelo debate de idéias políticas, pelo anticomunismo, pela elaboração de projetos de desenvolvimento e pela ideologia do nacional-desenvolvimentismo, que não só permeou as décadas de 50 e 60, como chegou até os dias atuais.

A economia e sociedade foram marcadas por mudanças significativas na cadeia produtiva do país que passou a diminuir o índice de importações e buscou diversificar sua produção para atender a demanda da população brasileira. (Abreu, 2008, p.16)

No pós-guerra, e principalmente a partir dos anos 50, ocorreram mudanças significativas na estrutura produtiva do país. A substituição de importações determinou uma diversificação maior da atividade produtiva, em especial da indústria, o que levantou o problema do suprimento de bens intermediários e de bens de capital. No momento em que a industrialização ingressava na fase de produção desses bens, houve uma ampla intervenção do Estado, que passou a assumir a função empresarial, voltando-se para a planificação do desenvolvimento.

Tal momento foi propício para que inúmeras inovações chegassem ao nosso país e ideias distintas pudessem ser debatidas em um país que naquela altura era democrático e permitia tais apontamentos (Abreu, 2008, p.14)

Foi uma década de concretização de muitas idéias e projetos elaborados durante ou após a guerra, de realizações nos campos político, econômico, social e cultural. Período de funcionamento do regime democrático, o que evidentemente permitiu a livre expressão de idéias e o desabrochar da criatividade em todas as áreas de conhecimento.

Como resultado desses avanços foi possível concluir que o teatro, cinema, música, rádio, televisão tiveram de adaptar-se ao novo cenário do país se estruturando como indústria de massa. (Abreu, 2008, p.16):

O teatro, o cinema, o rádio, a televisão, o disco, a publicidade, as editoras foram se estruturando como indústria de massa ao longo dessa década para finalmente atingir, nas décadas seguintes, a configuração de uma indústria de bens culturais. A imprensa, que até os anos 30-40, dependia dos favores do Estado, de pequenos anúncios populares ou domésticos e da publicidade das lojas comerciais, teve essa situação alterada.

Foi também neste período que houve a construção do projeto que permitiu a transferência da capital federal da cidade do Rio de Janeiro para Brasília, no Distrito Federal, momento que permitiu a ascensão do arquiteto Oscar Niemeyer com uma proposta até então nunca vista. O cinema inicia-se com pautas que iam de encontro às aspirações sociais da época, discutindo problemáticas como os problemas sociais e políticos do país levando a população a refletir sobre tais questões. No campo da música também foi possível observar inovações, com a criação da bossa nova que revolucionou a música popular brasileira colocando o Brasil em projeção internacional. Inclusive, foi possível observar o aumento de grupos de estudo e pesquisa nas universidades, principalmente na área das ciências humanas, antropologia e educação. (Cunha, 2004, p.116)

A década de 1950 representou grande avanço na pesquisa científica relacionada à área de educação no Brasil, fato que se deve, em grande parte, à instituição do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE) e de seus congêneres Centros Regionais, instalados em São Paulo, Recife, Salvador, Belo Horizonte e Porto Alegre. Criado em 1955, o CBPE era subordinado ao Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), órgão do Ministério da Educação e Cultura. Desde 1952, o INEP foi dirigido por Anísio Teixeira, que foi também o primeiro diretor do CBPE.

Dando enfoque a esse aumento de grupos de estudo brevemente citado anteriormente é valioso dedicar atenção necessária à emergência dos debates feministas no Brasil, um campo que se inicia antes mesmo da década de 1950 e que vale discorrer sobre o surgimento, organização e fortalecimento desse movimento em nosso país. Na Europa, a primeira onda feminista se deu no fim do século XIX, quando na Inglaterra, mulheres conhecidas como as sufragetes (sufragistas) lutam pelo direito ao voto, que foi conquistado no Reino Unido em 1918 (Pinto, 2010, p.15) comenta sobre a primeira onda feminista na Europa.

Mas a chamada primeira onda do feminismo aconteceu a partir das últimas décadas do século XIX, quando as mulheres, primeiro na Inglaterra, organizaram-se para lutar por seus direitos, sendo que o primeiro deles que se popularizou foi o direito ao voto. As sufragetes, como ficaram conhecidas, promoveram grandes manifestações em Londres, foram presas várias vezes, fizeram greves de fome.

Seguindo a tendência mundial, a primeira onda feminista no Brasil também se deu por meio da luta pelo voto, em 1913 as sufragistas brasileiras lideradas pela saudosa Bertha Lutz, fundadora da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, organização que fez campanha pública para o direito ao voto e após anos de luta conseguiu conquistar o direito ao voto no ano de 1932, ano em que foi promulgado o novo código eleitoral brasileiro. Ainda na denominada primeira onda feminista no Brasil foi notável o movimento de operárias de ideologia anarquista que em 1917 em manifestos discorriam sobre a situação da mulher nas fábricas e em locais de trabalho majoritariamente masculinas, que a partir da década de 1930 começa a perder força e só são retomadas na década de 1960. De 1930 a 1960 Simone de Beauvoir com sua obra: O segundo sexo que marca o fim da primeira onda e estabelece as bases para a nova onda feminista.

A década de 1960 é importante para a história do feminismo no mundo todo no entanto, há uma dicotomia entre as dinâmicas do movimento, enquanto na Europa e Estado Unidos, ambos viviam a revolução na música com os Beatles, a explosão do movimento hippie contrariando os valores morais e aos costumes de consumo e o lançamento em primeira mão das pílulas anticoncepcionais no Estados Unidos que permitiam pela primeira vez a mulher o planejamento familiar pautado na escolha ou não, da maternidade, onde o feminismo eclode com toda força nessas regiões, permitindo pela primeira vez o debate sobre a questão das relações de poder entre homens e mulheres. (Pinto, 2010, p.16) comenta:

Durante a década, na Europa e nos Estados Unidos, o movimento feminista surge com toda a força, e as mulheres pela primeira vez falam diretamente sobre a questão das relações de poder entre homens e mulheres. O feminismo aparece como um movimento libertário, que não quer só espaço para a mulher – no trabalho, na vida pública, na educação –, mas que luta, sim, por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que esta última tenha liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo.

No Brasil a dicotomia se dá pelo próprio contexto histórico naquele presente momento, o país que já vinha de uma excitação desde a década de 1950 com a revolução no cinema, teatro, rádio, televisão viveu até 1964 propiciado pela democracia dos anos dourados um território marcado pelo espírito otimista, acompanhado de inúmeras mudanças sociais, políticas e econômicas, urbanísticas, onde a população ansiava por mudanças estruturais que pudessem diminuir a desigualdade social entre as regiões e entre ricos e pobres. João Goulart chega ao poder em 1961 com a proposta das reformas de base e logo em 1963 todo esse clima otimista é tomado por uma atmosfera de radicalismo político, de um lado uma esquerda partidária, o próprio governo que foi confundido com os ideais socialistas e passou a se tornar uma ameaça pois o presidente estaria trazendo o comunismo ao Brasil que se tornaria a próxima Cuba da América do Sul. Em 1964 ocorreu o golpe cívico-militar que em caráter emergencial duraria pouco tempo e chegou brando, com o passar dos anos passou a governar a nação com punhos de ferro se tornando uma das ditaduras mais rigorosas de nossa história, durante 21 anos. (Pinto, 2010, p.16) discorre sobre esse período

No Brasil, a década de 1960 teve uma dinâmica diversa em relação ao resto do mundo. O país, nos primeiros anos da década, teve grande efervescência: a música revolucionava-se com a Bossa Nova, Jânio Quadros, após uma vitória avassaladora, renunciava, Jango chegava ao poder, aceitando o parlamentarismo, a fim de evitar um golpe de estado.

Nesse contexto de censura a partir da AI5 que deu ao presidente o direito de promover inúmeras ações e reforçou o uso de censura e tortura como práticas permitidas durante a ditadura, o regime militar via com muita desconfiança todo tipo de manifestação feminista por entenderem que essas mulheres desafiavam a ordem estabelecida, portanto, eram vistas como perigosas, sendo necessário o combate a elas que passaram a ser organizar de maneira clandestina para evitar qualquer tipo de represália. Europa e Estados Unidos viviam um momento propício para reivindicações das mulheres,

A partir dos anos de 1980, o feminismo no Brasil ao contrário do que vinha vivendo até então, entrar em uma nova fase, a sociedade esperançosa por novos tempos tinha anseios diferentes de outrora, e isso refletiu na luta pelos direitos das mulheres e temáticas como saúde, sexualidade, direito a melhores condições de trabalho, igualdade no casamento, direito a terra,

racismo e orientação sexual passam a ser amplamente debatidos em diversos grupos e coletivos em todas as regiões do país, todavia, principalmente naqueles locais mais distantes, como favelas e bairros pobres e de fato, a década de 1980 marca uma nova era do feminismo brasileiro que surge na classe média e alta, com mulheres que já eram privilegiadas somente por serem letradas e passa a responder questionamentos também presentes em outros locais, dialogando com as classes populares, o que foi possível permitir o amplo debate sobre as inúmeras faces sociais existentes no país, (Soares, 1998, p.38), comenta acerca das contribuições do feminismo.

Uma das principais contribuições do movimento de mulheres tem sido evidenciar a complexidade da dinâmica social e da ação dos sujeitos sociais, revelando o caráter multidimensional e hierárquico das relações sociais e a existência de uma grande heterogeneidade de campos de conflito.

A década é marcada ainda por duas grandes lutas como a criação do Conselho Nacional da Condição da Mulher (CNDM), em 1984, com uma campanha que defendeu os interesses das mulheres, luta que resultou na constituição de 1988, considerada uma das mais modernas do mundo no que diz respeito aos direitos das mulheres.

A década de 1990 traz a evolução da busca por melhorias nas condições de vida, segurança e saúde da mulher, trazendo principalmente no que diz respeito a luta pela intervenção estatal com medidas que garantem proteção para esse grupo, a violência contra a mulher era o centro dessa problemática, uma vez que a violência sempre foi um grande problema enfrentado por gerações, tendo como ação a criação das Delegacias Especiais da Mulher, locais para acolhimento às vítimas em geral. O reforço vem no início do século com a criação da lei Maria da Penha. (Da Penha, 2009, p. 4)

A Lei Maria da Penha, Lei 11.340, sancionada em 07 de agosto de 2006, se constitui em uma reconhecida conquista dos esforços empreendidos pelos movimentos de mulheres e feministas, com o empenho de órgãos governamentais, não-governamentais e do Congresso Nacional. Tem por objetivo maior criar “mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher” (artigo 1º), baseando-se na Constituição Federal (art. 226, parágrafo 8), na Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Violência contra a Mulher, na Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher, entre outros tratados internacionais ratificados pelo Brasil.

A atual situação do feminismo no Brasil vai diretamente de encontro a situação política interna e acompanhando as tendências externas, observa-se a pluralidade de feminismos, que consegue abranger o máximo de especificidades possível, por cor, etnia, classe social ou qualquer outro recorte, onde cada grupo busca seu espaço na política, buscando melhorias em sua vida de maneira geral. É de suma importância a luta pela manutenção da democracia pois esta é um instrumento de liberdade para que tais lutas ocorram, no entanto, é preciso estar atento

às ondas conservadoras, discursos ultrapassados, políticas prejudiciais às mulheres e a perda de direitos adquiridos que colocam todas nós em situação de vulnerabilidade.

É importante que os estudos estejam voltados em contar a história do Brasil de maneira geral, pois existem inúmeras lacunas para serem preenchidas, principalmente no que diz respeito a história do Centro-oeste do país, que precisa ser estimulada pois não possui a infinidade de trabalhos se comparada por exemplo as regiões sudeste e Sul, a discussão acerca da imprensa dessa região pode proporcionar a comunidade científica estudos inéditos que nos ajudarão a construir uma narrativa do que foi viver a cem anos atrás no interior do estado do Mato Grosso por exemplo, isso pode ser estendido também para o entendimento do feminismo brasileiro e toda sua trajetória, de sua origem até os momentos de dificuldades que exigiram diferentes articulações e ações diferenciadas. Tudo isso, aliado a vontade de conhecer mais e a infinidade de fontes para os pesquisadores torna-se um facilitador para que seja possível escrever a história desses lugares, desses espaços e pessoas, que talvez nunca tiveram a oportunidade de serem discutidos, investigados, de possuírem um local de expressão e que certamente trarão uma riqueza de informações a nós sobre nossa história e que isso possa até ajudar as próximas gerações a pensarem por meio da análise do passado um futuro mais agradável a todos.

3. LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO: DESCRITORES DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

Parte importante na construção desta pesquisa é o levantamento bibliográfico, é através dele que o pesquisador consegue de maneira mais eficaz obter informações detalhadas acerca de seu tema de estudo. Uma forma encontrada ao longo da definição dos métodos escolhidos para a execução de tal levantamento foi à escolha dos descritores⁵, um conjunto de palavras que podem definir um determinado tema ou área de estudo.

É sabido que a discussão de gênero vem ganhando um espaço significativo dentro dos ambientes acadêmicos, uma vez que observado muitos desses fenômenos, seja possível identificar situações em que exista a violência e posteriormente superá-la. No entanto, no que

⁵ Dando sequência ao trabalho foram escolhidos os respectivos descritores: Tribuna-MT- Um ponto importante a ser sinalizado é que se faz necessário o uso da sigla MT, pois vários jornais pelo país se denominavam tribuna. Jornal – Para diferenciar a fonte utilizada para a obtenção dos dados que serão analisados. Corumbá – Para delimitar o espaço geográfico ao qual o jornal e a coluna estão delimitados Gênero: Para definir qual fenômeno está sendo analisada na respectiva fonte histórica Coluna Sociais – Para indicar qual tópico do jornal que possui conteúdo feminino. Mulheres – Para definir o alvo ao qual o jornal foi direcionado.

diz respeito a questões de gênero, todas suas implicações e análises possuem na maioria das vezes como palco lugares com maior projeção nacional, tendo como foco os grandes centros urbanos e isso não significa que essa problemática também não tenha ocorrido em locais com pouca visibilidade.

Tendo como objeto dessa pesquisa o jornal Tribuna, que a partir da década de 1950 inaugura a coluna denominada Sociais com sua temática voltada ao público feminino, traz em pauta tópicos como: culinária, dicas de limpeza, maquiagem, regras de etiqueta, cuidados com a casa, cuidados com a família e dicas matrimoniais.

Este levantamento é parte da pesquisa em andamento que está sendo feita pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Social (PPGE) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul no campus do Pantanal. Os dados aqui apontados foram extraídos na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – Bdtd e no catálogo de teses da Capes. Ambos disponíveis em ambiente digital.

A busca foi iniciada na biblioteca digital Brasileira de Teses e dissertações e foi observado um volume pequeno de trabalhos, um total de 30 inicialmente, a partir da aplicação de filtros disponíveis na própria plataforma foi possível ao fim separar apenas aqueles que de fato contribuem para o tema de maneira direta ou indireta.

Foi observado também que em relação ao objeto – (jornal Tribuna) foram encontrados apenas 2 trabalhos que se debruçam sobre essas fontes, o que configura o ineditismo do tema trabalhado na pesquisa.

Indo para o catálogo de teses e dissertações da Capes foi dada a continuidade do levantamento e assim foi possível observar que trabalhando os mesmos descritores que foram usados na Bdtd ainda assim houve um aumento significativo nos resultados dessa busca. Para facilitar o entendimento, foi preparada uma tabela que comprove todas essas informações, segue abaixo:

Tabela 1 - Combinações dos descritores nas plataformas CAPES e BDTD

| Combinações utilizadas | Bdtd | Capes |
|-------------------------------|-------------|--------------|
| Tribuna+MT ⁶ | Não possui | 10 trabalhos |
| Tribuna+MT+ Corumbá | 1 trabalho | Não possui |
| Jornal+Tribuna+ Corumbá | Não possui | Não possui |

⁶ Tribuna+ MT: com 10 trabalhos, com aplicação do primeiro filtro sendo eles (dissertação e tese) de 10 caíram para oito o segundo filtro de área de conhecimento onde abrangeu as ciências humanas e sociais aplicadas) diminuiu para seis trabalhos. E por fim, com o filtro História foi possível diminuir para 1 trabalho, que será de grande valia para a pesquisa.

| | | |
|---|--------------|--------------|
| Jornal Tribuna+ MT ⁷ | Não possui | 2 trabalhos |
| Jornal Tribuna+ MT+ Corumbá+ coluna Sociais | Não possui | Não possui |
| Jornal Tribuna+ MT+ Corumbá | Não possui | Não possui |
| Combinações utilizadas | Bdtd | Capes |
| Tribuna+MT+ gênero ⁸ | Não possui | 2 trabalhos |
| Jornal + Corumbá ⁹ | Não possui | 5 trabalhos |
| Jornal Tribuna+ Corumbá+ gênero ¹⁰ | Não possui | 1 trabalho |
| Sociais+Corumbá+ mulheres | Não possui | Não possui |
| Corumbá+ mulheres | 28 trabalhos | 36 trabalhos |
| Coluna Sociais+Corumbá ¹¹ | 1 trabalho | Não possui |
| Total:86 | 30 | 56 |

Fonte: Elaborado pela autora

A partir dessa tabela geral foi possível através do uso de filtros nas combinações de palavras utilizadas a fim de fazer um refinamento da busca, que está ilustrada logo abaixo.

Tabela 2 - Filtro dos descritores nas plataformas CAPES e BDTD

| Combinação | Filtros utilizados | Trabalhos filtrados – Bdtd | Trabalhos filtrados – Capes | Diminuição após filtros |
|--------------------|--------------------------------------|----------------------------|-----------------------------|-------------------------|
| Jornal Tribuna+ MT | Mestrado, ciências humanas, História | Não possui | 1 trabalho | De 2 para 1 |

⁷ Jornal Tribuna + MT/ CAPES: Ao buscar essa combinação houve a descoberta de dois trabalhos, sendo ambas dissertações de mestrado. A primeira, não será utilizada na bibliografia por não se encaixar a área de concentração do tema de minha pesquisa, pois ela é fruto de um mestrado em estudos de linguagem. Já a segunda opção será válida, uma vez que a autora trata em sua pesquisa os papéis sociais e representações no jornal Tribuna em Rondonópolis – MT.

⁸ Tribuna+ MT + gênero: Ao aplicar esse filtro foi observado que os resultados se repetem no primeiro conjunto de palavras já citados anteriormente (jornal Tribuna+MT) por isso não será utilizada na bibliografia por não se encaixar a área de concentração do tema de minha pesquisa.

⁹ Jornal + Corumbá/ CAPES: A princípio foi observado um total de 5 resultados, portanto, por meio da aplicação dos filtros citados na tabela, foi possível chegar a um trabalho que inclusive é o único que se utiliza dessa mesma fonte histórica.

¹⁰ Jornal Tribuna+ Corumbá+ gênero: Essa combinação chega a um único resultado, que é o mesmo trabalho citado acima, que se utiliza do jornal Tribuna.

¹¹ Coluna Sociais+ Corumbá Bdtd: Ao utilizar essa combinação foi observado que o único trabalho encontrado é da área das ciências da natureza, portanto, não será utilizada.

| | | | | |
|---------------------------------|--|-----------------------------------|------------------------------------|--------------------------------|
| Tribuna+ MT | Dissertação, tese, ciências humanas, História | Não possui | 1 trabalho | De 10 para 1. |
| Tribuna+MT+ gênero | Ciências humanas | Não possui | 1 trabalho | De 2 para 0. |
| Jornal + Corumbá | Dissertação, tese, Ciências humanas | Não possui | 1 trabalho | De 5 para 1. |
| Combinação | Filtros utilizados | Trabalhos filtrados – Bddd | Trabalhos filtrados – Capes | Diminuição após filtros |
| Jornal Tribuna+ Corumbá+ gênero | Dissertação, tese, Ciências humanas | Não possui | 1 trabalho | De 1 para 1. |
| Corumbá+ mulheres ¹² | Dissertação, tese, ciências humanas, educação, História, educação social | Não possui | 36 para 9 | De 36 para 3. |
| Coluna Sociais+Corumbá | Ciências humanas | 1 trabalho | Não possui | De 1 para zero. |
| Total: | | 2 trabalhos | 13 trabalhos | 14 trabalhos. |

Fonte: Elaborado pela autora

Ao final, esse levantamento contará com dois trabalhos que serão esmiuçados nas seções seguintes, tendo em vista que somente duas pesquisas (entre dissertações e teses) foram encontradas sobre a temática de gênero e feminismo em periódicos locais em pesquisa produzidas na região centro-oeste brasileira. Sendo os seguintes trabalhos: Por uma (ou várias) história(s) das mulheres a partir da imprensa: papéis sociais e representações no jornal A TRIBUNA – Rondonópolis, MT (1970-1990) – dissertação de Ana Gonçalves Sousa e Entre os afazeres domésticos e as dicas de civilidade: as representações do feminino no periódico Tribuna (Corumbá, 1950 – 1959) – dissertação de Lídia Kellenn Brito dos Santos.

Com o número reduzido de trabalhos que auxiliam na revisão bibliográfica e diante todas as explicações dadas anteriormente, seja pelo debate sobre as combinações e os descritores utilizados, a seguinte seção trará estudos sobre as dissertações acima declaradas e consideradas importantes para a construção deste trabalho, juntamente com uma conversa informal (gravada e transcrita por mim) com as autoras sobre suas trajetórias enquanto pesquisavam sobre seus objetos de estudo. A ordem será de acordo com o que foi mencionado no parágrafo anterior, em uma espécie de diálogo entre historiadoras, um levantamento

¹² Corumbá+ mulheres/ CAPES: dos 36 resultados obtidos inicialmente, após aplicação dos filtros foi observada a diminuição no número de trabalhos, baixando para 9 trabalhos. Após a leitura dos resumos, apenas 3 irão para o levantamento.

bibliográfico das pesquisas realizadas sobre a imprensa para mulheres da região Centro-Oeste do Brasil.

3.1 SOBRE UMA (OU VÁRIAS) HISTÓRIA(S) DAS MULHERES A PARTIR DA IMPRENSA: PAPÉIS SOCIAIS E REPRESENTAÇÕES NO JORNAL A TRIBUNA-RONDONÓPOLIS, MT (1970-1990)

Com o advento do movimento historiográfico a partir da segunda metade do século XX foi possível observar um avanço no estudo da História das mulheres e demais temas correlatos que inauguram a tendência do que viria ser em um futuro próximo o campo dos estudos de gênero. Apesar das inovações, é válido ressaltar que nós, seres humanos, somos fruto de nosso tempo, e analisar fontes da época nos ajuda a nos transportarmos para aquele momento. Dito isso, o trabalho analisado possui como interesse central entender os discursos que foram construídos sobre as mulheres na cidade de Rondonópolis, no estado de Mato Grosso, no período de 1970 a 1990.

Ao iniciar a conversa sobre sua trajetória acadêmica a pesquisadora comenta o surgimento de seu interesse pela temática:

O que te motivou/ levou a pesquisar sobre essa temática?

- “No primeiro ano quando entrei na graduação uma das obrigações dos alunos que recebiam a bolsa permanência (que hoje é auxílio) em 2012 era ter que trabalhar 12 horas semanais, aí nesse período o professor Paulo Isaac que era responsável por esses alunos bolsistas e assinava o meu estágio, trabalhei no museu com ele aí tive contato com o jornal nesse período, mas não sobre a temática que estou trabalhando agora. O professor trabalhava mais sobre a temática indígena e sobre o que tinha de notícias sobre os professores da UFMT, que hoje é a UFR lá em Rondonópolis, aí nosso trabalho era picotar as notícias desses dois temas, eu e meu outro colega, o Adalto e fazíamos essa organização. (Sousa, 2024, p.1).

Ao longo de sua trajetória acadêmica, a pesquisadora teve a oportunidade de ter um contato mais aprofundado com os docentes do seu curso de graduação e teve a oportunidade de experimentar a iniciação científica com quem viria a ser sua orientadora no trabalho de conclusão de curso, e ao longo dessa iniciação foi possível o contato direto com o jornal A Tribuna

Depois, em 2013 eu conheci quem se tornaria minha orientadora da graduação, a professora Paula, a partir de então ela me convidou para participar, escrever um projeto de iniciação científica, e foi a partir daí que eu tive contato mais aprofundado com o jornal, com o tema, e que a gente começou a fazer pesquisa lá no jornal da Tribuna e começou esse contato direto com o jornal.” (Sousa,2024, p.1).

Trajetória também descrita em seu trabalho de forma complementar:

O interesse pelo tema surgiu a partir da pesquisa realizada durante curso de História, na Universidade Federal de Mato Grosso, Campus Rondonópolis, através da Iniciação Científica realizada entre os meses de agosto de 2014 a julho de 2015, com o título “Os femininos nas páginas dos jornais: identidade e representação sociocultural de gênero nos discursos jornalísticos - Rondonópolis, MT, 1980 a 1990”, com apoio financeiro do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq). Em um investimento mais aprofundado buscou-se dar continuidade à pesquisa, em nível de mestrado, com o objetivo principal compreender como a imprensa regional construiu e divulgou representações sobre mulheres e seus papéis atribuídos pela sociedade rondonopolitana. (Sousa, 2018, p.14).

Tal pesquisa foi realizada com um diálogo entre a bibliografia clássica e recente para que na análise das fontes seja possível entender o que os jornais diziam sobre as mulheres de Rondonópolis entre os anos de 1970 e 1990? o que diz respeito às representações sociais e culturais sobre as mulheres em Mato Grosso? Esses acabaram sendo alguns dos questionamentos que a pesquisa buscou verificar.

A pesquisa utiliza como fonte histórica o jornal A Tribuna que possui disponível arquivo para pesquisa, havendo leitura, seleção e análise dos discursos presentes nos exemplares. A respeito do acesso e estado físico de conservação das fontes analisadas a pesquisadora comenta:

Como foi o acesso a essas fontes?

- “As fontes são disponibilizadas no arquivo do jornal da Tribuna, que é organizado e encadernado mensalmente. A partir da edição do dia 1 ao dia 30 ou 31, eles organizam o caderno e encadernam essas edições. Aí para pesquisa, só solicitar a disponibilidade de estar indo no arquivo do jornal que é no prédio que o jornal funciona e aí a organização nos autoriza a pesquisar no jornal”.

Com relação ao estado físico das fontes que atualmente é um desafio para qualquer historiador ou pesquisador, pois na maioria das experiências a fonte histórica se encontra em estado crítico de conservação, contudo, a historiadora encontrou um cenário um pouco diferente.

Qual o estado físico de conservação dessas fontes? O local onde foram encontradas? Tinham passado pelo processo de digitalização?

- “O jornal Tribuna, que possui sede em Rondonópolis, em uma das avenidas principais da cidade, se encontra em boas condições de armazenamento e conservação, foram encontrados no arquivo do jornal, que se encontra no mesmo prédio que o jornal funciona atualmente e os documentos em si, as edições não se encontram digitalizados. (Sousa, 2024, p.2).

A entrevistada comenta a respeito do zelo e do cuidado pelo qual a equipe administrativa do jornal lida com todo acervo, com a conservação devida e a disposição de vários recursos para facilitar a vida daqueles que desejam ir ao estabelecimento para ter acesso às fontes e a preocupação em digitalizar toda essa documentação. “Porém, conversando com um funcionário de lá ele me contou que eles estão tentando fazer um projeto em conjunto com a universidade para digitalizar todas as edições”. (Souza, 2024, p.2).

Reforçando a discussão a respeito do cuidado com a documentação ou pela falta de tal cuidado e zelo a pesquisadora comenta as dificuldades que o jornal enfrentou e ainda enfrenta no que diz respeito a depredação do patrimônio.

Assim, o jornal está disponível para o público, mas eu mesma penso que se ele fosse de propriedade pública disponível na universidade e alguém cortasse aquela parte eu morreria de raiva da pessoa que fizesse isso, então acabo entendendo a razão pelo qual eles ficaram mais rígidos para consulta desse material, porque, as vezes é uma coisa importante, né? Me imagino em tal situação se fosse lá catalogar algo para minha pesquisa e tivessem retirado aquela parte que me interessava, tinham casos que a pessoa passou lâmina de gilete, eu ia ficar muito brava porque você pensa, é algo que é do jornal, privado. Aí entra também o fato de que nós historiadores percebemos na prática, que as pessoas não tem consciência de manter o patrimônio e que aquilo não é para o seu bem individual, ele é de uso coletivo e as pessoas precisam ter senso de que aquilo é importante para a outra pessoa também, não somente para você. (Souza, 2024, p.3)

E aproveita para comentar as medidas que a sede do A Tribuna encontrou para diminuir esses episódios.

Agora eles colocam uma dificuldade maior para pesquisa porque a um tempo atrás o pessoal ia pesquisar no arquivo do jornal e eles meio que picotava aquela notícia que precisavam e levavam embora e por conta desses episódios eles estão restringindo, dependendo de quem seja, para fazer pesquisa lá. Atualmente precisa ter autorização, carta de aceite da universidade para que o pesquisador se identifique e aí a partir dessa identificação eles conseguem liberar com uma facilidade maior. Em meu caso específico eles já me conhecem desde o mestrado e agora para o doutorado eu fiz apenas a carta de aceite com o diretor da universidade e do orientador e aí .autorizaram.

Em meu caso até hoje em dia passo o dia pesquisando e toda a equipe está lá dando suporte para o que eu precisar, sempre disponíveis para tirar dúvida então eles são bem solícitos”. (Sousa, 2024, p.2-3).

Inicialmente a pesquisadora comenta que sua pesquisa teve de passar por alguns ajustes, principalmente no que diz respeito ao recorte temporal da pesquisa, que a priori se delimitaria a partir dos anos de 1980, no entanto, ao fazer a análise da fonte observou que desde a década de 1970 já existia menção às mulheres nas páginas do jornal:

Originalmente, o recorte temporal iniciava-se no ano de 1980, por tratar-se de um período em que o jornal trazia, frequentemente, notícias relacionadas às mulheres nas seções específicas e notícias avulsas no jornal. Mas no trato com a documentação, 14 nas leituras realizadas em direção à compreensão do contexto histórico da localidade em que circula o jornal, considerou-se oportuno recuar na periodização, buscando mostrar que na década de 1970 o jornal já apresentava notícias sobre as mulheres nas suas páginas. Por isso, entendemos ser de suma importância perceber como que o jornal apresenta notícias sobre as mulheres, desde o início de sua fundação, que data de 07 de junho de 1970, acompanhando o crescimento da cidade de Rondonópolis. (Sousa, 2018, p. 14-15)

Já no que diz respeito ao término do recorte temporal da pesquisa, a autora justifica que ao iniciar os anos de 1990 foi possível observar mudanças significativas na estrutura do periódico que ganhou um aumento no número de páginas por conta das novidades anexadas.

O término do recorte temporal desta pesquisa deu-se no ano de 1990, quando houve mudanças significativas do jornal, como, por exemplo, diagramação de layout, passando a apresentar modificações nas seções e na equipe de colaboradores, somando 20 páginas. Assim, entendemos que com as mudanças na configuração do jornal, consideramos oportuno encerrar a pesquisa em 16 de dezembro de 1990, na edição nº 2538. (Sousa, 2018, p.15).

As fontes supracitadas passaram por um longo processo de registro fotográfico e consulta física dos exemplares, sendo ao todo analisados 2538 exemplares, com um quadro que reúne informações classificadas conforme os títulos e datas de publicação. Evidencia os mecanismos de comunicação como veículos que disseminam informações do cotidiano o qual estão inseridos, sendo assim, divulgando a forma de vida dessas mulheres em Rondonópolis entre 1970 e 1990 destacando representações de atividades desenvolvidas por essas mulheres que lá viviam.

A revolução dos costumes engendrada na década de 1960 abriu caminho para que o feminismo se tornasse um movimento de maior força e combatividade. Mesmo sob o contexto da ditadura, as mulheres passaram a se organizar para questionarem mais profundamente seu papel assumido na sociedade. (Sousa, 2018, p.18).

Os anos de 1960 e 1970 foram ambos marcados por mudanças significativas com relação às oportunidades para as mulheres acessarem espaços que até então eram majoritariamente masculinos, a autora debate:

Nos anos de 1960 e 1970, houve mudanças significativas com relação às oportunidades para as mulheres que estudavam, como, por exemplo, concorrer vagas na universidade, e também houve mudanças de atitude em relação à educação superior das mulheres. (Sousa, 2018, p. 18).

A pílula anticoncepcional chega nas farmácias em 1961 revolucionando as dinâmicas das famílias, que passam a se tornar cada vez menores e como consequência desse fenômeno foi possível observar um aumento da participação das mulheres na sociedade de maneira geral.

A partir de 1970 (período de análise das fontes) a sociedade vivia sob a ótica da segunda onda feminista o que ajudou a fortalecer a historiografia brasileira. Foi também nesta década que surgiu a lei do divórcio, comentada na pesquisa:

Ainda nos anos 70 é aprovada a Lei do Divórcio, uma conquista imensa, pois antes o homem e a mulher mesmo estando morando em casas diferentes, separados os corpos, continuavam casados legalmente. Até o ano de 1977, quem casava permanecia com um vínculo jurídico para o resto da vida. Caso a convivência fosse insuportável, poderia ser pedido o 'desquite', que interrompia com os deveres conjugais e terminava com a sociedade conjugal. Significa que os bens eram partilhados, acabava a convivência sob mesmo teto, mas nenhum dos dois poderia recomeçar sua vida ao lado de outra pessoa cercado da proteção jurídica do casamento. O divórcio foi instituído oficialmente com a Emenda Constitucional número 9, de 28 de junho de 1977, regulamentada pela lei 6515, de 26 de dezembro do mesmo ano. De autoria do senador Nelson Carneiro, a nova norma foi objeto de grande polêmica na época,

principalmente pela influência religiosa que ainda pairava sobre o Estado. (Sousa, 2018, p.20).

A década de 1980 foi marcada pela luta e reivindicações dos direitos sobre o próprio corpo, lutando por conquistas como casa própria e espaços e direitos igualitários no âmbito do mercado de trabalho, dentre outras, sendo assim um momento de emergências sociais distintas ao que fora visto até então. Ao fim da ditadura militar em 1985 e no processo de criação da nova constituição federal foi possível observar a mobilização das mulheres que conseguiram ser inseridas no texto da chamada constituição cidadã o que representou um marco político e jurídico logo no início do período democrático:

Nos anos 1980, as feministas embarcam na luta contra a violência às mulheres e pelo princípio de que os gêneros são diferentes, mas não desiguais. Em 1985 é criado o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM), subordinado ao Ministério da Justiça, com objetivo de eliminar a discriminação e aumentar a participação feminina nas atividades políticas, econômicas e culturais. (Sousa, 2018, p. 22).

Apesar de estarem por décadas se organizando e lutando para mudança nas perspectivas de suas próprias vidas e histórias, foi possível observar que essas mulheres foram apagadas pelos arquivos e documentações das cenas públicas, sendo colocadas como um grupo que possuía um espaço secundário ou até nulo na vida pública e social.

A autora discute sobre a importância da imprensa para a sociedade e em contrapartida debate sobre as dificuldades dos pesquisadores e historiadores de lidar com os periódicos nas produções científicas, uma vez que os jornais dotados de subjetividade e intencionalidade aplicadas a um discurso acabam que se tornam parciais, distorcidas e conseqüentemente, descredibilizadas, no entanto, importantes movimentos tornam a imprensa uma fonte valiosa a partir de dois movimentos importantes: a escrita de uma história do tempo presente e a renovação de uma história política.

Essa fonte de pesquisa tornou-se mais interessante no novo contexto de renovação historiográfica, em que os historiadores são influenciados pela Escola dos Annales. A Escola Annales, principalmente a partir de 1970 procura construir a História através da interdisciplinaridade com novos objetos de estudo, novos problemas e novas abordagens, para solucionar esses problemas, esse novo conceito de estudar a História ampliou a noção de documento na historiografia, dando espaço à imprensa. (Sousa, 2018, p.26-27).

A pesquisadora se utiliza de outros trabalhos para dar embasamento a sua pesquisa uma vez que sua temática assim como foi definido em seu ingresso no programa teria ares de “ineditismo” que a levou a buscar outras análises que focaram mais no contexto histórico de Mato Grosso, principalmente aqueles que a priori lidam exclusivamente sobre a situação da imprensa no estado. A respeito da dificuldade em encontrar referências a respeito das

representações do feminino nos jornais a autora comenta sua estratégia para conseguir referências bibliográficas:

Ao fazer a minha pesquisa bibliográfica sobre o tema foi observado um certo ineditismo no que diz respeito à temática de gênero em MT e principalmente no interior do que viria a ser o estado de MS. Como foi construir seu trabalho lidando com essas dificuldades?

- “ Para tentar suprir essa falta de referências eu utilizei muito da autora Ana Maria Marques que assim não são trabalhos específicos sobre jornais, mas ela é uma referência sobre a temática em Cuiabá, possuindo trabalhos sobre a revista Violeta, entre outros trabalhos assim que não especificamente de jornais, mas tratam sobre gênero, mulheres e isso me ajudou a fechar essa parte do meu trabalho. E tem disponível também alguns trabalhos sobre o jornal A Cruz também que ajudam, não eram do meu período porque ele era anterior, mas eles me ajudavam a explicar sobre essa falta em Rondonópolis. (Sousa, 2024, p.3-4).

Ao se atentar a pouca produção no que diz respeito a fomentar a história das mulheres no Mato Grosso e posteriormente na região Centro-oeste a pesquisadora chama atenção na importância de produções científicas que valorizem essa história para que em um futuro próximo as mulheres sejam e tenham ótimas referências para que as gerações futuras possam contestar as problemáticas sociais. Sendo assim, essa seção centraliza-se no estado de Mato Grosso, com monografias, Trabalhos de conclusão de curso, dissertações, teses e capítulos de livros, pois se esforçaram em falar sobre a mulher mato-grossense e auxiliaram a pesquisadora a fechar essa porção da dissertação. Na entrevista ela acaba discorrendo mais um pouco sobre o assunto:

Como foi o processo de aceitação da sua pesquisa no meio acadêmico, você sentiu dificuldade em encontrar referências regionais sobre a temática?

- “ Nessa questão de bibliografia para mim, o mestrado foi tão difícil quanto agora, pois quando pensamos em referências lá no final do século XX tem uma imensidão no que se trata de Brasil, porém, entrando no Mato Grosso e Rondonópolis especificamente tem muito pouco e sobre esse tema temos pouquíssimos, então sobre o jornal Tribuna de Rondonópolis não tem e as pessoas da academia me questionavam como que será justificado esse trabalho se não tem material? É importante trabalhar também com a produção ausente. (Sousa, 2024,p.3).

Ao longo de sua jornada de mestranda a pesquisadora reflete algo muito comum para estudantes da pós-graduação, é possível perceber as contribuições que são feitas quando alguém de fora da pesquisa ou um membro da banca sugere alguma leitura ou abordagem e como isso impacta diretamente no resultado do trabalho:

No meu período anterior à qualificação do mestrado tive muita dificuldade em encontrar algo sobre Rondonópolis aí na qualificação, um dos membros da banca, o professor Jones que hoje é reitor aqui da universidade (UFGD) ele acabou produzindo um trabalho sobre Rondonópolis e ele pesquisou sobre aquele processo migratório da região sul para o Mato Grosso, no Centro-oeste, e acabou indicando trabalhos sobre esse processo de migração, mas ainda é mais aqueles trabalhos pioneiros. Sobre as mulheres um meio de tentar suprir aquilo que não tinha escrito foi mapear os trabalhos nos programas de pós-graduação da área da educação em Rondonópolis, programas de História da UFMT, UFGD e da UEMS de Paranaíba que tem uns trabalhos legais

lá, mas assim, não são muitos que têm dessa forma me ajudou a fechar essa parte do referencial teórico”. (Sousa, 2024, p.3).

No que diz respeito a Mato Grosso do Sul, a autora faz um breve levantamento das obras que se preocupam em contar essa história das mulheres na região citando os trabalhos com maior relevância na temática. Reforça a escolha de dividir seu trabalho em três seções:

Com base no contexto histórico apresentado na revisão de literatura, acerca dos estudos sobre as mulheres e sua interface com a imprensa, este trabalho se organiza em três capítulos: no primeiro capítulo discutimos os estudos históricos sobre a cidade de Rondonópolis a partir de duas vertentes historiográficas e o contexto em que nasce o A Tribuna, como este meio de comunicação surgiu na cidade, como era realizada a sua circulação. O jornal foi escolhido como elemento de análise em virtude de ser um jornal com credibilidade, circula há décadas na cidade e tem acompanhado o crescimento da cidade de Rondonópolis ao longo dos anos. (Sousa, 2018, p.34).

A segunda seção se atém a apresentação das categorias que foram criadas a partir de leitura das notícias do jornal em que apareciam informações sobre variadas” como, por exemplo, mulheres na política, educação, crimes de infração, mulheres e representações sociais”. (Sousa, 2018, p.34).

A terceira seção surge a partir da observação por parte da pesquisadora sobre as seções presentes no jornal que acabam aparecendo assuntos direcionados ao público feminino como A Página da Mulher, Acontecendo, Aqui, Roo e Sociedade e Cultura em: Desabapho, que acabaram sendo agradáveis descobertas que a historiadora encontrou em seu processo de análise das fontes:

Quais foram às descobertas mais interessantes que sua pesquisa te proporcionou?

- “ No mestrado vamos com a ideia tão bonitinha, fechada, mas quando vamos diretamente para a fonte temos de estar aberto aquilo que aparece ali, porque muitas vezes o que tem na fonte não é bem o que inicialmente se procura. Um exemplo disso foi meu terceiro capítulo da dissertação que foi tudo algo encontrado sem uma procura, uma surpresa mesmo, eram as seções que tinham relacionadas às mulheres (pasta da mulher e pasta denominada acontecendo), tinham umas cinco páginas dentro dos jornais que não eram direcionadas especificamente para a mulher, mas eles tinham muitos assuntos sobre o tema, o que deu para produzir um capítulo e ainda sobrou muito conteúdo para produção de artigo posteriormente. E dentro do jornal temos os temas, mulheres na política, as mulheres da educação e assim eram os temas que foram aparecendo no jornal, então é necessário estar aberto a esses e outros temas, então acabou-se ampliando a pesquisa e também descobrimos outras coisas que dão para aperfeiçoar dentro do nosso trabalho também. Agora no doutorado estou fazendo mais uma pesquisa do tempo presente que é de 2000 a 2020 e acho que agora já tenho muita coisa do jornal que eu não sei se eu vou dar conta desses vinte anos em dois periódicos (jornal a Tribuna e o folha regional) e a partir das leituras desse material percebi que tem muita coisa, aí o que estou fazendo, estou escrevendo e depois vou retirando, afunilando porque é mais fácil retirar do que acrescentar porém mesmo assim ainda sei que terei muito trabalho pois é muita coisa e meu orientador questionou como será em minha qualificação quando a banca pedir que recortem pela metade sua pesquisa, pois tens muito material, aí penso que é melhor levar muito material do que ficar em falta, na visão dele tem muita coisa que já dava para cortar agora, só que estou encantada com tudo isso, aí na qualificação eu iria ver a banca afunilar bem o objeto de estudo”. (Sousa, 2018, p.2-3);

Preocupa-se em demonstrar a maneira que as mulheres apareciam nesses recortes midiáticos e a autora chama a atenção que a forma que as seções do jornal foram organizadas em sua maioria por mulheres e não somente mulheres da elite, mas toda a variedade feminina possível dá mais variada classe social ou realidade ao qual essa mulher estivesse inserida.

Cabe reiterar, em síntese, que a opção por investigar a representação sobre as mulheres em Rondonópolis nas páginas da imprensa não ficou circunscrita a buscar notas que se referiam apenas aquelas mulheres em que apareciam com cargos elevados classicamente como modelo padrão para a sociedade, mas tentando /mulheres em que ocupavam espaços e posições diferentes, no período, tentamos perceber quais eram os enlaces em que o jornal dava preferência a notícias sobre mulheres. (Sousa, 2018, p. 35).

No que diz respeito aos aspectos históricos da cidade de Rondonópolis e ao jornal A Tribuna a seção discute o contexto do jornal A Tribuna e também o contexto da cidade de Rondonópolis que ao longo do século XX sofreu as consequências da política de Vargas, a chamada Marcha para o Oeste que permitiu a intensa expansão e exploração agrícola no interior do país:

O resultado foi à transformação de estados como Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul em verdadeiros celeiros, produtores principalmente de grãos, com destaque para a soja voltada à exportação. Neste contexto, a cidade de Rondonópolis, situada no estado de Mato Grosso, passou por esse processo desde antes de sua emancipação política. (Sousa, 2018, p.36).

A seção foca em mostrar toda a trajetória histórica da cidade de Rondonópolis, desde sua fundação até informações referentes ao contexto geográfico da cidade como localização, divisas, demonstrando as transformações ocorridas ao longo do tempo, processos de migração no período de 1950 a 1990 com salto populacional que foi dos 2.888 para 126.627 mil habitantes; de acordo com Sousa (2018) “no período de 1950 a 1991 a cidade teve o crescimento populacional de 123.739 habitantes.” aproveitando também para pontuar todos os ciclos de desenvolvimento da cidade, sendo eles:

- Expansão do comércio e serviços juntamente com a chegada dos migrantes;
- Processo de migração do campo para a cidade;
- O aumento do fluxo populacional que ocorre com a chegada dos anos de 1960 e 1970;
- Aceleração do processo de expansão capitalista na década de 1970;
- A migração dos gaúchos nas décadas de 1970 e 1980 e todas as suas particularidades;
- 1980- Fase da fronteira agrícola com a consolidação do município na cadeia produtiva agroindustrial no Brasil e mundo. Fase esta que ocorre até os dias de hoje.

O Tribuna do Leste, como foi inicialmente conhecido, foi fundado em 7 de junho de 1970. Souza (2018) pontua ‘‘Fundado inicialmente como O Tribuna do Leste, em 7 de junho de 1970, nasceu com esse nome relacionando-se ao pertencimento de Rondonópolis ao leste do estado de Mato Grosso’’, que com a divisão do território e surgimento do estado de Mato Grosso do Sul e sua mudança geográfica para o sul do estado de Mato Grosso, a partir de 1978, assume o nome de A Tribuna, se tornando periódico de renome em sua região.

A autora descreve as particularidades do jornal ao longo de sua escrita, com informações detalhadas sobre organização e materialidade do periódico, mostrando pleno entendimento dos elementos mais centrais de sua fonte de pesquisa:

O jornal O Tribuna do Leste, na década de 1970, era distribuído de segunda a sexta-feira, com 16 páginas e nelas continham: notícias sobre Rondonópolis, Mato Grosso e Brasil; temas como economia, agricultura e política, além disso, havia a parte policial, esportiva e de entretenimento. Contava com espaço para coluna social, palavras cruzadas, resumo de novelas, horóscopo, piadas, enfim, um conteúdo mais leve para descontrair o leitor. Por último, o jornal termina com a sessão de classificados. (Sousa, 2018, p.49).

Quanto às características e apreciações ideológicas do jornal fica claro para a pesquisadora que o jornal não fosse feminino e ao menos se considerava um jornal com viés feminista, entretanto, era possível observar em suas páginas concepções e valores expressos sobre as mulheres, principalmente na chamada ‘‘Página da mulher’’, que era o único espaço voltado ao público feminino propriamente, ou seja, por meio dessa análise é possível observar as representações sobre as mulheres rondonopolitanas.

O presente tópico se desenrola para discorrer questões de gênero discutidas na mídia e de qual forma as mulheres sofrem preconceito, principalmente no que diz respeito à política. Em diálogo com a pesquisadora, foi comentado a respeito dos desafios de tratar a temática de gênero nos dias atuais:

Em sua opinião, quais os desafios em tratar a temática de Gênero nos dias atuais?

- ‘‘ Dentro da nossa região sabemos que no contexto em que a nossa sociedade vive, nosso estado mesmo, digo aqui em Dourados onde moro a oito anos e posso falar pois conheço bem dependendo do ambiente que eu vou falar ou algo assim eu não posso tocar no tema pois fico receosa, é complicado pois aqui a maioria se considera Bolsonaroista e então eles detestam esse tema. Dentro da universidade eu me sinto em casa, agora fora eu não sei, porque eu não conheço bem a população que terei de enfrentar e com relação a aceitação até mesmo dentro da universidade ainda temos professores dentro da área das ciências humanas que apoiam esse viés de uma história mais conservadora e infelizmente ainda lidamos com o mal da extrema direita em nosso país. (Sousa, 2024, p. 4).

A autora passa a descrever as características referentes à organização do jornal A Tribuna:

Na década de 1980, o jornal A Tribuna circulava de segunda a sexta-feira, não havendo publicações aos finais de semana e nem feriados, poderia ser adquirido na própria redação, localizada na Avenida Bandeirantes, e em espaços localizados no centro da cidade, em espaços de comércio (supermercados, lojas) e entregue nos domicílios de seus assinantes. O jornal era composto por dezoito (18) páginas, organizado entre espaços editoriais permanentes e outros que se alternavam entre os dias da semana, outras mensalmente, sendo: Editorial, Acontecendo, Propagandas, Página da Mulher, Notícias, Etc... E, Tal, Coluna do Matraca, Quem & Quem, Aqui, Roo. O jornal também conta com a publicação de temas avulsos, ou seja, sem vinculação específica a uma seção temática, como Economia, Agricultura e Política, além disso há também a parte policial, esportiva e de entretenimento. Na notícia 55 publicada no dia 09 de junho de 1985, com o título “A Tribuna novos preços”, aborda sobre o número de assinantes do jornal na década e o valor que era vendido no período diariamente. (Sousa, 2018, p.55-56).

Foi também na década de 1980 que o periódico se consolidou como o principal meio de comunicação de Rondonópolis e região, sendo amplamente conhecido pelos leitores da cidade tendo seu reconhecimento inclusive fora da região de influência Sousa (2018) aponta que ‘Foi o único jornal de Mato Grosso que participou do 1º Congresso Brasileiro de Jornais do interior, sendo representada pela diretora Maria Janice Logrado de Souza’.

Ao apresentar um panorama sobre as representações femininas dispostas no jornal, sendo feita a leitura dos exemplares pela pesquisadora para que fosse montado um banco de dados que contemplasse as informações desejadas. A organização demonstra as categorias das quais as mulheres aparecem no periódico, sendo elas:

- Mulheres e educação;
- Mulheres e o cenário político e judiciário;
- Mulheres e representações sociais;
- Mulheres em situações de violência e/ou infração penal.

É também nessa seção que a autora inicia a análise propriamente dita de sua fonte, trazendo as notas expostas no jornal, comentando e discutindo acerca das notícias a partir da perspectiva de Representações do historiador Roger Chartier. No tópico denominado Mulheres e educação passam a ser amplamente discutidos nas páginas do A Tribuna:

As demandas por estudo, aprendizagem da leitura e escrita, formação escolar com vistas à colocação profissional são entendidas como necessárias, nos espaços públicos e de acesso à informação, como se pode observar nas notícias mapeadas entre os anos de 1970 a 1990, que tratam da relação das mulheres com o campo educacional. Essas notícias variam da esfera nacional à regional. (Sousa, 2018, p.61).

Ao longo da década as notas passam a ter um teor mais de controle do comportamento feminino, com reportagens que enaltece essa mulher recatada, boa esposa e mãe dedicada:

Investindo em um discurso que promove práticas consideradas adequadas à conduta das mulheres, pautadas nos exemplos desejáveis para a sociedade do período, no dia 25 de novembro de 1980, a notícia “O 9.o mandamento” apresenta uma entrevista, transcrita em discurso indireto, do frei Otaviano ao redator do jornal, na qual 64 o mesmo nomeia as mulheres “oportunistas e doutrinárias” (A Tribuna, n.1.208,

25/11/1980, Editorial). Nessa conversa, é patente o posicionamento do Frei em relação às formas de condutas das mulheres, as profissões assumidas, dignas e indignas, na percepção do Frei, corroborando para a defesa da moral, bons costumes e integridade social, as quais, indiretamente, o Jornal referenda conforme a imagem que segue, sendo possível visualizar a extensão que o texto ocupa, na primeira página do jornal. (Sousa, 2018, p.64-65).

A tal entrevista com o frei Otaviano, membro do clero da igreja matriz da cidade e paróquias anexas de Itiquira e Jaciara, apenas reforça para a manutenção do status feminino na sociedade, impondo que as mulheres poderiam trabalhar e estudar mas acima de tudo deveriam se preocupar em arranjar um bom casamento, ao que ele chamou de Sousa (2018) casar com um homem de caráter e simples mesmo que não fosse rico mas que a trate bem para quando seus filhos crescerem eles sintam orgulho dos mesmos e possam se espelhar neles para serem pessoas de bom caráter. Ao decorrer da entrevista também pontua sobre a importância da mulher recatada, que poderia trabalhar, no entanto, o casamento era o centro da sociedade, ou seja, para frei Otaviano as mulheres não só poderiam como deveriam conquistar seu espaço, ter uma vida digna, trabalhar e estudar e por fim se consolidar como ótima esposa. Discursos assim reforçam o estereótipo contemporâneo, duramente criticado onde temos o conceito de “mulher guerreira”, que necessita se provar a todo tempo, sendo excelente em todas as funções que se propõe, sendo feitas com o máximo de excelência, e tal desenvoltura e elegância é cobrada especialmente a nós, cabendo aos homens serem medianos ou até mesmo medíocres.

Na continuação da entrevista o Frei reforça seus argumentos munidos de passagens bíblicas, ditas por ele como inquestionáveis:

“Casai-vos e multiplicai-vos”, diz o evangelho, “vou curtir aquele coroa e tomar a grana dele” dizem as concubinas deslumbradas, já com a maldade latente nas nefandas intenções. Mas as vítimas acabam sendo elas mesmas. Esses machistas, que envergonham a sociedade e não raro as suas famílias quando são descobertas as suas atividades extraconjugais, usam as concubinas como se usam as joias e bijuterias. Tem um dia certo para serem usadas e mostradas e um valor intrínseco dado a cada uma. Embora todas essas infelizes deslumbradas sirvam sexualmente de forma idêntica, elas têm retribuição diferente. Algumas são regamente pagas e assistidas por esses machistas, moram em apartamentos no centro, bem decorados e equipados, e recebem gordas mesadas. Outras mais infelizes, tem que se contentar com uma moradia paupérrima, até sem luz elétrica, e quando solicitadas são conduzidas no carro para um lugar alures e ali praticarem o nefando ato sexual espúrio. Elas as vezes além do direito de morar em casa paupérrima, recebem alguns favores ou trocados. (Apud A Tribuna, n.1.208, 25/11/1980, Editorial, Sousa, 2018, p.66).

Na percepção do entrevistado, a mulher é tida como objeto que pertence ao homem, isso baseado e alicerçado a partir do discurso religioso que confere legitimidade a tal pensamento. Por fim, a autora observa uma fissura entre o que era dito e o que acontecia na prática, no que ela chamou de fissuras da representação da estabilidade:

Em grande parte das notas publicizadas no A Tribuna, tem-se a percepção de um cotidiano harmônico e estável na cidade de Rondonópolis, balizado pelas preocupações sociais e equidade de direitos e deveres. No entanto, a entrevista com frei Otaviano nos permite perceber fissuras nesta representação de estabilidade do feminino. Contudo, há um modelo educacional evidente, considerado correto a ser seguido. (Sousa, 2018, p.67).

Ao longo de sua escrita a autora fará diversas discussões e problematizações acerca das notícias expostas no jornal, assim como foi feito anteriormente e assim o faz em todos os tópicos de acordo com as categorias descritas a priori, sendo então na respectiva ordem:

- Mulheres no cenário político e judiciário: onde as mulheres são apresentadas, segundo Sousa (2018) serão apresentadas as mulheres no cenário político e judiciário. Busca-se perceber como as mulheres eram inseridas neste cenário ocupado majoritariamente por homens no cotidiano tanto estadual como local.
- Mulheres e representações sociais, relacionadas à forma como homem e mulher interagem perante a sociedade.
- Mulheres em situações de violência e/ou infração penal, que demonstra as fragilidades das mulheres com relação às desigualdades de gênero e suas respectivas lutas no cenário político e geográfico do país.

Ao fim da seção a autora justifica a perspectiva que conduziu a análise:

Em síntese, a perspectiva que norteou o exame das fontes revela: que o jornal evidencia as mulheres em vários contextos sociais, ocupando cargos públicos, espaços de profissionalização e educacional, mas também reforça uma conduta moral e conservadora imputada às mulheres. No próximo capítulo apresentaremos o esforço de organização, sistematização e análise das seções destinadas ao público feminino, boa parte com mulheres à frente de sua organização. (Sousa, 2018, p. 99).

No que diz respeito a sua pesquisa e os frutos que ela pode gerar, a autora comenta:

Em sua vivência, quais as contribuições que a sua pesquisa traz ao meio acadêmico?

- “ Tiro por Rondonópolis, por exemplo, produzem bastante trabalhos então acho que sim, pelo menos vai ser um trabalho que vai crescer sobre esse contexto da cidade, nem que seja só um pouquinho, mas pelo menos irá abordar sobre essa temática, vai trazer algo em que outras pessoas culturalmente consigam perceber e ampliar a percepção sobre o tema, sobre gênero, enfim. Espero que outras pessoas façam outros trabalhos, abordam de maneira mais ampla, pois tem muita coisa para pesquisar no jornal, tem tanta coisa que não é possível dar conta de tudo e se espera que vão surgindo mais pessoas e que produzam mais pesquisas dentro dessa temática, que vejamos outras pessoas pesquisando é que se torne algo conhecido da nossa região, não somente entre os pesquisadores, mas no contexto das escolas, da educação básica, acho interessante. E aí também a gente acaba meio que abrindo portas para coisas novas criando um leque de possibilidades para os futuros pesquisadores que estão vindo aí. (Sousa, 2024, p. 4).

A seção seguinte apresenta o resultado e sistematização e análise sobre o tema, trazendo notas especificamente voltadas ao público feminino, e a forma como essas mulheres eram representadas no periódico, sendo elas:

- **Página da Mulher:** com circulação iniciada em 1974, com assuntos de moda feminina. Segundo Sousa (2018) Teve seu ciclo final em 1975; nesse um ano de circulação a sessão teve 12 publicações, com periodicidade mensal.
- **Aqui, Roo:** Semelhante a uma coluna social, trazendo notícias sobre o carnaval da cidade, desfiles e eventos. A autora descreve a sistematização desse espaço, Sousa (2018) com ciclo inicial em 13 de janeiro de 1980, era publicada semanalmente e teve sua circulação encerrada em 1981, com 20 notícias com assuntos ligados às mulheres.
- **Sociedade e Cultura em Desabapho:** Trazia diversas entrevistas com mulheres do cenário local, a autora comenta:

Teve sua primeira publicação no jornal em 21 de março de 1981. As entrevistadas eram mulheres na sua maioria migrantes, que, ao chegarem a Rondonópolis, encontraram-se estabelecidas em seus espaços de atuação ou vivência pessoal e com formação escolar consolidada. Neste período de circulação houve 19 entrevistas publicadas. A seção encerrou sua publicação no ano de 1983, sem justificativas por parte da sua colunista. (Sousa, 2018, p.101).

Acontecendo: com foco em eventos cotidianos:

Teve sua primeira edição publicada no jornal em 12 de novembro de 1982. Nos oito anos em que a seção circulou, somou noventa e seis 101 notícias, destas vinte e duas eram especificamente sobre a temática das mulheres. A coluna encerrou-se em 1990, devido, segundo consta no jornal, à mudança da responsável para Cuiabá. (Sousa, 2018, p.101-102).

A denominada página da mulher, voltada para informar e entreter as moças e senhoras, dando as mais diversas dicas de maternidade, moda e beleza.

Esta página trazia informação e entretenimento para as senhoras e as moças. Dando dicas às mães de como manter o corpo e o lar saudáveis, bem como às filhas com dicas para se **darem** “bem no amor”, incentivando as moças a manifestarem seu charme a fim de conquistarem um bom partido, ou seja, eram os rapazes que eram apresentados em “Os partidões do Recanto” possuíam atributos como beleza, simpatia e formação profissional, e alguns com destacada posição social. (Sousa, 2018, p.103).

Ao espaço denominado **Aqui, Roo**, possuía assuntos sobre mulheres trabalhadoras, moças que vivam fora da cidade, sejam porque estudavam ou por motivos de trabalho e no período de férias faziam visitas às suas famílias:

Com publicações semanais e com assuntos sobre: as mulheres trabalhadoras, moças que estudavam fora da cidade e que faziam visitas a seus familiares nas férias, e atuação das mulheres na comunidade local. Na primeira edição da seção intitulada **Aqui, Roo**, publicada no dia 13 de janeiro de 1980, apresentam-se os cinco blocos de informações que levam os títulos: “As Roomânticas” tópico direcionado ao público feminino, “Rodapé”, “Uma Rosa, Com Louvor”, “Roteiro”, “Gapula Filosófica” e “Sem Rodeios”. (Sousa, 2018, p.109).

A seção denominada Sociedade e Cultura em: Desabapho realizava entrevistas com mulheres da cidade, foi iniciada no dia 21 de março de 1981, com sua primeira entrevista, pontua:

Nesta primeira edição, a redação do jornal faz uma homenagem às duas filhas da diretora e proprietária do A Tribuna, Janice Logrado, pela passagem de aniversário, deixando os parabéns e realizações para a família. No dia 24 de junho de 1981, esta sessão trouxe ao conhecimento de todos os leitores, opiniões de pessoas pertencentes à comunidade, que através de suas ações e personalidades respondem questões sobre a vida em comunidade. (Sousa, 2018, p.114).

Neste espaço foi possível observar a presença do debate acerca da entrevista sobre a emancipação feminina, o que também demonstra a tentativa do jornal em se ater a questão dos debates sobre o feminismo que estavam em voga nos anos 80:

Até a década de 1960, a mulher não tinha voz ativa e vivia sempre em função de terceiros, quando não era submissa ao pai devia estar subordinada ao marido. Mas, ao final sempre estava dominada pela figura masculina. A década de 1960 foi considerada por muitos historiadores, entre eles Margareth Rago, como um ponto de partida para a revolução das mulheres na história. (Sousa, 2018, p.116).

Foi possível assim captar diferentes pontos de vista acerca de uma mesma temática, sendo a primeira delas, Heloísa, que quando perguntada sobre a emancipação feminina, tem sua resposta comentada por Sousa (2018) ‘Na opinião de Heloisa, as mulheres desde que se propuseram a lutar por seus ideais enfrentaram muitas barreiras. As feministas lutavam por direitos, como por exemplo, na luta pelo espaço no mercado de trabalho, escolarização, liberdade de ir e vir’.

Nesta mesma edição a segunda entrevistada, a senhora Clemilda:

Clemilda, na conversa com o redator do jornal, afirma que o jovem desta geração (1970-1980) e mais aberto ao diálogo, tem disposição para as coisas da sociedade, na parte sobre a emancipação feminina, entende que as mulheres podem e devem sair para o trabalho e manter o convívio em sociedade, e que é útil para a mulher estar neste meio social juntamente com as oportunidades que lhes cabem por direito. (Sousa, 2018, p.118).

A edição de 28 de julho de 1981 foi à vez da entrevistada Adriana Cruzeiro Degásperi, garota de 15 anos de idade que estudava na cidade de Uberlândia, em Minas Gerais, Adriana comenta sobre sua rotina e a respeito da emancipação feminina:

Na entrevista da jovem Adriana, podemos perceber que o seu cotidiano, mesmo morando em outra cidade, longe da família, estudando em Uberlândia, tem como propósito a carreira profissional. Ela entende que a escola é um lugar de adquirir conhecimentos e acredita que isso é essencial para o seu desenvolvimento. Com relação à emancipação feminina, acredita que mesmo com todas as conquistas das mulheres, ainda estas se realizam com o casamento e com os filhos, mas entende que o trabalho fora de casa é uma realização importante para a vida da mulher, pois ela sente-se envolvida num todo e que todas já conseguiram direitos, que nas gerações passadas não eram possíveis. (Sousa, 2018, p.119-120).

A entrevista com a jovem Isabela Cristina C. Duarte a jovem opina sobre jovens, educação e emancipação feminina.

Nas respostas de Cristina, percebemos ser uma jovem engajada com os temas atuais, sobre a questão das mulheres, ela reconhece as conquistas, mas que ainda há muito a ser feito para que as mulheres tenham seu espaço reconhecido e não sofram preconceitos, principalmente por parte dos homens. Com esta edição, a seção encerrou a circulação no jornal A Tribuna, apresentando uma visão otimista sobre a atuação feminina em vários segmentos do mercado de trabalho, mas ressaltamos que as mulheres entrevistadas se configuram como exceções em suas respectivas áreas. (Sousa, 2018, p.121).

A seção Acontecendo circulava todas as terças feiras, tendo seu ciclo inicial no jornal no dia 10 de novembro de 1982, noticiando propagandas de lojas locais com modelos da cidade, de acordo com Sousa (2018) Lena Gutierrez “A colunista abre a primeira aparição da seção com o chamativo para o festival de dança na cidade, o evento contaria com bailarinas experientes de outras cidades.”

Nos anos de 1983 a 1986 a coluna silencia sobre propagandas e afins, assim como se compromete no início e a partir do ano de 1987 aumentar seu tamanho material, passando a ocupar duas páginas com o objetivo de publicar notícias sobre mulheres, anúncios e propagandas de diversos assuntos.

Entre os anos de 1983 a 1986, a coluna silencia sobre o tema pesquisado. No ano de 1987 a seção Acontecendo passa a ocupar duas páginas no jornal, que além de publicar notícias sobre as mulheres, também eram publicados anúncios e propagandas, de variados assuntos. Na edição publicada nos dias 26 a 29 de setembro de 1987, foi publicada a notícia sobre a festa de Primavera Cultural, que tinha como uma das organizadoras a prof.^a Marlene Oliveira Santos. (Sousa, 2018, p.123).

Ao fim da referida seção, a autora reflete sobre a análise das seções do jornal:

Após análise das quatro seções no jornal A Tribuna, sobre as mulheres, publicadas de 1974 a 1990, percebe-se que são feitas menções às mulheres da cidade, sempre em todas as seções há uma mulher que protagoniza a matéria. Isso é relevante, pois embora sobre temas superficiais, eles fazem parte do cotidiano das mulheres. (Sousa, 2018, p.129).

3.2 SOBRE OS AFAZERES DOMÉSTICOS E AS DICAS DE CIVILIDADE: AS REPRESENTAÇÕES DO FEMININO NO PERIÓDICO TRIBUNA (CORUMBÁ, 1950 – 1959)

A historiografia do século XIX acompanha a consolidação da História como ciência e nesse primeiro momento essa área de conhecimento passa a ter características e viés positivista, possui seu enfoque nos príncipes e reis, grandes homens e seus grandes feitos, se consolidando como ciência masculina e elitista com ausência de narrativas que abraçam as pluralidades da

sociedade ou seja, pensada para determinado grupo social, geralmente minorias (homens, com status social e boa família, brancos e letrados) dispensando todo o restante que não se adequasse a tal exigência

Só com o amadurecimento da historiografia a partir de movimentos como a Escola dos Annales foi possível a ampliação de grupos contemplados pelos estudos da História e a partir desse movimento foi possível observar o advento de outros movimentos que se preocupavam em estudar os eventos históricos a partir da narrativa e perspectiva de grupos minoritários e um desses exemplos vem com a História social, que enaltece a pluralidade dos indivíduos.

A pensar Mato Grosso do Sul como um estado recém-criado, em 11 de outubro de 1977 a historiografia sul mato-grossense surge já na primeira década do século XX e mais uma vez, acompanhando a norma, tinha traços fortes da presença do positivismo com relatos que privilegiam os grandes feitos. É possível observar a partir dos relatos a respeito da Guerra do Paraguai, importante para a historiografia, pois reforça esse ideal positivista citado anteriormente dando espaço aos grandes homens e grandes feitos enquanto marginaliza minorias como mulheres, idosos e crianças que acabam nem sendo mencionados nas narrativas o que dá a impressão de que esses grupos foram subservientes, que pouco ou nada movimentavam a sociedade sendo alheias a um grupo superior que estivesse tomando as decisões sobre a vida de todos e em Corumbá isso não é diferente, pois a influência da História tradicional ainda existe contudo, é observado um crescente aumento de temáticas voltadas a contar a História dos sujeitos silenciados pela História.

O trabalho supracitado conta com a análise de 1831 edições do periódico Tribuna que não possui suas publicações digitalizadas então a pesquisadora precisou utilizar do recurso do registro fotográfico para a análise da documentação.

Este trabalho tem por objetivo analisar as representações do feminino propagadas pelo periódico Tribuna por meio da coluna Sociais ao longo do recorte temporal de (1950 a 1959) a partir do diálogo com a História cultural, História das mulheres e estudos de gênero para analisar os discursos que constroem as representações do feminino que são produzidas pelo jornal.

A seção Sociais constitui o foco de nossa análise. Nossa hipótese é que ela seja pensada para o público feminino, pois a maior parte das dicas sugere como uma mulher deve se portar 13 diante de outras pessoas ou indica a maneira correta de cuidar das crianças e da casa. As receitas culinárias, as dicas de moda e beleza e a presença de poesias ou trechos de textos que representam a mulher como um ser frágil e emocional e o homem como um ser forte e racional reforçam nossa hipótese. Nota-se uma propagação dos papéis de gênero constituídos através dos contrastes entre natureza/cultura, razão/emoção, frio/quente etc. Essas oposições são utilizadas para estabelecer e justificar as diferenças de gênero. (Dos Santos, 2021, p.12-13).

No diálogo feito com a pesquisadora Lídia, ela explica como se deu o processo de busca dessas fontes:

Qual o estado físico de conservação dessas fontes? O local onde foram encontradas? Tinham passado pelo processo de digitalização?

- “Essa questão das fontes é sempre problemática, porque as fontes não estavam todas organizadas, então eu e meus colegas estávamos no processo de organizar os documentos, quanto ao jornal Tribuna, esse já estava minimamente organizado e separado por décadas 40 e 50. Os periódicos estavam separados por uma folha em branco com o ano de publicação, no entanto, não estavam digitalizados. Então essa documentação ficou por muito tempo esquecida ali, parece que alguém fez a doação do jornal pra universidade e ele ficou por lá até que a técnica do laboratório no período organizou esses jornais e outros documentos que estavam ali naquele espaço, o jornal foi dobrado no tamanho de uma folha A4 sendo que era um jornal bastante grande, pensando na materialidade dele e para guardá-lo eles acabavam dobrando e não poderia dobrá-lo. Com isso quando fui manusear esses jornais eles foram se despedaçando, pois é muito tempo dobrado e se deteriora mais rápido. Por fim, os exemplares da data de 50 que foram meu objeto de pesquisa fui ter contato no ano de 2017 a partir daí, com todo cuidado tive que fotografá-los, um por um todas as páginas e por mais que o objetivo principal fosse analisar a coluna “Sociais” tive que fotografar tudo, até mesmo para ter contato total com o documento e ter acesso a outras informações como editores, redatores, número de páginas, propagandas e algo que pensei durante a dissertação foi se as mulheres apareciam em outros espaços do jornal para além da coluna e por conta desse questionamento fiz todo esse procedimento de fotografar os jornais.” (Dos Santos, 2024, p.1-2).

A coluna perpassa por um período que vai dos anos de 1945 a 1964 no Brasil conhecido como anos dourados, representando um momento de mudanças no campo político e cultural de nossa história, marcado por trazer de volta o ideal de vida burguesa e o tipo feminino considerado o ideal que respeite o protagonismo masculino defendendo a valorização da família onde homem e mulher/ pai e mãe possuem papéis muito bem definidos.

No desenvolvimento do seu texto, a autora da pesquisa traz o conceito de Conduta de Michel Foucault como uma das respostas para associar a dinâmica entre o jornal Tribuna e o leitor como uma relação de poder:

A dinâmica entre o Tribuna e o seu público leitor caracteriza uma relação de poder. Um indivíduo ou grupo responsável pelo jornal utiliza este meio de comunicação para expressar e impor sua visão de mundo, sua concepção de família e dos papéis que cada um dos integrantes do núcleo familiar (pai/mãe, esposa/esposo) devem desempenhar cotidianamente. Vale ressaltar que esses discursos que constroem representações do feminino desejam levar a mulher, público-alvo da seção Sociais, a um processo de subjetivação, no qual ela é induzida a crer na existência de uma essência feminina e começa, gradativamente, a se submeter às dicas para alcançar um modelo de mulher ideal. (Dos Santos, 2021, p.14).

Retomando o foco para a historiografia tradicional que via a imprensa como uma fonte subjetiva e de pouca credibilidade sempre reafirmando sua soberania masculina é importante ressaltar que não apenas no campo dos estudos sociais, mas, a religião, no nosso caso o cristianismo, e medicina e a psicologia também acabam reproduzindo discursos que reforçam

e naturalizam esses papéis muito bem delimitados do que é considerado de natureza feminina ou masculina.

A referida pesquisa trabalhou com a noção de representação do historiador Roger Chartier, um historiador francês vinculado à quarta geração da supracitada Escola dos Annales, sendo um dos principais nomes da História Cultural.

Ao final da introdução a autora conta um pouco melhor sobre sua trajetória acadêmica e como seus caminhos a levaram aos estudos de gênero:

É interessante comentar que a atual pesquisa de mestrado dá seguimento a um estudo que começou no curso de graduação de História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus do Pantanal, e foi apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), intitulado “Os discursos e um ideal: representações do feminino/masculino nos jornais de Corumbá”. (Dos Santos, 2021, p.20).

Ao ser entrevistada Lídia acabou aprofundando um pouco mais nessa questão:

Como foi o acesso a essas fontes?

- “Tudo se iniciou em uma participação na iniciação científica voluntária porque no período não havia bolsa e eu comecei no projeto de higienização dos documentos que ocorria na unidade 3 do CPAN (CAMPUS DO PANTANAL-CORUMBÁ-MS), no laboratório de documentação regional e ali, higienizando os documentos tive contato com o jornal e depois com a coluna “Sociais” que foi o que mais me chamou atenção nesse periódico. A partir daí conversei com a professora que até então não era a minha orientadora, mas acabou se tornando e vi a possibilidade de trabalhar com a temática de mulheres e gênero analisando esse jornal”. (Dos Santos, 2021, p.1).

Quanto às motivações pessoais, a autora afirma que sempre houve diversos questionamentos que a acompanharam durante toda sua vida no que diz respeito a liberdade feminina e o que era permitido ou não ser feito com base em questões de gênero e se estende explicando que dentro da universidade pode explorar esses questionamentos tendo acesso a grupos de estudos sobre gênero e feminismo e posteriormente a leituras que o ajudaram a entender sobre essa temática.

O que te motivou/ levou a pesquisar sobre essa temática? - “Bom, eu acredito que o fato de eu ser mulher já traz algumas curiosidades. E aí junta com a questão da universidade, questionamentos que eu já tinha, da vivência, daquilo que mulheres não podiam frequentar tais lugares, não podiam fazer determinadas coisas e isso sempre gerou um questionamento. E na universidade acho que é um espaço que a gente consegue algumas respostas para, entender melhor o porquê existem esses discursos, a razão pela qual podemos ou não frequentar determinados locais ou ocupar determinados cargos, e para além disso, foi lá que comecei a participar do grupo de estudos de gênero, pesquisas leituras e estar nesse grupo de estudos me ajudou muito, uma vez que tive acesso às obras dos estudos de gênero, história das mulheres discutida de forma mais real, que abordavam a situação da mulheres, e que na grade do curso mesmo eu não teria tempo e nem conseguiria ter tido contato. Isso abriu infinitas possibilidades de leitura, o que também acabou me levando para esse caminho do interesse em pesquisa sobre mulheres e gênero”. (Dos Santos, 2024, p.1).

A pesquisa está dividida em três seções:

- Seção 1, intitulado o Corumbá: os aspectos históricos e os vestígios sobre a condição feminina na localidade são apresentados um histórico breve da cidade de Corumbá onde traz informações sobre a participação das mulheres no processo histórico da cidade;
- Seção II, intitulado TRIBUNA: “o jornal mais antigo em circulação no estado de Mato Grosso” onde é feita algumas análises a respeito da fonte escolhida.
- Seção III, denominado Os discursos de um tempo passado/presente: as representações do feminino nas páginas do Tribuna, onde são analisadas as representações do feminino a partir das dicas presentes na coluna Sociais.

A seção denominada Corumbá e a analogia do sertão cosmopolita traz a ideia de que devida à distância pelo qual a cidade de Corumbá tinha dos grandes centros isso repassa uma sensação de atraso no que diz respeito às inovações que outros lugares tinham acesso no período referente ao final do século XIX e início do século XX onde a cidade vivia entre duas faces de um lado, um lugar que estava rumo à modernidade com uma elite corumbaense que investia em casarias em arquitetura e em modernizar a aparência da cidade e dividia esse mesmo espaço com a população pobre que não tinha nem o básico para poder sobreviver de forma digna, iniciado com as informações referentes a localização geográfica da cidade de Corumbá:

Pertence ao atual estado de Mato Grosso Sul e faz fronteira com a Bolívia. Reconhecida como a capital do Pantanal, a cidade situada à margem direita do Rio Paraguai é constituída pelos distritos de Porto Esperança, Forte de Coimbra e Albuquerque e tem Ladário como seu município vizinho. Entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX, a localidade foi considerada um importante centro comercial e ganhou destaque por seu cosmopolitismo no interior da/o Província/Estado de Mato Grosso. Fazendo jus à frase “Corumbá é o maior polo industrial do estado de Mato Grosso”, que aparece em diversas edições do periódico Tribuna, a cidade de Corumbá continuaria se destacando no cenário econômico ao longo dos anos 1950. (Dos Santos, 2021, p.22).

A cidade considerada centro comercial ganhou destaque por seu cosmopolitismo no interior da antiga província de Mato Grosso, o que acabou fazendo jus a ideia de que Corumbá era o maior polo industrial do estado do MT, por toda essa fama acabou sendo foco de inúmeros estudos principalmente no século XVIII até o início do século XX, fato inclusive mencionado pela autora da pesquisa como uma dificuldade em encontrar referências regionais sobre a temática de gênero e História das mulheres por aqui

Como foi o processo de aceitação da sua pesquisa no meio acadêmico, você sentiu dificuldade em encontrar referências regionais sobre a temática?

- “ Sim, senti dificuldades. As dificuldades foram em relação a temática de gênero, de mulheres em Mato Grosso do Sul e principalmente em Corumbá, que encontrei várias publicações sobre a economia corumbaense ali no início do século, já temos várias publicações do fim do século XIX e XX pois aquele período foi considerado o apogeu da economia com foco na importância da área portuária. Na metade do século XX já enfrentei algumas dificuldades para encontrar publicações a respeito da sociedade corumbaense de forma geral e especificamente obras voltadas

ao meio feminino ou que trouxessem informações a respeito desse público. E ainda mais a dificuldade quando procurei por mulheres nessa década (1950-1959) em Corumbá, seja sobre representações, sobre discursos, mulheres, enfim, ou até mesmo para entender a atuação dessas mulheres aqui e só entendi que elas foram invisibilizadas.

A percepção que temos é que elas não participavam tanto da sociedade e com as outras complicações que apareciam acabavam por dar mais espaço para outras questões não se preocupam com mulheres e questões relacionadas ao gênero. Por um lado, pensando nas mudanças historiográficas é até compreensível pois no primeiro momento tivemos a história política como a mais importante, aí seguida da história econômica e pôr fim a dos grupos (minorias) e é mais recente essa abordagem, a história das mulheres surge em um tempo considerado recente – História do tempo presente (cabe nota de rodapé). Então é coerente, não é aqui uma crítica aos historiadores, mas os pesquisadores acabaram acompanhando essas mudanças historiográficas. Quando iniciamos a graduação acabamos por ter contato com essas temáticas, seja a mulher na Grécia, ou em Roma. Então, é algo que além de estar em nossa vivência percebi, quando abri o leque de possibilidades que sim, havia outras publicações com a temática de mulheres e gênero em Mato Grosso (Aqui a entrevistada se refere ao estado de MT, pois Corumbá e outros municípios faziam parte do estado do Mato Grosso até o dia 11 de outubro de 1977, data de criação do Mato Grosso do Sul).

Inclusive, acabamos utilizando como referência também esses estudos que tratam das mulheres ou de representações de discursos em jornais do Sudeste, São Paulo, Rio de Janeiro já possuem muitos trabalhos publicados sobre essa imprensa que destina discursos para as mulheres, mas aqui na região é uma barreira que a gente precisa enfrentar, todavia, acho que vale a pena dizer que recentemente, de 2016, 2017 para cá temos cada vez mais pessoas investindo nessa área. Em nossa região a especificidade se dá devido ao fato de que esses jornais não são destinados ao público feminino, ao contrário do que ocorria no Sudeste que podemos encontrar jornais específicos para o público feminino e os periódicos regionais não, geralmente eram jornais de ampla circulação, possuíam pautas como economia, política e questões cotidianas da cidade e separavam um espaço ali que foi direcionado para esse público. Lógico que em meio a tudo isso temos professores da Universidade (UFMS) que pesquisam sobre isso, mulheres citadas em processos criminais, mulheres bolivianas, paraguaias e a maneira como eram tratadas na região. A professora Vivian Veiga também vai trazer uma abordagem a partir dos estudos decoloniais (cabe nota de rodapé) que acabam contribuindo para pensar a mulher e a temática de gênero em nossa região, porque invisibilizadas ou não, as mulheres estão aí movimentando a sociedade há muito tempo e já temos registros sobre isso nas fontes por conta de uma questão historiográfica mesmo, ou também penso por uma falta de sensibilidade”. (Dos Santos, 2024, p.3-4).

Para construção do contexto histórico da cidade a autora utilizou diversos textos e muitos deles não foram produzidos na mesma época que a fonte utilizada para a análise dessas representações como textos do memorialista Renato Báez (constituídos por entrevistas, notícias publicadas nos jornais locais, poemas e ensaios que destacam as belezas e potencialidades econômicas de Corumbá) o que permitiu visualizar um cotidiano da cidade. Paralelo a isso foi possível observar também a parte da historiografia e da análise dos relatórios redigidos pelas autoridades da Câmara Municipal de Corumbá e da Província de Mato Grosso que traziam de forma clara os ocorridos na cidade.

Diante das dificuldades em encontrar informações sobre as mulheres nos estudos históricos sobretudo no contexto da Guerra do Paraguai Lúcia elabora uma discussão utilizando

os autores que são considerados referência na temática, como por exemplo Maria Dourado, debatendo a maneira como a historiografia descrevia esses grupos minoritários, que foram silenciados, com sua importância minimizada ao longo dos séculos:

Utilizamos a pesquisa de Maria Dourado com o objetivo de demonstrar a presença e a condição de vida das mulheres, em especial, daquelas que habitavam o território corumbaense durante o conflito entre o Paraguai e os países aliados. Por isso selecionamos os episódios que têm alguma ligação com Corumbá. (Dos Santos, 2021, p. 29).

Tópicos como imigração, foram apontados trazendo dados estatísticos a respeito das pessoas com as mais diversas nacionalidades que chegavam a Corumbá, fato esse que deu a cidade o estado de sertão Cosmopolita como sugere o nome deste capítulo. No entanto, ela chama atenção para a problematização a respeito do imigrante desejado, que neste caso se refere ao imigrante europeu que foi visto como civilizado, trabalhador sendo assim mais valorizado cabendo ao restante que não se encaixasse nesse padrão europeu, ou seja, a população local (constituída por negros/as, brancos/as, mestiços/as, indígenas) e os imigrantes paraguaios eram marginalizados pelas classes mais abastadas da sociedade corumbaense vistos como inferiores e a eles cabia apenas os trabalhos que ninguém queria executar mas que tinham uma grande importância para o funcionamento da sociedade, a autora destaca que “Porém, é importante destacar que esses habitantes marginalizados e indesejados pela elite realizavam as tarefas necessárias para o funcionamento da cidade. Destacamos aqui os trabalhos feitos pelos carroceiros, carregadores e descarregadores braçais” (Dos Santos, 2021, p. 30).

Ao longo do capítulo a autora esmiúça profundamente a questão da imigração feminina, porém em um período anterior ao seu tempo de pesquisa se utilizando de relatos contidos nos processos policiais que retratam as dificuldades e a sobrevivência das mulheres em Corumbá, principalmente às mulheres paraguaias que sofriam das mais diversas dificuldades financeiras e violência física e sexual ou ambas.

Retornando a entrevista, a autora relembra as dificuldades a respeito do ineditismo de seu tema:

Ao fazer a pesquisa bibliográfica sobre o tema foi observado um certo ineditismo no que diz respeito à temática de gênero em MT e principalmente no interior do que viria a ser o estado de MS. Como foi construir seu trabalho lidando com essas dificuldades?

- “É bem complicado, não só o tratamento e estudo dessas fontes, mas principalmente a abordagem de gênero e mulheres. Bom, é uma barreira mesmo porque as publicações como comentei anteriormente eram poucas e sobre mulheres, ainda mais. Fica aquilo de como que eu vou construir um contexto histórico sobre a sociedade corumbaense e como vou pensar essas representações se eu não tenho muitas referências? Então a fonte é o principal documento para construir, foi o que eu utilizei para construir esse contexto histórico e algumas publicações também mas é claro que em algum momento surge, alguém pergunta, o próprio orientador mesmo questiona de como que você irá construir esse contexto diante dessas dificuldades, aí tentei fazer

uma análise do jornal e dialogar bastante com as referências que eu encontrei para tentar construir. E aí a questão do ineditismo que você comenta porque é o meu olhar enquanto pesquisadora sobre essa sociedade, a partir da fonte e das poucas referências que eu tive no período” (Dos Santos, 2024, p.4-5).

Prosseguindo a leitura foi observada de maneira breve o histórico da imprensa corumbaense a partir do surgimento do jornal O Iniciador, primeiro periódico publicado em Corumbá, tinham páginas com o objetivo de demonstrar como as mulheres eram representadas mas ainda assim elas possuem pouco espaço dentro do jornal e quando apareciam era sempre de forma pejorativa ou por não possuírem comportamento adequado, o periódico é escrito pela elite da cidade e também por homens, sem a presença feminina no editorial.

Em síntese, o referido estudo com o periódico O Iniciador mostra que as mulheres eram representadas a partir das concepções das elites que, julgavam que o comportamento e estilo de vida das mulheres deveriam seguir os caminhos ditados pela natureza feminina: o recato, a delicadeza, a maternidade, a passividade e a preferência pelos afazeres domésticos. Observa-se que àquelas que seguiam por outros caminhos só restariam os comentários negativos da sociedade, a prisão e outros infortúnios. (Dos Santos, 2021, p.36).

Em resumo, devido à escassez de pesquisas que tratem sobre o protagonismo feminino observa-se que a imprensa é parcial e se preocupou em construir discursos marcados por ideais conservadores e patriarcais que buscavam encaixar as mulheres em um ideal feminino a autora comenta em sua pesquisa:

Considerando a escassez de produções históricas que tratam da condição das mulheres ou das questões de gênero no território corumbaense, as informações contidas na pesquisa de Wegrzyn evidencia a preocupação que um segmento da sociedade tinha em estabelecer papéis de gênero desde o fim do século XIX. Além disso, elas nos ajudam a visualizar que a imprensa da localidade, assim como parte da sociedade, está marcada por ideias patriarcais, que perduram no tempo e espaço. Podendo surgir com uma justificativa e escrita diferentes, essas ideias, esses discursos que determinam e hierarquizam os papéis que homens e mulheres devem desempenhar podem ser percebidos nas edições da década de 1950 do Tribuna, documentação que utilizamos como fonte desta pesquisa para analisar as representações do feminino. (Dos Santos, 2021, p.37).

Ainda no que diz respeito ao papel da imprensa que formada por membros da elite que se preocupa em difundir discursos de um ideal de feminino, a autora comenta sobre as descobertas que sua pesquisa lhe proporcionou:

Quais foram as descobertas mais interessantes que sua pesquisa te proporcionou?

- “ Foi bastante interessante essa questão de entender os discursos, que realmente nós tínhamos aqui e ainda temos um grupo de pessoas, uma elite que se preocupa em criar discursos para moldar as ações das mulheres, seu comportamento e isso foi bastante interessante, pois observei que pessoas se dedicam a isso e não é algo assim que está na imaginação das feministas por exemplo, há uma tentativa de controlar o corpo e como pesquisadora consegui ver de uma forma clara, pelo discurso que existe uma intencionalidade em escrever uma coluna que seria voltada para as mulheres, mas não no sentido de informar, mas no sentido de moldar o comportamento, regular os

corpos, seria mais nesse sentido de regular aquela mulher que é dona de casa, como ela deve se comportar em casa e também daquela mulher que sai para trabalhar fora de casa, o que é interessante pois tudo bem ela trabalhar fora de casa, mas ela precisa saber se comportar, não perder a sua feminilidade, que é uma coisa bem marcante dentro do jornal e para além disso, acabei descobrindo a atuação de mulheres escrevendo para o jornal, é claro que não eram muitas mulheres mas quando achei isso foi interessante porque até então tudo que nesta coluna temos homens escrevendo sobre mulheres, os editores eram homens. E aí quando aparece uma mulher por mais que ela não escreva nada já é importante essa atuação como uma escritora, porque ela está ocupando um espaço que até então é só para o sexo masculino, e acho muito interessante essa brecha que as mulheres aqui encontram. E é claro, são mulheres da elite corumbaense, letradas, não a mulher trabalhadora da classe popular. Mas, ainda assim foi um dado importante saber que essas mulheres mesmo com situação financeira razoável ocupavam esses espaços, com certa dificuldade mas estavam lá e perceber isso foi bem bacana ainda mais que comumente a gente tem, pelo menos eu tenho essa percepção de que o interior do Brasil era assim mais conservador e também tem aquele questionamento, de até que ponto nós vamos acompanhar a modernidade na concepção da elite, tal caso na economia, é interessante trazer o progresso econômico e isso é algo bem marcante nas páginas do jornal também, e aquilo foi demonstrando o início das atividades industriais em Corumbá. Contudo, no caso dos costumes e quando se fala em mulheres e seu comportamento a sociedade eram extremamente conservadoras e isso pode ser percebido ainda hoje. Cheguei a analisar o jornal da Mulher que circulou, circula ainda se não me engano até pelo menos 2020 na cidade de Corumbá sendo um veículo que traz esses discursos de que a mulher tem que se comportar, dicas de civilidade e é um jornal muito recente, sendo uma coisa que causa até um certo espanto às vezes, mas, quando paramos para pensar que nossa sociedade é bastante tradicional acabamos entendendo a razão pelo qual esses discursos ainda circulam por aí”.(Dos Santos, 2024, p.2-3).

A seção A “Capital industrial do oeste do Brasil”, menciona a importância de Corumbá para Mato Grosso citando a pecuária e o comércio como principais atividades econômicas, porém, em 1877 é observado o desenvolvimento de algumas indústrias de bens de consumo, o que demonstra que a cidade também foi pioneira nas atividades industriais. Saindo do foco de Corumbá, o Brasil na década de 1950 está vivendo no período conhecido como os “anos dourados”, período de desenvolvimento social, político e econômico no país, marcado por uma defesa da democracia, dentro do período que se encerra a ditadura do Estado Novo de Getúlio Vargas (1937-1945) e inaugura um período democrático em nosso país, também conhecido como Quarta República e/ou República populista.

JK é visto como herói nacional nos anos de 1950 com a consolidação do plano de metas que previa crescimento econômico de 50 anos em 5 e com várias inovações como a transferência da capital federal do Rio de Janeiro para Brasília, e foi durante esse período, por conta de influências da História mundial e de eventos como as duas grandes guerras que permitem com que as mulheres desfrutem de maior liberdade o que acarreta como consequência a ocupação de espaços até então considerados masculinos, o que oferece mais oportunidades para as mulheres.

A autora discute a população feminina na cidade com base no censo de 1950:

Com base nas informações disponibilizadas pelo recenseamento de 1950 do estado de Mato Grosso, observamos que uma parcela importante da população de Corumbá é constituída por mulheres. Os dados sobre a instrução e o nível de escolaridade da população nos mostram que há desigualdades entre homens e mulheres dentro do município. (Dos Santos, 2021, p.51).

No que diz respeito ao periódico Tribuna e de sua estrutura, a autora chama atenção à característica de jornal de circulação geral que não se dedicava exclusivamente aos assuntos do universo feminino, o que não o coloca como uma imprensa do universo feminino.

Diferentemente dos impressos da imprensa feminina, os jornais de circulação geral não se dedicam exclusivamente aos assuntos do chamado universo feminino e que, por este motivo, são considerados do interesse do público feminino. No entanto, isso não impede que esses impressos dediquem algumas notícias ou até mesmo uma seção para esse grupo. Ao analisar o Tribuna, periódico de circulação geral, identificamos que as mulheres não aparecem em muitas páginas do título. As notícias, por estarem mais relacionadas aos assuntos do âmbito político e econômico, dão destaque aos personagens masculinos, como os comerciantes, fazendeiros e funcionários públicos, entre outros. Mas as notícias que pretendem atingir as leitoras ou se referem às mulheres, muitas vezes destacando seus nomes, revelam as concepções dos organizadores do Tribuna a respeito da mulher, assim como dos lugares que elas devem ocupar na sociedade. (Dos Santos, 2021, p.51).

O jornal possui diversos comunicados na capitania dos portos e acaba sendo relatado pelo jornal a proibição do banho de rio nu, algo que acontecia com certa frequência na cidade e foi classificado no jornal como “um atentado à moralidade pública” e passou a ser duramente combatida pelas autoridades da cidade.

Através da análise do periódico Tribuna, verificamos que o comunicado da Capitania dos Portos, assim como as dicas de boas maneiras presentes na seção Sociais, expressa uma preocupação das autoridades e de alguns segmentos da sociedade com a organização e imagem da cidade. Por isso, os comportamentos considerados imorais/incivilizados e que fogem da ideia de modernidade são repudiados e precisam ser substituídos por novos hábitos. Como é possível notar, a Corumbá da década de 1950 quer ser retratada como uma cidade moderna e “progressista” e, para tanto, trava uma luta contra determinadas práticas culturais. (Dos Santos, 2021, p.61).

O trecho supracitado reforça a necessidade de substituição de certos hábitos considerados incivilizados para que por fim se alcance a modernidade.

Apresentado como o jornal mais antigo em circulação no estado de Mato Grosso:

De acordo com as descrições, o jornal tinha um futuro promissor. Além desse excerto, ao longo das páginas do capítulo referido, os organizadores do Album Graphico destacam a foto de Pedro Magalhães (lado direito da página), que divide espaço com outros proprietários de jornais. São eles: Joaquim José R. Calháo (fundador do Matto-Grosso) e Dr. Arlindo de Andrade (diretor do Estado de Mato Grosso de Campo Grande). Em outra página da mesma obra, a imagem do Tribuna está disposta no centro de um esquema que faz a divulgação de outros títulos da imprensa regional daquele período. (Dos Santos, 2021, p.63).

A autora demonstra de maneira linear toda a trajetória do periódico Tribuna pontuando sua zona de atuação que corria entre dois municípios, Corumbá e Ladário.

O Tribuna não circulava apenas em Corumbá, mas também em Ladário, município vizinho distante aproximadamente 6,7 km da Redação e Oficina do impresso. Os leitores e as leitoras poderiam adquirir o jornal através das assinaturas semestrais ou anuais, de forma avulsa dos jornaleiros ou ainda em alguns estabelecimentos comerciais que funcionavam como pontos de venda. A Casa Abud, situada na Rua Ladário, era um desses locais. (Dos Santos, 2021, p. 67).

A coluna que está localizada na terceira página do periódico, dividindo espaço com o indicador profissional e outros anúncios. Seu conteúdo possui subtítulos como quadro: Pensamento, Boas maneiras, Beleza feminina, Conselhos/ Conselhos de beleza, Sabedoria do lar, Elegância feminina, Cardápio/ Para o seu lanche, Aniversários, Batizados, Falecimentos, Nascimentos, Viajantes e Visitantes.

Toda essa estrutura não deixa claro a qual público-alvo se destina, porém, acaba deixando algumas pistas:

O impresso não deixa explícito qual público deseja alcançar com as publicações desta coluna, assim como não identifica, diretamente, os responsáveis por sua organização. Mas, pelo conteúdo e pelos detalhes do título, concluímos que é destinada, especialmente, ao público feminino. Sociais pode ser interpretada como uma seção que sintetiza as abordagens contidas nas publicações da imprensa feminina que circulavam no Brasil durante os anos 1950. (Dos Santos, 2021, p. 74).

O fato de a coluna ter seu título rodeado de flores dá a entender que a mulher é ligada a sutileza e beleza da flor, pois pertence ao sexo frágil. A respeito da temática de gênero, a autora comenta os desafios de tratar sobre gênero nos dias atuais.

Em sua opinião, quais os desafios em tratar a temática de Gênero nos dias atuais?
 - ‘‘ Até que na universidade, no meio acadêmico e principalmente o mestrado que foi específico na área de História, então eu não enfrentei tantas dificuldades em relação aos questionamentos dos colegas. Então acho que nesse meio acadêmico a maioria das pessoas já estão familiarizados com a temática claro que não estou dizendo que é um mundo encantado pois ainda existem algumas pessoas bem resistentes a essa temática, mas creio que é uma abordagem essencial, seja na pesquisa ou no dia a dia, na rotina com os alunos, o ensino de História se aproveita em muito da discussão dessa temática. E os desafios são que existem vários grupos no meio acadêmico e fora dele que acreditam que estamos tentando doutrinar as pessoas e aí vem aquela discussão da ideologia de gênero e que na verdade nós como educadores e pesquisadores tentamos é desnaturalizar esses papéis que são impostos para nós até hoje de que a mulher tem que ocupar tal posição na sociedade e sempre em lugar de inferioridade, seja em casa ou nas relações de trabalho e essa é uma discussão essencial mas que infelizmente acabamos encontrando várias resistências por conta dessa teoria de ideologia de gênero’’. (Dos Santos, 2024, p.5).

A sociedade corumbaense em sua busca pela modernidade e pelo progresso por muitas vezes se esbarrou na realidade de um discurso construído e pautado no discurso para moldar o comportamento dessa mulher considerada ideal, símbolo de feminilidade.

O impresso Tribuna notícia assuntos diversos, que são de interesse exclusivamente masculino, a esfera feminina cabia apenas os assuntos correlatos à esfera doméstica:

Portanto, segundo a concepção de gênero vigente no período estudado, eles são assuntos de interesse dos homens, e às mulheres são destinados os assuntos referentes à esfera doméstica. Identificamos que as mulheres ocupam pouco espaço nas páginas de notícias, mas elas aparecem. Seja em pequenas notas informativas ou até mesmo em notícias que, por não tratarem de acontecimentos corriqueiros, podem ter deixado a equipe editorial sem a escolha de invisibilizar o protagonismo feminino diante de alguma situação. Esse tipo de reportagem/notícia costuma ganhar destaque pela presença do título com letras maiúsculas e/ou em negrito. As notas informativas são mais discretas. (Dos Santos, 2021, p.91).

Ao longo do tempo foram surgindo outros textos no periódico, com temáticas que era do interesse das mulheres como divórcio e anulação de casamento:

Além dos textos aqui apresentados, encontramos outros que abordam temáticas de interesse do público feminino, como as notícias sobre o andamento das discussões relativas ao projeto do divórcio, ação jurídica responsável pela anulação do casamento. Antes de apresentar a reportagem sobre o divórcio, informamos que até a aprovação do Estatuto da Mulher Casada, que ocorreu apenas em 1962, o homem tinha a mulher como sua propriedade. A mulher casada tinha de ter a permissão do esposo para trabalhar fora de casa, por exemplo. (Dos Santos, 2021, p.93).

A mulher corumbaense aparece como principal organizadora das festas da cidade, divulgando os concursos de beleza e diversos eventos e concursos distintos “Os concursos para escolha da Rainha da Primavera, Rainha do Comércio, Rainha da Noroeste, Rainha dos Marítimos, Rainha do Esporte e Rainha do Grêmio aconteciam com frequência durante os anos 1950” (Dos Santos, 2021, p.94).

Ao pontuar na pesquisa sobre os discursos que reforçam os papéis tradicionais de gênero e acabam por reproduzir as representações de um ideal feminino são muito fortes ao longo de toda a análise do jornal, principalmente na coluna Sociais é a partir de uma observação crítica desse fenômeno a autora comenta sobre as possíveis contribuições de sua pesquisa para o mundo acadêmico:

Em sua vivência, quais as contribuições que a sua pesquisa traz ao meio acadêmico?

- “Acredito que é pensar esses discursos e representações que são construídos e aí como a gente conversou que existem poucas publicações sobre mulheres e gênero da região de Corumbá acredito que é um trabalho que pode trazer novos questionamentos sobre o papel da mulher. Por exemplo, uma coisa que eu não consegui fazer durante minha pesquisa foi pensar as mulheres pobres, onde estavam essas mulheres? Ali tem muito discurso para a mulher das famílias de classe alta da cidade, cada família ali investia em um ramo seja na indústria, tinham os fazendeiros, os proprietários de terras, o comércio e dentre outras. Creio que esse trabalho pode ajudar em trazer novos questionamentos e aí talvez, porque é só o meu olhar, a partir de referências e tudo mais, e a partir da análise de fontes sobre como essas mulheres eram retratadas, então assim a representação não está como o Roger Chartier vai discutir, não é uma questão abstrata, é utilizada realmente para controlar, mudar a forma.

Esses discursos que constroem representações eles possuem bastante força e inclusive até hoje estamos tentando desmistificar esses diálogos, acredito que seja isso. A minha tentativa foi, é claro, compreender esses discursos e tudo mais, pensar como era essa sociedade corumbaense, mas, também tentar demonstrar que as mulheres estavam aqui, como é o caso das mulheres que escreviam nos jornais. E uma coisa, que muitas

mulheres não viviam de acordo com a norma, porque se eles insistiam nesse discurso de que a mulher precisa se comportar assim, que ela precisa preservar sua feminilidade, que ela precisa ser a mãe, esposa, dona de casa é porque existiam sim mulheres que não viviam nesse modelo de feminilidade. Existiam concomitantemente as mulheres trabalhadoras, que não tinham tempo disponível para receber visitas durante o dia todo, temos por fim vários tipos de mulheres aqui na cidade. Mas aí é claro que faltam informações para sabermos realmente o cotidiano dessas mulheres de classe menos abastada, pois quando se encontram informações sobre mulheres no jornal é uma mulher da elite, a esposa de um homem importante, fazendeiro, empresário que só aparece por conta de jantar, pelo aniversário de casamento ou anúncio de morte e não a mulher de classe menos abastada.

Os espaços são bem restritos para as mulheres ali, e quando há esse espaço, é utilizado para doutrinar mesmo, controlar o comportamento das mulheres para ensiná-las como a viver em sociedade''. (Dos Santos, 2024, p.5-6).

De maneira geral, é comentado ao longo do trabalho que o conteúdo da coluna acaba por perpetuar os papéis de gênero e isso é fato, contudo, levando em consideração que os seres humanos são fruto de seu tempo e dadas as circunstâncias apresentadas ao longo da dissertação é importante pontuar que independente das problemáticas apontadas ao longo da leitura é um ganho significativo que um jornal que tinha a projeção do Tribuna investir em uma coluna que conseguiu se consolidar em um jornal que claramente não estava preocupado em suprir as demandas femininas já é um grande passo, tendo em vista que apesar dos pesares ela se perpetua no jornal por uma década e ficou ali até o encerramento do jornal em 1964. Ou seja, mesmo que de maneira tradicional ela proporciona para a sociedade corumbaense que buscava o progresso a discussão, mesmo que de forma equivocada temáticas que estavam efervescentes na época, mas proporcionou certas discussões que em outro contexto, sem a presença da coluna Sociais se tornaram totalmente inviáveis.

Já no que diz respeito ao término do recorte temporal da pesquisa, a autora justifica que ao iniciar os anos de 1990 foi possível observar mudanças significativas na estrutura do periódico que ganhou um aumento no número de páginas por conta das novidades anexadas.

O término do recorte temporal desta pesquisa deu-se no ano de 1990, quando houve mudanças significativas do jornal, como, por exemplo, diagramação de layout, passando a apresentar modificações nas seções e na equipe de colaboradores, somando 20 páginas. Assim, entendemos que com as mudanças na configuração do jornal, consideramos oportuno encerrar a pesquisa em 16 de dezembro de 1990, na edição nº 2538. (Sousa, 2018, p.15).

Ambas as pesquisas demonstram a tendência do gênero aplicado a uma história regional precisamente os estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul já possuem pesquisas voltadas a essa temática que é realmente de grande valia que os pesquisadores tenham a preocupação em estudar fenômenos que até então foram esquecidos e silenciados pela história, dessa forma é possível trazer novas perspectivas e refletir sobre problemas que são muito mais antigas do que se tem ideia, questões como comportamento feminino, o próprio machismo, preconceito

direcionado ao comportamento das mulheres que são consideradas inadequadas por não performarem a feminilidade pelo qual a sociedade espera das mulheres.

3.3 BREVES PALAVRAS SOBRE O ESTADO DA ARTE DE NOSSO OBJETO DE INVESTIGAÇÃO

Foi possível observar a complexidade e riqueza da fonte escolhida, tendo a imprensa como instrumento e fonte principal para a compreensão das representações sobre as mulheres e apesar do periódico A Tribuna inicialmente não ser voltado ao público feminino foi possível observar em diversos momentos que os colunistas se posicionavam a respeito das mulheres, direta ou indiretamente. Foi possível também identificar os contextos históricos dos quais a cidade, estado e país estava percorrendo ao longo dos anos de 1970 a 1990, sendo possível observar a maneira como as mulheres apareciam na imprensa, trazendo a dicotomia entre os discursos produzidos, de que moças deveriam ser recatadas, boas esposas, mães cuidadosas que mantinham a ordem social e o status de feminilidade que a sociedade exigia, no entanto, por diversos momentos o jornal trazia a reflexão acerca de temáticas de grande relevância contemporânea, com enfoque na emancipação feminina, no estudo como arma de liberdade e por fim o protagonismo feminino seja na organização de eventos de dança, em concursos e também como escritoras e colunistas dentro do próprio periódico que ao longo de sua trajetória inicia-se com pequenas menções a respeito do feminino e que esse espaço vai crescendo para ampliação da influência feminina, seja de maneira proposital ou apenas acompanhando a tendência de maior discussão de liberdade feminina tão levantada ao longo das décadas.

Pensando a pesquisa da autora é valoroso que a região centro oeste venha se tornando um espaço de atenção dos pesquisadores, uma vez que existe muito material para ser analisado e problematizado e muita pesquisa inédita venha a surgir nas próximas décadas, a análise do A Tribuna de Rondonópolis que apesar de nome parecido com a fonte dessa pesquisa (jornal Tribuna) que também é o mesmo periódico investigado pela Lídia traz uma nova perspectiva da imprensa do interior do Mato Grosso para que ao buscar uma referência sobre o tema já tenham disponíveis trabalhos muito bem elaborados, que representam as inúmeras faces das mulheres no interior do país.

Conclui-se essa seção retomando o que foi discutido até aqui, os jornais são uma fonte riquíssima para entendermos nosso passado, através dele podemos pensar sobre as questões sociais, culturais, políticas, econômicas e principalmente, no enfoque dessa pesquisa, a discussões de natureza educacional. É fato que já exista uma ascensão da história de Mato

Grosso e Mato Grosso do Sul com a valorização da imprensa como fonte primária em nossa região uma vez que existe muito material para ser analisado, o que traria inúmeras pesquisas acadêmicas relevantes e inéditas para contribuir com a comunidade de maneira geral.

Após os debates aqui consolidados a pesquisa avança na descrição crítica dos exemplares do jornal Tribuna e da coluna Sociais, por meio da definição realizada pelos intelectuais da Escola de Frankfurt de que seja uma teoria crítica em oposição ao que esses mesmos intelectuais entendem como teoria tradicional.

4. LEITURAS DESCRITIVAS CRÍTICAS SOBRE A EDUCAÇÃO SOCIAL NA COLUNA SOCIAIS DO JORNAL TRIBUNA PARA AS MULHERES DA SOCIEDADE CORUMBAENSE.

4.1 A TEORIA CRÍTICA SE CONTRAPONDO A TEORIA TRADICIONAL

A chamada teoria tradicional, muito difundida na matemática e na física tem sua gênese no campo da filosofia, especificamente após o surgimento da teoria e do método de pensamento cartesiano. René Descartes defende as etapas do conhecimento: Evidenciar, analisar, sintetizar e concluir com objetivo de condução por meio da razão na busca pelo que ele denominou de conhecimento verdadeiro, valorizando o uso de deduções. Tal teoria conseguiu trazer inúmeros avanços por conta de seus resultados nas ciências naturais, (Horkheimer, 2000, p. 1) ao descrever em seu texto Teoria tradicional e teoria crítica que a teoria tradicional visava o que ele denominou de “sinais puramente matemáticos” com operações lógicas já racionalizadas:

À medida que se manifesta uma inclinação nesse conceito tradicional de teoria, ela visa a um sistema de sinais puramente matemáticos. Cada vez menor é o número de nomes que aparecem como elementos da teoria; partes das proposições e das conclusões são substituídas por símbolos matemáticos na designação de objetos observados. Também as próprias operações lógicas já estão racionalizadas a tal ponto que, pelo menos em grande parte da ciência natural, a formação de teorias tornou-se construção matemática.

Por conta do avanço do método tradicional nas ciências naturais e como consequência os exitosos resultados alcançados, as leis de causa e efeito passaram a ser também aplicadas as ciências sociais com o objetivo de conseguir o mesmo feito, no entanto, há uma problemática na aplicação desse método dedutivo uma vez que não houve a preocupação em adaptar tal método para as particularidades das ciências humanas, sem sequer questionar se tal teoria era o melhor caminho para analisar a sociedade que está em contante movimento e as experiências

sociais são sempre únicas, não podendo ser replicadas. (Nobre, 2004, p. 5-6) comenta acerca da lógica entre teoria e prática:

Teoria e prática têm lógicas diferentes, e que não devem se confundir. Em outras palavras, se fazemos teoria para demonstrar como as coisas devem ser, não conseguimos mostrar como de fato são; se dizemos que as coisas devem ser como de fato são, eliminamos a possibilidade de que possam ser outra coisa que não o que são. Com isso, estabelece-se um fosso entre a teoria e a prática que não pode ser transposto senão ao preço de eliminar do horizonte da reflexão a lógica própria de uma das duas dimensões fundamentais da vida humana: o “conhecer” e o “agir”.

Outro problema atrelado a teoria tradicional é que nela o pesquisador se distancia do objeto investigado para que dessa forma ele tenha uma observação imparcial do fenômeno. No entanto, e quando esse observador faz parte do contexto observado? É justamente isso que ocorre nas ciências sociais, onde o pesquisador analisa um contexto do qual ele faz parte e segundo essa perspectiva tradicional é possível fazer ciências sociais utilizando o mesmo método dedutivo das ciências naturais, e é aí que vem a principal crítica de Horkheimer que a generalização de tal método prejudica as análises sociais, impedindo-a de ter natureza crítica. (Carnaúba, 2010, p. 197-198) comenta sobre tal crítica:

Mas quando o observador é o objeto de seu próprio experimento, será que é possível obter resultados precisos? Em outras palavras, como é possível ser observador e observado, sujeito e objeto da experiência ao mesmo tempo? É possível ser imparcial como nas ciências naturais? Tais questões surgem da Teoria Crítica, ou seja, uma crítica ao modelo tradicional de teoria. Segundo a Teoria Tradicional, a resposta a essas questões é afirmativa, ou seja, é possível fazer ciências sociais com o mesmo modelo de causa e efeito, de observação empírica das ciências naturais, sem ser parcial, de maneira, que a sociologia é tão demonstrável, previsível e calculável quanto uma ciência natural.

A representação tradicional da teoria trouxe consequências para a forma como era feita a análise da sociedade, mas a principal delas criou a ideia de que o sujeito não se vê como parte de um processo cheios de nuances, no entanto, ele passa a aceitar sua realidade, e as regras sociais como um modelo natural, sendo assim, esse indivíduo acaba se adaptando ao funcionamento da sociedade. (Carnaúba, 2010, p.200) comenta:

Na Teoria Tradicional, o indivíduo não se vê como parte de um processo contraditório, em que suas potencialidades são desenvolvidas no trabalho ou em qualquer outra atividade, ao contrário, de forma geral, ele aceita as determinações impostas pela teoria tradicional como um modelo natural, e assim passa a guiar seu comportamento com o fim de preencher essas determinações.

O comentário acerca da lógica da teoria tradicional também aparece no excerto do texto de (Horkheimer, 2000, p. 4)

A figura tradicional da teoria, da qual a lógica é uma parte, pertence ao processo de produção assentado na divisão do trabalho em sua forma atual. O fato de a sociedade ter que se confrontar também em épocas futuras com a natureza, não torna irrelevante essa técnica intelectual; ao contrário essa técnica terá que ser desenvolvida ao máximo. [Entretanto], o que a teoria tradicional admite como existente, ou seja, seu papel positivo numa sociedade em funcionamento, sua relação mediatizada e

intransparente com a satisfação das necessidades, são questionados pelo pensamento crítico.

Diante de todas as críticas destinadas a teoria tradicional tem-se o contraponto a teoria não crítica: a teoria crítica é a crítica ao método dedutivo- indutivo tão difundido por meio do método cartesiano, possui uma abordagem dialética e crítica, buscando compreender as relações de poder e domínios existentes na sociedade. Tal teoria defende a necessidade de uma reflexão minuciosa sobre a cultura, a ideologia e todas suas esferas, os discursos proferidos e as condições sociais questionando se existe ou não a manutenção do status quo dentro de uma determinada sociedade, traçando bases que orientem a pessoas o alcance para emancipação e o comportamento crítico. Propõe a crítica social para que no fim exista a reorganização da sociedade, na primeira geração é pautada em 3 eixos:

- Recusa consciente pela divisão do trabalho científico, defendendo a pesquisa interdisciplinar ou caso não fosse, que permitisse investigar os aspectos culturais em todas suas esferas;
- Prioridade do objeto pesquisado, pois é a partir desse objeto que os homens conseguem elaborar aquilo que não está legal, pois esse objeto mencionado é também parte da crítica e dos sofrimentos que podem perfeitamente serem extintos por meio de transformações sociais causadas pelo amadurecimento intelectual da sociedade que passou a ter comportamento crítico.
- O objetivo da teoria que tem por objeto principal de análise a sociedade não é teórico e sim prático, isso é inclusive o principal contraponto a teoria tradicional, pois visa a mudança da sociedade por meio da emancipação humana a partir do momento em que essas pessoas identifiquem tudo aquilo que a explora, oprime e domina. (Fleck,2017, p.111) afirma:

Assim, a relação entresujeito e objeto é diferente na teoria tradicional e na teoria crítica. Enquanto um abismo separa um do outro na tradicional, sujeito e objeto se codeterminam na crítica, de forma que o sujeito se torna sujeito por meio de sua confrontação com o objeto (e o mesmo pode ser dito da relação entre forma e conteúdo). Ademais, enquanto na teoria tradicional o intuito é o de classificar o objeto e, assim, torná-lo manuseável para fins de dominação da natureza, na teoria crítica o objetivo é antes o de transformar o objeto, compreendendo-o, visando tanto uma emancipação de todas as formas de dominação quanto uma recon-ciliação com a natureza.

Ou seja, não deseja somente compreender o objeto, mas transformá-lo, saindo de caráter unicamente teórico para prático, a própria teoria se vê como instrumento para emancipação do homem em sua totalidade.

Tem como principais pensadores, seus críticos, membros da escola de Frankfurt como Theodor Adorno, Max Horkheimer, Herbert Marcuse e Walter Benjamin, tem sua ideologia baseada no Marxismo, se preocupam em fazer uma análise da sociedade capitalista algumas décadas após o momento histórico que Marx analisou em sua obra O capital.

A base da crítica feita por esses autores é que o uso da razão no nível extremo, como acreditavam os defensores da teoria tradicional iluminista não gera necessariamente mais progresso humano e emancipação, existe progresso de tecnologia, no entanto, ciência e tecnologia e todos esses instrumentos também vem sendo utilizados como instrumentos de dominação que defendem a manutenção do status quo da sociedade. Na obra Dialética do Esclarecimento, escrito por Adorno e Horkheimer, os autores questionam a tese que o iluminismo ofereceu um caminho de transformação positivo para a sociedade, procuram demonstrar o uso da razão instrumental operada para tornar as pessoas passivas e incapazes de questionar seu contexto. (Adorno,1985, p, 40) comenta a crítica ao pensamento iluminista:

A razão fornece apenas a ideia da unidade sistemática, os elementos formais de uma sólida conexão conceptual. Todo objectivo a que se refiram os homens como um discernimento da razão é, no sentido rigoroso do esclarecimento, desvario, mentira, “racionalização”, mesmo que os filósofos dediquem seus melhores esforços para evitar essa consequência e desviar a atenção para o sentimento filantrópico.

Para essa teoria não há separação entre indivíduo e sociedade, quando essa separação ocorre, fato observado no século XX, ocorre como resultado da divisão de classes, procurando investigar a sociedade, identificando na era moderna a presença da manipulação dos interesses por meio da mecanização de trabalho e padronização da cultura, o que sistematicamente impede o pensamento livre defendido pelos filósofos iluministas.

As próximas páginas que seguirão a análise do jornal Tribuna e o aprofundamento das temáticas debatidas especificamente na coluna serão pautadas ao que é denominado de descrição crítica do conteúdo da coluna Sociais. Ou seja, serão comentados aqui os tópicos pertencentes a coluna Sociais nessa perspectiva de teoria crítica que a escola de Frankfurt defende, no entanto, faz-se essa descrição sem, contudo, utilizar categorias de análise próprias da teoria crítica, mas, permanecendo naquilo que os frankfurtianos entendem como crítica.

Esta seção será a responsável por descrever de forma detalhada e minuciosa todas as características do jornal Tribuna e da coluna sociais observadas ao longo dos meses que sucederam a pesquisa, trazendo como centro para a descrição a definição de teoria crítica desenvolvida pela Escola de Frankfurt.

4.2 O PERIÓDICO TRIBUNA, A COLUNA SOCIAIS E SUAS PARTICULARIDADES

Antes de iniciar a descrição da coluna de fato é importante pontuar algumas informações. A coluna Sociais está inserida no corpo do Jornal Tribuna, sendo um dos elementos do mesmo e será ela o foco da nossa apresentação. No entanto, a priori serão apresentadas questões relacionadas ao jornal como um todo, uma vez que, todos os seus elementos são inerentes um ao outro, desta maneira, a reflexão situa o leitor no contexto histórico da época e nas características do editorial, facilitando a compreensão do processo na sua totalidade.

O Jornal Tribuna, fundado no ano de 1912 pelo senhor Pedro de Magalhães é considerado pioneiro, pois foi o primeiro jornal diário que se fundou em Corumbá, atuou como um dos principais veículos de comunicação na época, nele era possível encontrar notícias da esfera regional, nacional e internacional que dividiam as páginas com anúncios publicitários diversos, anúncios de serviços em geral, vendas, oportunidades de emprego, editais da prefeitura do município e infinitas outras informações de grande relevância para a população, e teve um período longo de circulação, história essa interrompida de maneira abrupta e misteriosa no ano de 1964. Os jornais de maneira geral são ferramentas poderosas, pois também possuem função educativa, uma vez que alimenta frequentemente com ideias um determinado grupo ou local, disseminando estilos de vida característicos do lugar onde estão inseridos, debatendo questões importantes e particulares da localidade, criando, acompanhando e vivendo períodos de mudanças onde habitam. (Campos, 2012, p.50) comenta sobre a importância dos jornais:

Na verdade, o processo de transformações políticas, econômicas, sociais e, especialmente, culturais que caracterizou o mundo ocidental na época teve no jornalismo uma força de ressonância ímpar, sendo mesmo impossível dissociar o modo de vida urbano triunfante e a propagação de periódicos. República, urbanismo, sanitário, higienismo, cosmopolitismo, feminismo, moda, elegância, progresso, modernidade, nacionalismo e outros valores diversos que deram o tom característico àqueles tempos não apenas ecoavam na imprensa. Antes de tudo, eram mesmo realimentados ou criados por ela.

É indispensável trazer para essa análise logo no início, a reflexão dos jornais enquanto indústria cultural, uma vez que, o Brasil estava vivendo em 1950 um período crescente em sua estrutura produtiva, o país passava pelo processo da industrialização, que permitiu a criação de uma cultura de massas voltada para a classe trabalhadora, tudo que era noticiado refletia a necessidade da sociedade pela informação que a partir do momento que foi noticiada passa a se tornar obsoleta e ultrapassada, a partir daí surge à necessidade de buscar novos elementos a serem explorados e noticiados. José Marques (De Melo, 1991, p.21) define o que denomina de materialização da necessidade social da informação.

As páginas dos jornais e das revistas ou as emissões noticiosas veiculadas pelo rádio ou pela televisão são simples materializações dessa necessidade social da informação, perdendo a sua significação no próprio ato do consumo. Depois de tornar contacto com uma notícia ou reportagem e de manejar abstratamente os seus componentes informativos, o produto jornalístico é posto de lado pelo leitor ou telespectador.

Trago na sequência o exemplar 114 do jornal Tribuna oriundo do ano de seu surgimento em 1912, nele podemos observar a organização do periódico nesse momento inicial e algumas características a respeito do estilo da escrita como o nome do jornal em destaque, abaixo a identificação do diretor e primeiro proprietário o senhor Pedro de Magalhães, o ano e a edição. No momento de criação do Tribuna ele já conta com quatro páginas. Em seguida, tem-se o exemplar da primeira página.

Figura 6 - Jornal Tribuna, Ano 1912|Edição 00114



Fonte: hemeroteca digital da biblioteca Nacional

Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=735191&pesq=&pagfis=1>

Após esse panorama geral, é importante seguir para o recorte temporal do qual essa dissertação se propõe. No ano de 1950 o jornal Tribuna já consolidado na região decide buscar uma forma de inovar, aproveitou como pano de fundo uma coluna que já existia no jornal desde a década de 1930 mais precisamente em registros de fonte, foi observado no ano de 1938, o que foi denominado de Tribuna Social, situada na última página do jornal, logo na primeira coluna. Ela era composta apenas por um texto reflexivo, geralmente tratando de sentimento ou autoajuda, felicitações de aniversário, felicitações aos noivos pelo casamento e menções a

viajantes, geralmente destinadas a pessoas com certo renome e prestígio social na região. É possível observar todas essas informações logo abaixo, na Edição de número 10.118.

Figura 7 - Tribuna, 24 de agosto de 1938.



Fonte: acervo próprio

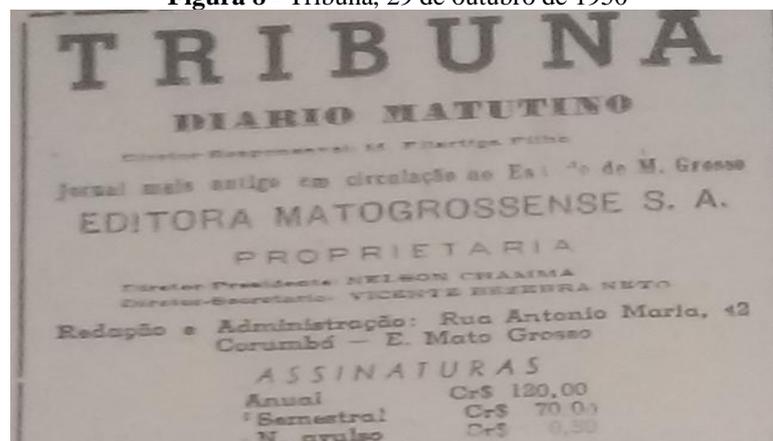
Sendo assim, o que viria a se tornar a coluna Sociais tem sua origem mais de uma década antes, sendo aprimorada ao longo dos anos para que viesse a se tornar a Sociais propriamente dita, com todos seus elementos mais clássicos e consolidados que vão até o ano de 1964, encerrando-se juntamente com as atividades do jornal. É de suma valia pontuar que quando comento a respeito da inovação do Tribuna é com relação a localidade de Corumbá pois no Brasil afora já estava acostumado a ver jornais escrevendo em espaços destinados para as mulheres, seja por meio de jornais feministas ou não, isso ocorre em nosso país a bastante tempo. Um bom exemplo para sustentar essa informação é a coluna intitulada feminismo, publicada no jornal O Paiz (RJ) no fim dos anos de 1920. (Elias, 2021, p.11) comenta sobre a coluna feminismo:

Motivo pelo qual ao descobrirmos uma coluna denominada Feminismo escrita por mulheres em um jornal voltado para o grande público no final da década de 1920 nos pareceu tão instigante e importante a analisar. Assim, investigar a presença feminina no espaço público – pelas páginas da imprensa - tem nos proporcionado uma nova perspectiva acerca da participação feminina no processo histórico e no espaço público, ainda mais tendo em vista ter sido narrado pelas próprias protagonistas, as mulheres.

Tirando a coluna feminismo no jornal O Paiz, têm disponíveis diversos outros periódicos que por alguma razão se voltavam para as mulheres e se preocupavam em se comunicar com elas, isso não era algo essencialmente novo, contudo, em Corumbá a coluna Sociais é recebida como forma de inovação, produzida com a presença de um conteúdo mais leve se comparado às outras seções do jornal. Tratava-se de um espaço que poderia se voltar às mulheres, porém, existem inúmeras problemáticas a respeito do enfoque e da real intenção de público ao qual o Tribuna almejava, uma vez que em meados do século XX em uma cidade fronteiriça com a presença de inúmeros idiomas fora a língua portuguesa poucas pessoas tinham acesso à educação e dessa forma apenas pessoas da elite sabiam ler, ou seja, dentro dessa inovação também existe uma limitação no que diz respeito a influência dessa coluna, que alcançava não só as mulheres mas a todos que tinham contato com as páginas do periódico.

De circulação diária, era possível acessá-lo em Corumbá e Ladário, tendo edições todos os dias, com exceção das segundas-feiras, possuindo um total de quatro páginas. A segunda página possuía um espaço destinado a trazer informações sobre o jornal, no próximo recorte, do dia 29 de outubro de 1950 é possível observar informações muito interessantes como o próprio se autodenominava o jornal mais antigo em circulação ao Estado de Mato Grosso, contendo também informações do diretor presidente - Nelson Chamma e diretor- secretário - Vicente Bezerra Neto. Com o respectivo endereço da redação e administração do periódico, situado na rua Antônio Maria, 42 em Corumbá, estado do Mato Grosso. Na figura de número oito é possível apontar o informativo das assinaturas, onde o jornal oferecia três modalidades, assinatura anual, no valor de 120 cruzeiros, assinatura semestral custando 70 cruzeiros e exemplar avulso por 0,50 centavos de cruzeiros.

Figura 8 - Tribuna, 29 de outubro de 1950



Fonte: da autora.

Em 1950 o jornal Tribuna (logo abaixo) possuía ao centro em letra destacada temos o nome do jornal delimitado em letras grandes, com ângulos e linhas retilíneas, preenchidas pela cor preta, o que causa um impacto visual de força, presença e poder, logo abaixo após o nome do periódico é possível ver a delimitação do espaço por uma linha, abaixo dessa linha está presente a seguinte descrição ANO XXXVIII, que se refere a idade do jornal, naquele dado momento com 38 anos de existência, ao lado temos uma espécie de cabeçalho com a data, nesse caso dia 29 de outubro de 1950 e pôr fim ao lado o número do exemplar, nesse caso 13.985, todos os jornais analisados terão essa estrutura inicial, o que irá modificar será apenas a sequência que se seguirá naturalmente ao longo do tempo.

O jornal contava com a seguinte organização:

Figura 9 - Tribuna, 29 de outubro de 1950



Fonte: acervo próprio

A primeira página do jornal se dedicava em maior relevância, podendo ser nacional, internacional, política externa ou interna ou em alguns casos (minorias)

política regional, as opções eram essas, e todas essas notícias maiores, de cunho político e até ideológico tinham um espaço claramente delimitado na primeira página, algo que é comum em muitos periódicos, foi nesse momento que o jornalismo brasileiro passa por uma transição de estilo, que sai do francês, mais agressivo de opinião e migram para o estilo americano, mais neutro, sem opiniões, mas que valorizavam o elemento da primeira página, (Ribeiro, 2003, p.151) descreve essa mudança:

Foi nesse momento que nasceu o conceito de primeira página como vitrine, como uma espécie de "cardápio atraente" de tudo o que estava no interior do jornal. Chamadas, pequenos resumos dos principais assuntos do dia, passaram a ser impressos na capa dos periódicos.

Ainda no que diz respeito ao teor ideológico do que estava presente nas primeiras páginas do jornal, é de suma importância mencionar que o país no auge da década de 1950 vivia com uma política nacional efervescente, marcada por inúmeras tensões econômicas e disputas de poder, com idas e vindas de Getúlio Vargas e suas inúmeras promessas de desenvolvimento (Caputo, 2009, p.515):

O segundo governo Vargas propunha avançar na montagem de infraestrutura para o desenvolvimento econômico, possibilitando a integração da indústria pesada de bens de capital e de insumos e aplicando capitais públicos nos empreendimentos estratégicos, tais como petróleo, eletricidade e siderurgia. Vargas tinha como objetivo promover uma integração vertical da industrialização e, para isso, buscou uma aliança com os Estados Unidos, através de empréstimos públicos e colaboração técnica.

No contexto internacional, disputas travadas entre Estados Unidos e União Soviética e o temor pelo comunismo era um tópico bastante utilizado pela imprensa para sensibilizar os leitores. Em sua tese, em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil, 1917-1964, o autor comenta a respeito da atuação da imprensa anticomunista em nosso território (Motta, 2002, p.26) “Na medida em que aumentou o temor ao comunismo, o campo de atuação anticomunista também se alargou. Na imprensa, o espaço dedicado ao tema foi ampliado, esmerando-se alguns veículos em encontrar argumentos para mostrar a impropriedade do comunismo”.

Durante os anos de 1950 até o início dos anos de 1960, o Tribuna se mantém como um jornal de postura conservadora, pois repassava por meio de seus discursos a ideia contrária ao comunismo, colocando-se compatível aos ideais pró capitalistas, como é possível observar na edição do dia 29 de outubro de 1950.

Figura 10 - Tribuna, 29 de outubro de 1950



Fonte: da autora.

A seguir, temos a segunda página, preenchida com o denominado indicador profissional de Corumbá, um espaço destinado a anunciar os profissionais da cidade e prestadores de serviços, médicos, advogados, dentistas, perito contador, anúncios de vendas de móveis, imóveis, fazendas, produtos em geral, de drogarias, casas comerciais e tudo e qualquer produto ou serviço que pudesse ser oferecido na cidade estaria presente na segunda página do jornal.

Figura 11 - Tribuna, 29 de outubro de 1950



Fonte: Acervo próprio

A terceira página contém ainda alguns anúncios de lojas de tecidos, venda de produtos domésticos, editais, avisos, oportunidades de emprego, um anúncio da empresa de navegação fluvial Migueis e Cia, anúncio de serviços aéreos Cruzeiro do Sul Ltda. com horários de chegadas e saídas de voos e na coluna esquerda está presente a coluna Sociais.

A coluna Sociais como já fora mencionado anteriormente já era uma pequenina seção que estava localizada na última página, no caso na quarta página e era denominada Tribuna Social e se faz presente no respectivo jornal de forma sistemática a partir de 1950, com a adesão regular, ela se moveu da quarta página para a terceira, no canto superior esquerdo, como é possível certificar na próxima imagem.

Tribuna. Nas próximas páginas a coluna será esmiuçada e comentada. A edição do dia 22 de fevereiro de 1951 mostra os elementos da coluna logo no primeiro ano após sua fundação.

Figura 14 - Tribuna, 22 de fevereiro de 1951

Fonte: acervo próprio.

Observando atentamente ao layout da coluna é possível fazer algumas observações como, por exemplo, ao anunciar o nome da coluna, a palavra “Sociais” está contornada com flores, não há nenhuma sinalização óbvia de que esse espaço é destinado ao público feminino o que nos sugere tal impressão é justamente o uso de elementos visuais que remetem que aquela escrita estaria voltada para as mulheres, na sutileza dos detalhes uma vez que esse público tem características mais suaves e delicadas assim como as flores, o sexo frágil. Esse exemplar possui especificamente os seguintes tópicos: Cantiga, Pensamento, boas maneiras, Conselhos, ao Peladar, MIAJANTES, AVISO, ASSIM DIZ O VELHO RIFÃO: “QUEM COMPRA BUIM PANO, VESTE DUAS VEZES NO ANO”, “CORUMBATEX”, Prolar, Casa do Povo, e Traspasse de Casa Comercial.

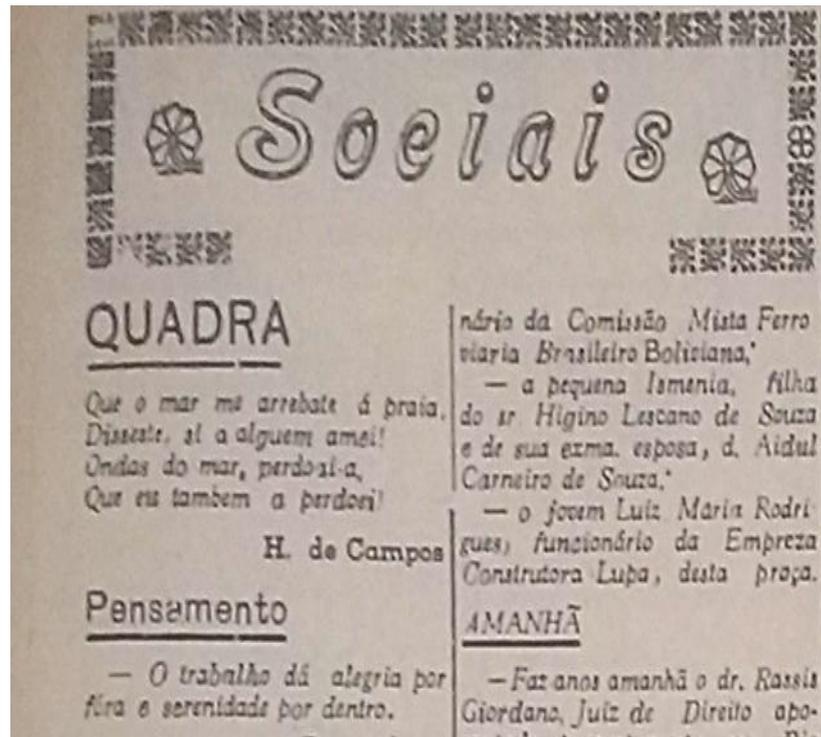
paladar, aniversários, nascimentos e viajantes. Em seu primeiro momento, a Sociais possui os seguintes elementos: Pensamentos, boas maneiras, ao paladar e aniversariantes do dia.

Ao longo das edições e com o passar dos anos, foi observada a adesão de novos elementos, alguns correlatos, outros que acabaram por substituir o que caiu em desuso, mas é enriquecedor observar a movimentação do jornal em não se acomodar e se adequar ao longo do tempo.

É válido ressaltar que a coluna não se encontra nas primeiras páginas do jornal, ou seja, o leitor ou leitora precisaria passar primeiro pelas notícias da primeira página, seguida da segunda página com uma imensidão de anúncios para só depois disso ter acesso ao conteúdo da coluna, isso poderia inclusive ter sido uma escolha proposital. Sociais possui um espaço físico considerável no Tribuna, todavia, divide esse espaço com outros avisos importantes, anúncios e até mesmo notícias, uma vastidão de conteúdos igualmente notáveis que acabam por disputar e até tirar a atenção do leitor da coluna em si. Também é inevitável não problematizar algumas questões acerca da coluna sociais, que teoricamente foi um espaço reservado às mulheres, no entanto, os diretores do jornal eram homens e não há indícios de que houve contratações de jornalistas mulheres para trazer maior representatividade a tudo aquilo que foi escrito, ou seja, a coluna nada mais era do que a percepção masculina acerca do que era ser mulher e todas as implicações de gênero que o feminino traria e também acaba por reforçar um velho discurso enraizado na sociedade o que historicamente era comum limitar a capacidade das mulheres ao espaço do lar, mas também penso que, pela variedade de informações ali descritas principalmente nas dicas de moda e maquiagem se não ocorreu a consulta de mulheres para produção do editorial. Logo no ano de seu surgimento, a coluna conta com quatro elementos, sendo eles:

Pensamento: geralmente uma frase de impacto, algo que fizesse o leitor ficar reflexivo, era assinado pelo pensador/filósofo responsável pelo raciocínio. Na figura 15 temos um exemplar do pensamento, com a seguinte reflexão: “ – O trabalho dá alegria por fora e serenidade por dentro. Dupanloup.

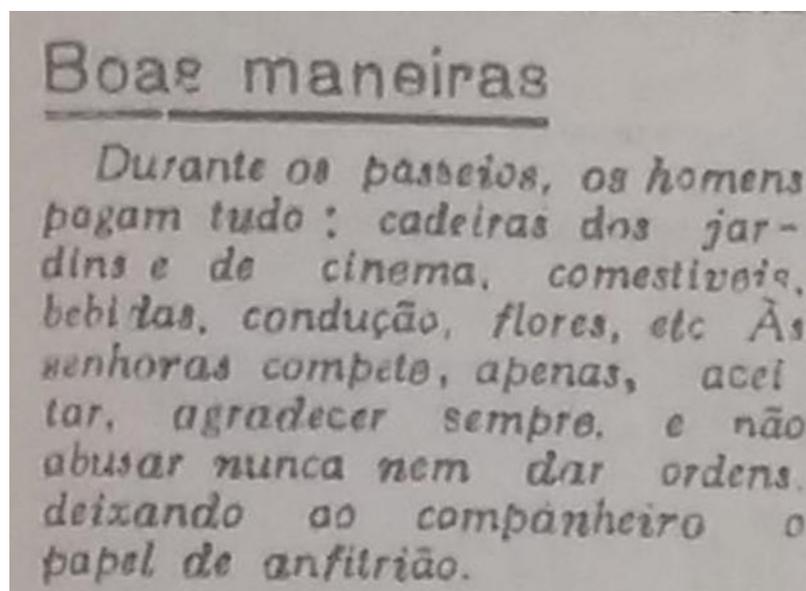
Figura 15 - Tribuna, 27 de outubro de 1950



Fonte: acervo próprio

Boas maneiras: associado a dicas de convívio em sociedade, regras de etiqueta e comportamento humano, delimitando sistematicamente a forma como homens e mulheres deveriam se comportar.

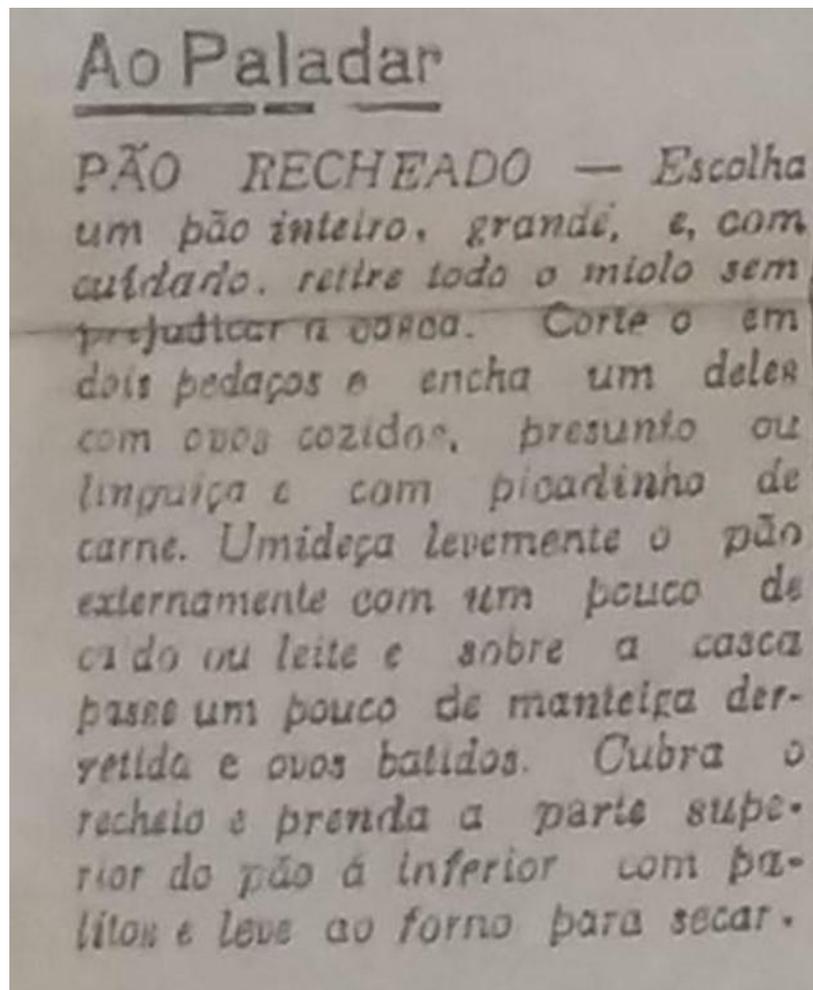
Figura 16 - Tribuna, 6 de outubro de 1950



Fonte: acervo próprio.

Ao paladar: espaço exclusivo para disseminar receitas culinárias diversas, podendo ser doces, salgadas, saladas, bebidas com ou sem álcool. Uma curiosidade é que esse item especificamente as receitas não se repetiam, eram sempre diversificadas, e ao longo dos quinze anos é possível até criar um livro de culinária com tais receitas.

Figura 17 - Tribuna, 26 de agosto de 1950



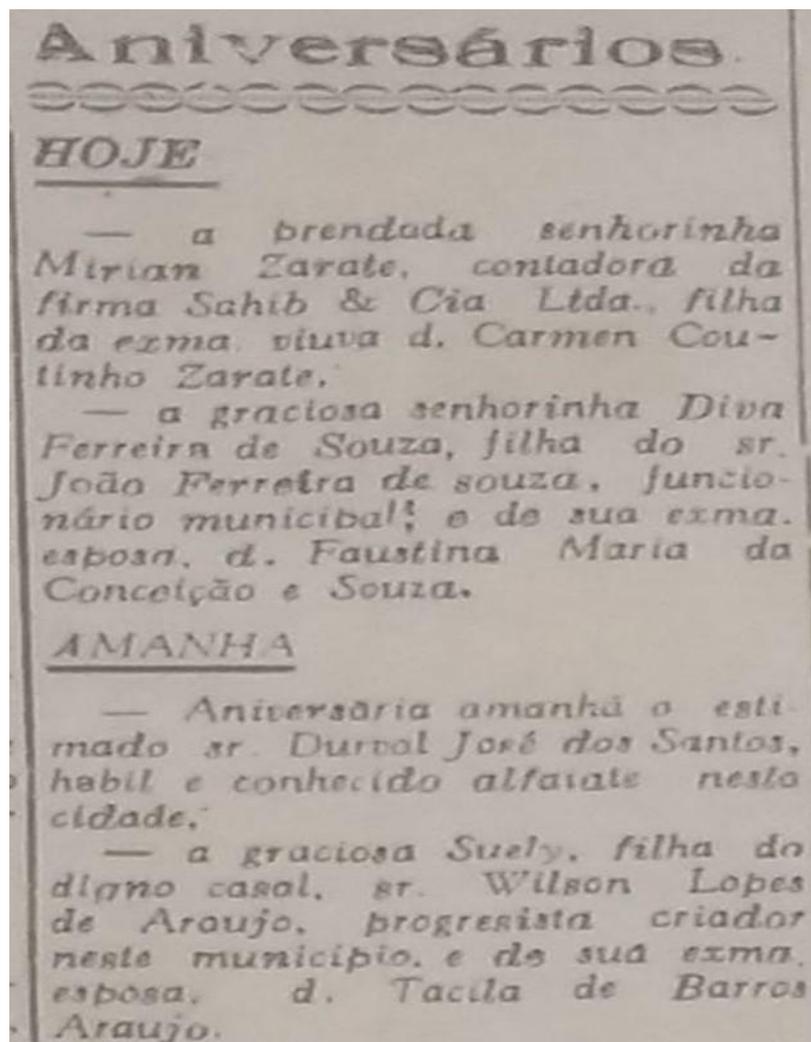
Fonte: acervo próprio.

Aniversariantes do dia: dedicado às felicitações de aniversário que eram direcionadas a população da cidade. Quanto a esse item, é valioso lembrar que não eram todos os corumbaenses que tinham seus nomes citados nesse espaço, eram pessoas que possuíam um certo “status”, geralmente ligadas a pessoas importantes e atuantes no município, filhos, sobrinhos, esposas, parentes de pessoas com prestígio, e quando imigrantes, essencialmente de ascendência árabe ou europeia, quanto aos bolivianos, paraguaios e outros cidadão latino-americanos não havia tal projeção, paraguaios marginalizados desde o fim da guerra do

Paraguai e também nossos vizinhos bolivianos que eram invisíveis por conta do editorial, quando apareciam era sempre de forma depreciativa. Em sua tese intitulada "Los Hermanos bolivianos: representações nos jornais de Corumbá/MS (1938-1999)", o autor comenta sobre a maneira pelo qual a imprensa local retratava o imigrante boliviano, sem levar em consideração seu papel na sociedade corumbaense e sem valorizar a organização indígena boliviana. (Diniz, 2014, p.24)

A organização indígena boliviana em seu cotidiano embora não fosse conteúdo de notícias locais, existiu e atuou de maneira eficiente de modo a evitar a desagregação de formas tradicionais de subsistência, devido à dependência da atividade coletiva para o desenvolvimento de tarefas importantes para a comunidade.

Figura 18 - Tribuna, 5 de novembro de 1950



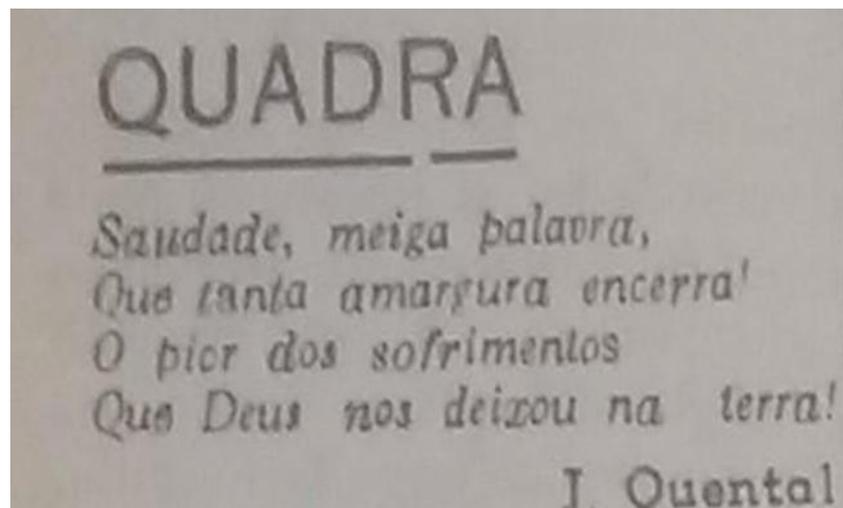
Fonte: acervo próprio.

Após alguns anos da coluna, ela foi ganhando novas temáticas, que foram responsáveis por tornar a Sociais mais volumosa, tanto de tamanho quanto de conteúdo, que foi passando por um processo de refinamento ao longo dos anos. Podemos citar os seguintes temas: Quadra,

conselhos, conselhos úteis, falecimentos, sabedoria do lar, viajantes, etiqueta, novidades da moda, beleza feminina e humorismo. As próximas páginas serão destinadas a descrição desses itens.

Quadra: ficava logo acima, inaugurar a coluna, geralmente era um poema curto que falava sobre a vida, saudade, amor, sensações e sentimentos humanos de maneira geral.

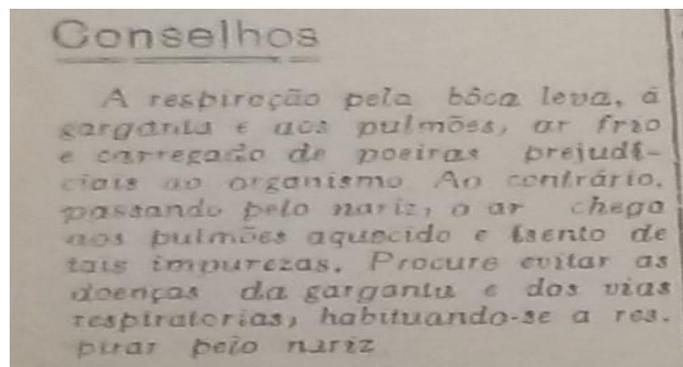
Figura 19 - Tribuna, 7 de novembro de 1950



Fonte: acervo próprio.

Conselhos: dedicado majoritariamente para dicas de saúde, retratava causas de problemas como inflamação das amígdalas, prevenção de doenças e menção a comportamentos considerados saudáveis.

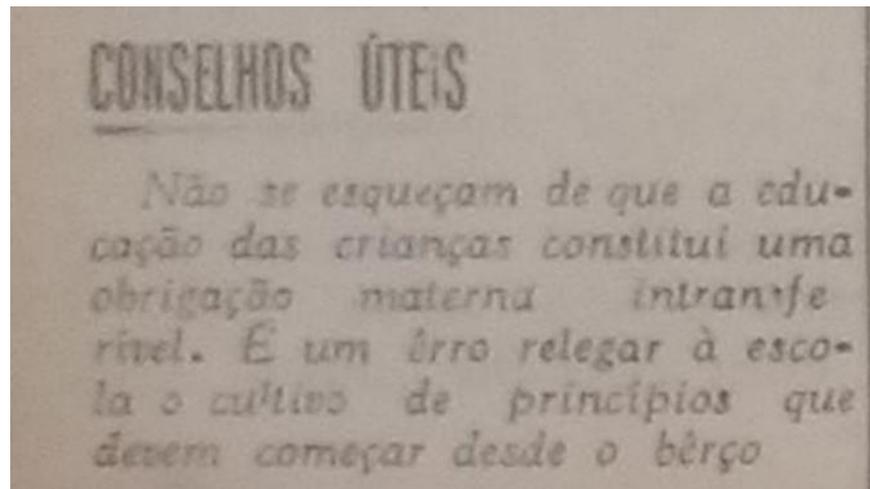
Figura 20 - Tribuna, 15 de janeiro de 1951



Fonte: acervo

Conselhos úteis: uma variação aos conselhos mencionados acima, são mais voltadas a questões sociais, direcionando funções exclusivas de gênero, delimitando o papel de homem e de mulher. Na figura 21 é possível observar que o texto orienta a respeito da educação das crianças, delimitando a essa função como obrigação materna.

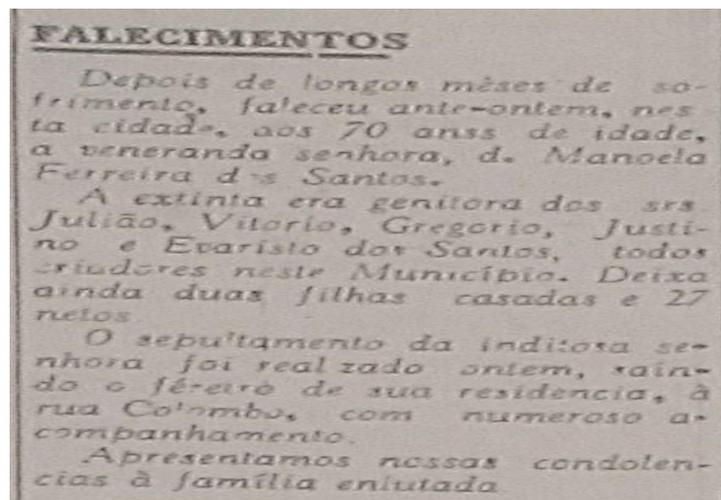
Figura 21 - Tribuna, 7 de agosto de 1954



Fonte: acervo próprio.

Falecimentos: dedicado a saudar de forma respeitosa a aqueles que partiram desse mundo, trazendo mensagens de conforto a família enlutada.

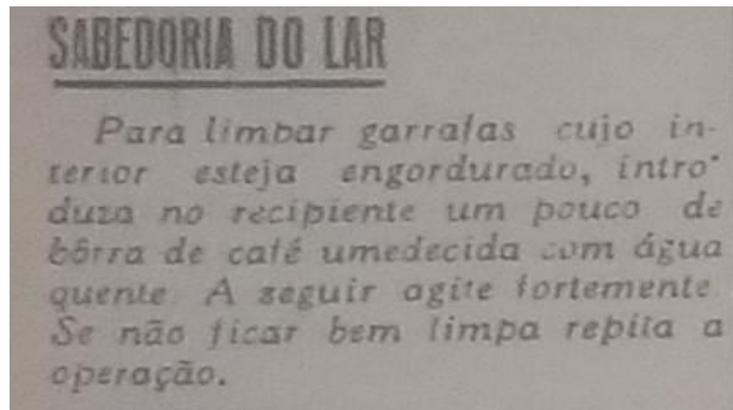
Figura 22 - Tribuna, 14 de agosto de 1954



Fonte: acervo próprio.

Sabedoria do lar: se preocupando com a parte prática da rotina da dona de casa, se preocupava em trazer dicas que facilitam a vida de quem organizasse a casa, tinham receitas de limpeza de roupas, calçados, itens como sofá, tapetes. Assim como o “Ao paladar”, tinha uma vastidão de dicas que poucas vezes se repetiam.

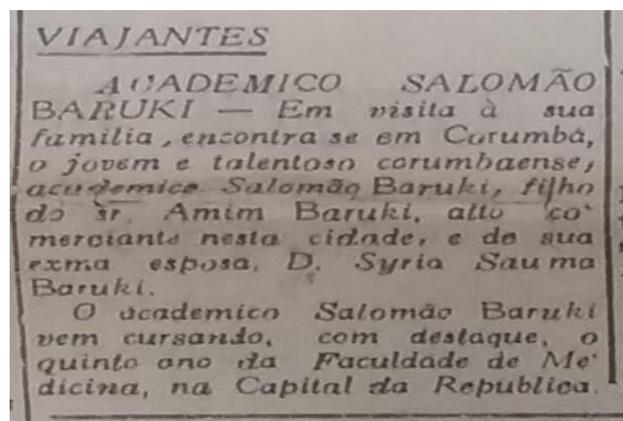
Figura 23 - Tribuna, 5 de julho de 1955



Fonte: acervo próprio.

Viajantes: tópico interessante, utilizado para informar e saudar aqueles cidadãos corumbaenses que moravam fora ou para estudar ou por outros fatores e vinham nas férias visitar a família, dava boas-vindas a aqueles que aqui chegavam de outras regiões do país. Na figura 24 o Tribuna anuncia a visita do estudante de medicina Salomão Baruki, figura bastante conhecida no cenário corumbaense, homenageado pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus do Pantanal, onde seu nome batiza o anfiteatro da instituição de ensino. De alguma forma se perdura na coluna.

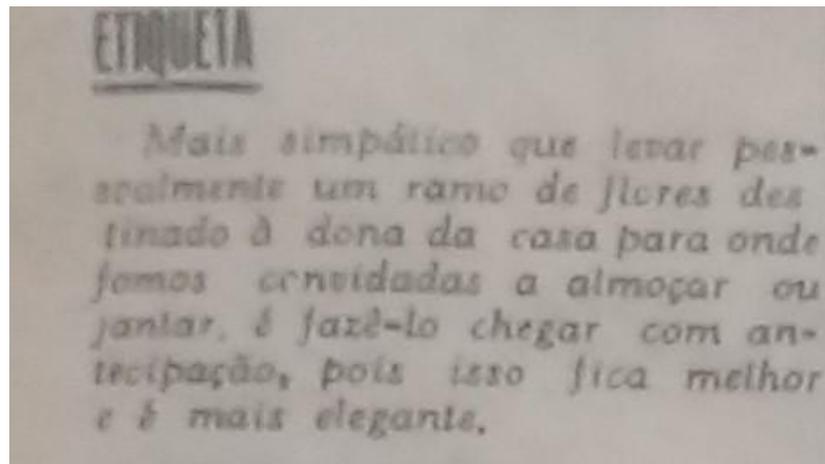
Figura 24 - Tribuna, 22 de fevereiro de 1951



Fonte: acervo próprio.

Etiqueta: trazia regras práticas de etiqueta, sinalizando o que era certo ou errado, elegante ou deselegante, sempre tendo como inspiração a etiqueta francesa, europeia.

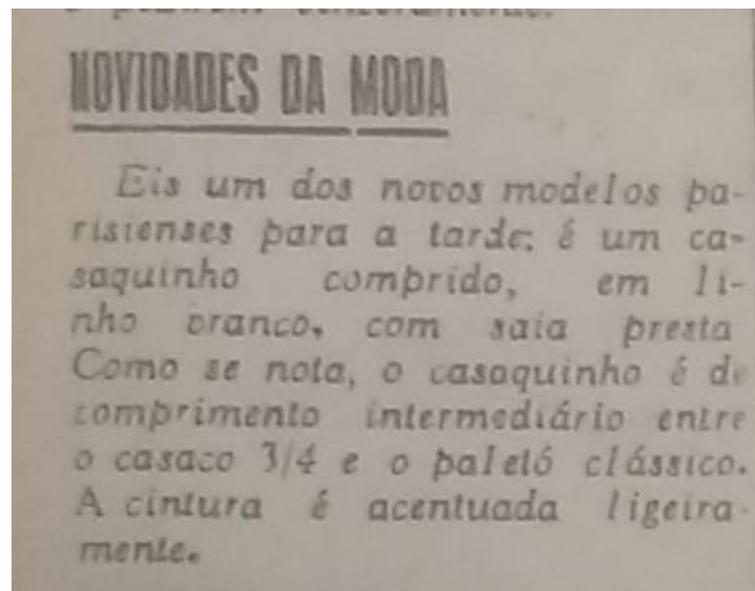
Figura 25 - Tribuna, 1 de agosto de 1954



Fonte: acervo próprio.

Novidades da moda: voltada exclusivamente para informar as principais tendências de moda naquele momento, trazia opção de uso de peças de roupas, dicas de tecidos, dicas de modelagem de roupas, uso dos calçados, acessórios, chapéus, dentre outros.

Figura 26 - Tribuna, 1 de setembro de 1955



Fonte: acervo próprio.

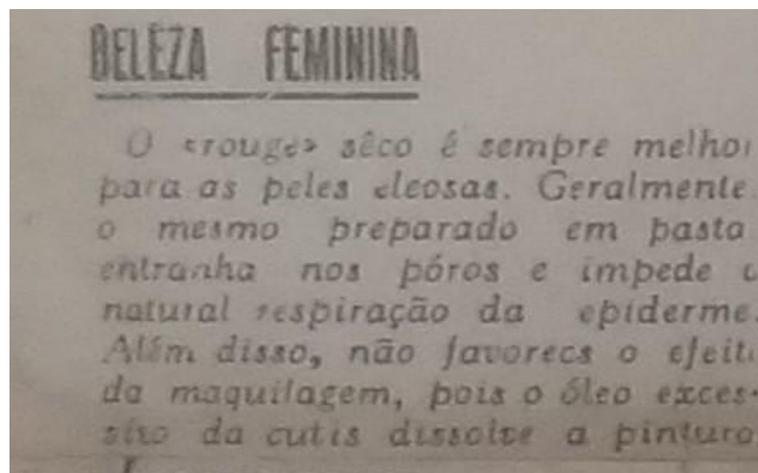
Esse item é um tanto quanto controverso, as novidades da moda como no caso acima, assim como outros itens como dicas de maquiagem e etiqueta padronizam o comportamento não somente das mulheres, mas de todas as pessoas, o que de certa forma acaba remetendo a uma das três críticas que a escola de Frankfurt faz a cultura de massas, (Gonçalves, 1998, p.11):

Crítica: Os mass media dirigem-se ao público em geral; difundem por todo o globo uma cultura de tipo homogêneo; destroem as características culturais de cada grupo étnico- perda da consciência própria de grupo cultural com características específicas. Por isso, o público não manifesta exigências perante a cultura de massa; apenas se sujeita às suas propostas sem saber; Defesa: Ao contribuírem para a homogeneização do gosto e da cultura, os media servem para unificar as sensibilidades nacionais - conduzem ao nacionalismo.

É um tanto quanto curioso essas dicas desconsiderar questões da cidade como clima, temperatura e outros fatores que afetam diretamente as vidas das pessoas todos os dias, qual o sentido de dicas de maquiagem sendo que a cidade é extremamente quente e isso dificulta a fixação dos produtos? De que adianta usar tecidos como Tailleur de lã no calor de 40 graus da cidade? Nota-se que as dicas inseridas no jornal desconsideram e até desrespeitam a realidade da cidade, que por não conseguir se encaixar nesse padrão eurocêntrico de moda e beleza se vê à mercê de repetir tendências que se tornam desconfortáveis ao corpo, inibindo o surgimento de tendências que valorizem os elementos comuns da região, no caso dos exemplos supracitados, a criação de uma maquiagem mais leve, compatível com as condições dos residentes da cidade e o estímulo à utilização de tecidos mais leves e menos quentes na pele.

Beleza feminina: tratava-se exclusivamente de ensinar dicas práticas de como cuidar de tudo aquilo que fizesse parte da beleza, pele, cabelos, unhas. Ensinava como hidratar a pele ressecada, como cuidar das espinhas, dos cabelos ressecados, dentre outras dicas.

Figura 27 - Tribuna, 27 de outubro de 1955



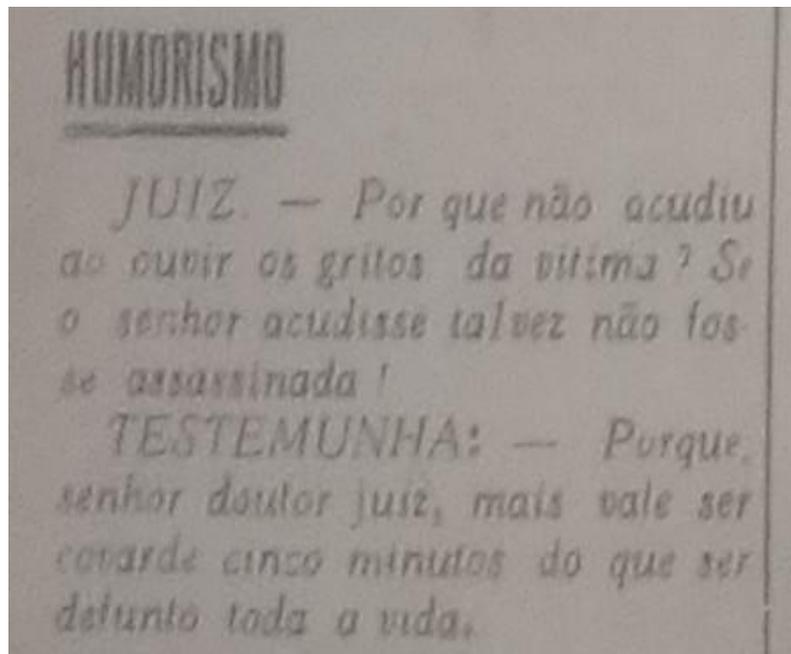
Fonte: acervo próprio.

Com relação ao “rouge” o ascendente do nosso atual “blush”, utilizado na maquiagem para dar cor às bochechas e dar uma aparência de pele com saúde, atualmente existem muitas fórmulas, podendo ser líquida, em creme, em pó, em gel o que permita uma infinidade de

fórmulas que podem ser usadas de acordo com o tipo de pele e do ambiente. Em meados da década de 1950 não havia tantas possibilidades assim de fórmulas, concluo existir apenas a em pasta, o que não é a melhor alternativa para lugares quentes como Corumbá, e o rouge seco como a coluna sugere para não aumentar a oleosidade da pele. No entanto, como mulher que utiliza maquiagem e que mora em Corumbá, afirmo que nem o blush/rouge em pó é capaz de sobreviver ao calor do verão corumbaense.

Humorismo: tratava-se de trazer piadas e anedotas com o intuito de gerar alegria e graça. No entanto foi observado que o humor do diretor seria considerado nos dias atuais um tanto quanto duvidoso, mas, não se pode esquecer de que o jornal reflete o seu tempo, e claramente essas piadas se fossem contadas nos dias de hoje já não teriam tanta graça assim, algumas delas inclusive são de gosto duvidoso, com duplo sentido e humor ofensivo, certamente não seria considerado politicamente correto.

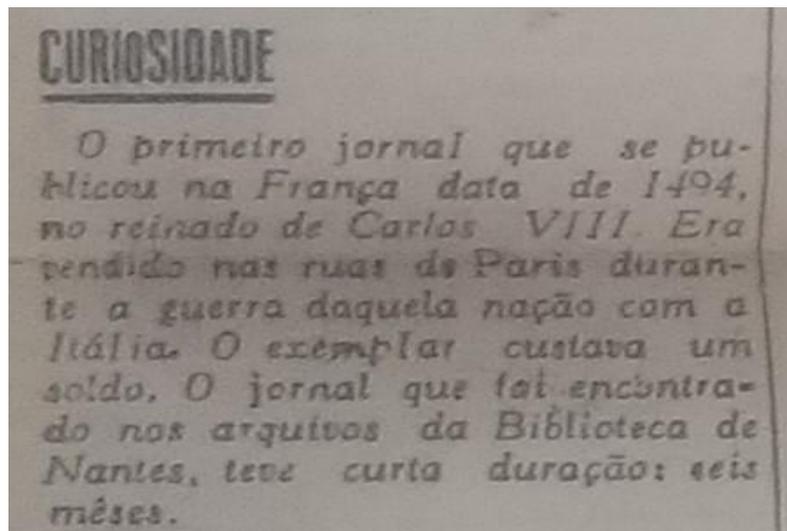
Figura 28 - Tribuna, 12 de julho de 1955



Fonte: acervo próprio.

Curiosidade: como o próprio nome sugere, vem com informações interessantes que poderiam causar a curiosidade no leitor, aparecia vez sim, vez não, mas sempre se preocupava em trazer novas informações, sem repeti-las.

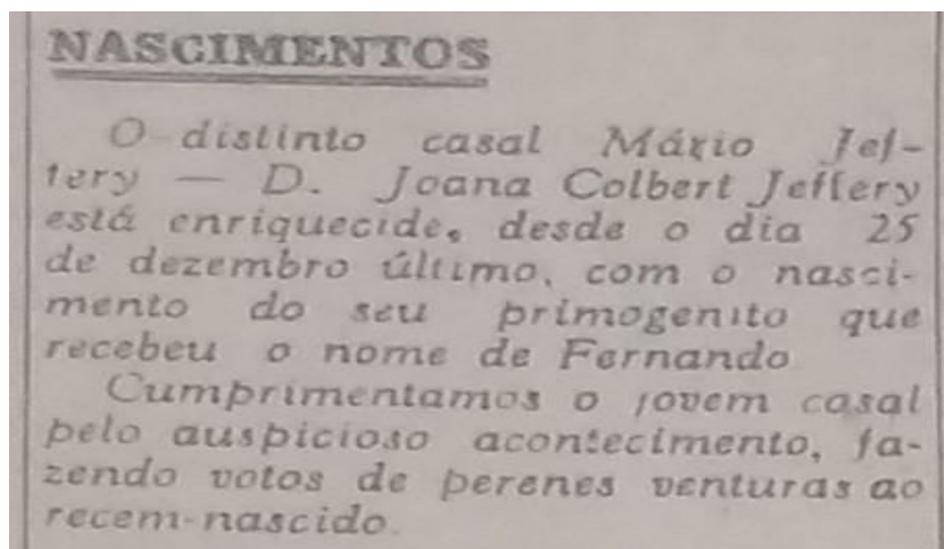
Figura 29 - Tribuna, 19 de julho de 1955



Fonte: acervo próprio.

Nascimento: Utilizado para saudar os pais dos recém-nascidos, desejando saúde a criança e uma vida próspera.

Figura 30 - Tribuna, 05 de janeiro de 1954

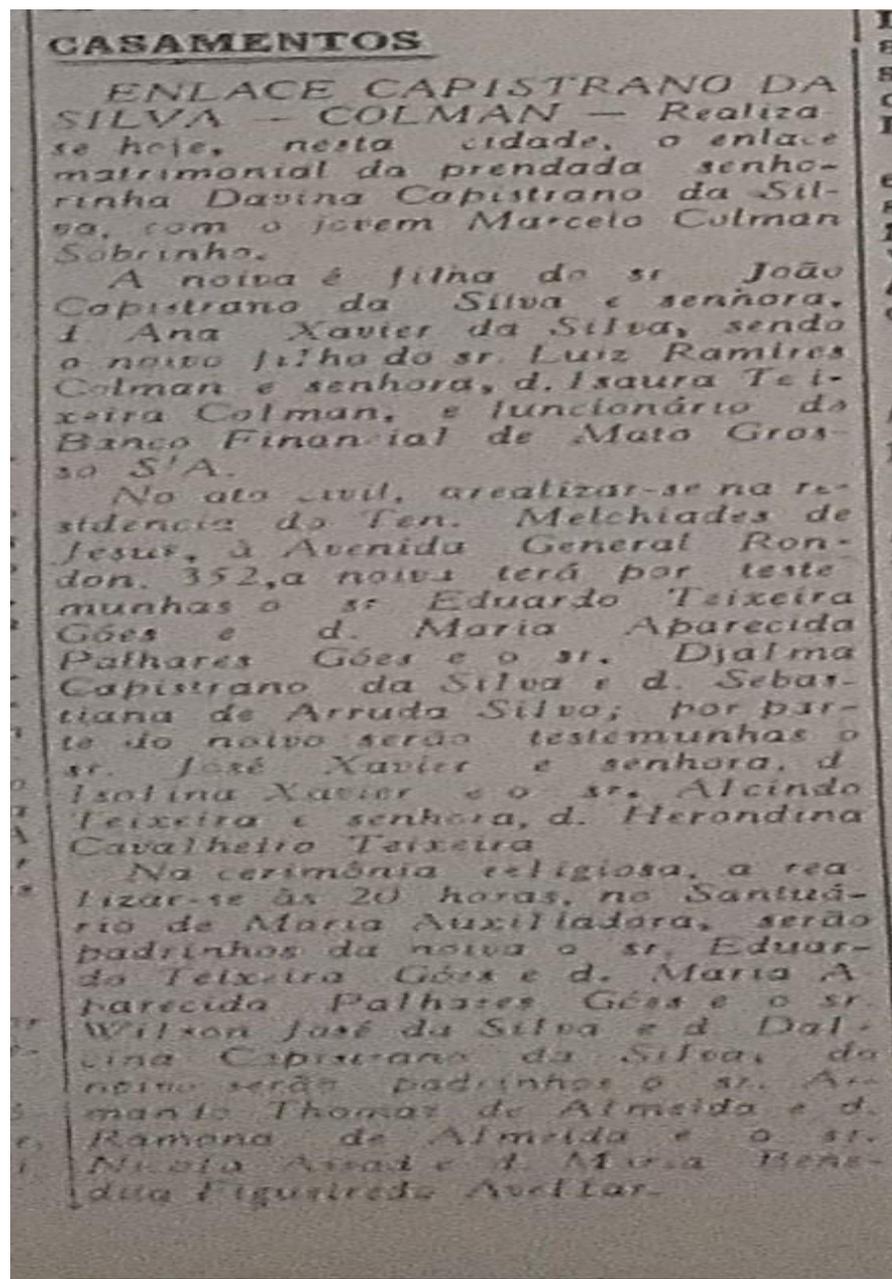


Fonte: acervo próprio.

Casamento: utilizado para informar os enlaces matrimoniais que iriam acontecer na cidade, indicando os respectivos nomes dos noivos e suas ocupações. Na figura 31 é possível observar que o anúncio do casamento que ocorreu naquele dia é feito de forma mecânica, com enfoque nas pessoas envolvidas, mas não no sentido de felicitar aos noivos, desejando uma boa vida de casal, mas a impressão que causa é a de que o jornal assim como reflexo da sociedade,

não apenas de Corumbá, mas também na época em superestimar as relações familiares e aos sobrenomes, a noiva é anunciada como filha de alguém, irmã de alguém, que tem um trabalho específico, geralmente considerado importante, vem de uma família relevante, com posses e tradição no município. Nota-se também que pessoas economicamente prejudicadas ou aquelas que não se encaixassem no perfil estipulado pelo Tribuna e pelo responsável pela coluna não teriam seus casamentos anunciados na Socias tendo em vista que casamentos aconteciam diariamente, contudo, não eram todos que seriam anunciados nas páginas do jornal.

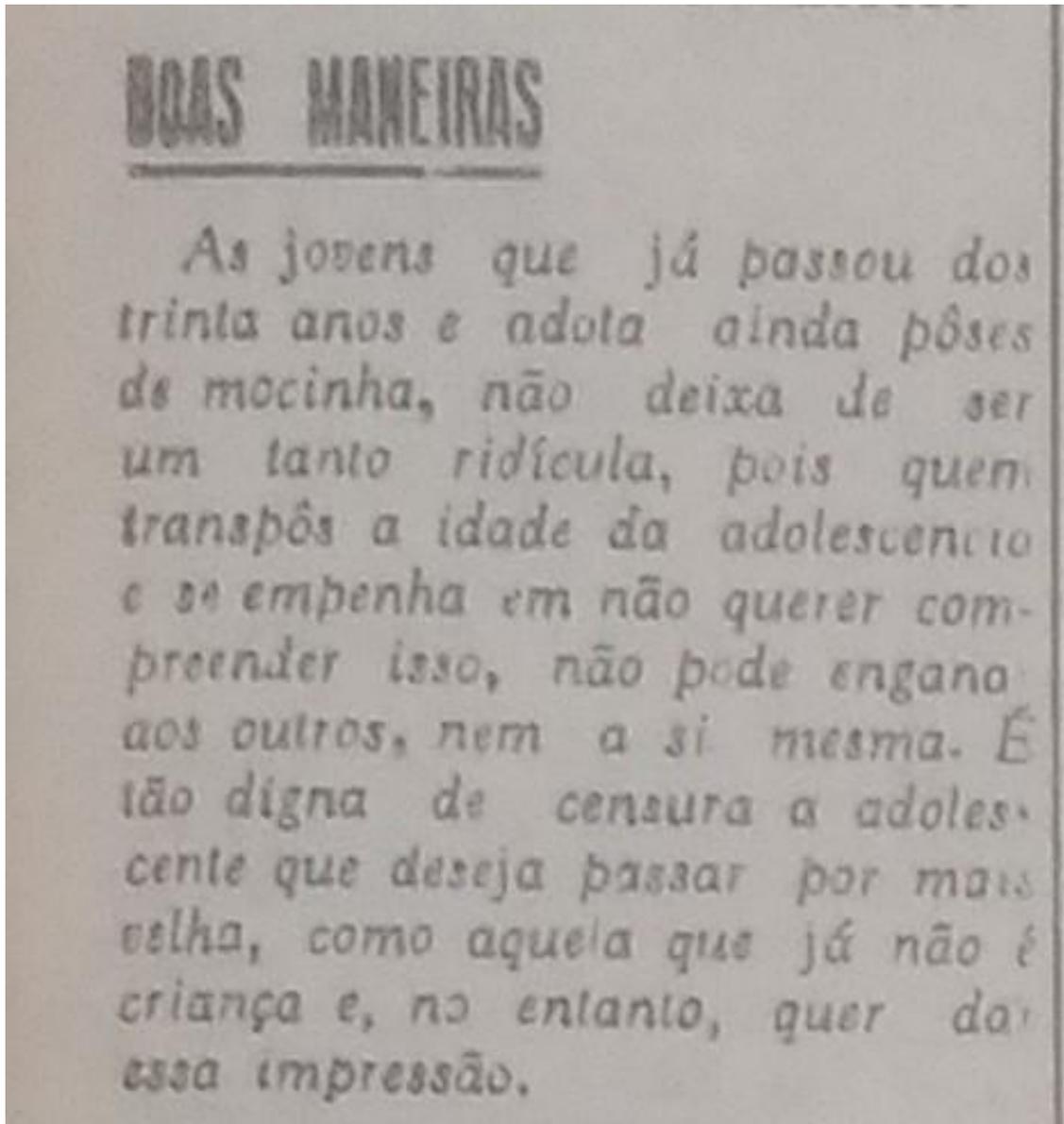
Figura 31 - Tribuna, 28 de julho de 1956.



Fonte: acervo próprio

Boas maneiras: o nome sugestivo indica que assim como a etiqueta, esse item está responsável por ensinar boas maneiras, atua como uma referência de como se comportar em sociedade de maneira padrão e que isso acabe trazendo credibilidade ao sujeito, uma vez que saber e dominar regras de etiqueta social tornava as pessoas civilizadas e, socialmente aceitas.

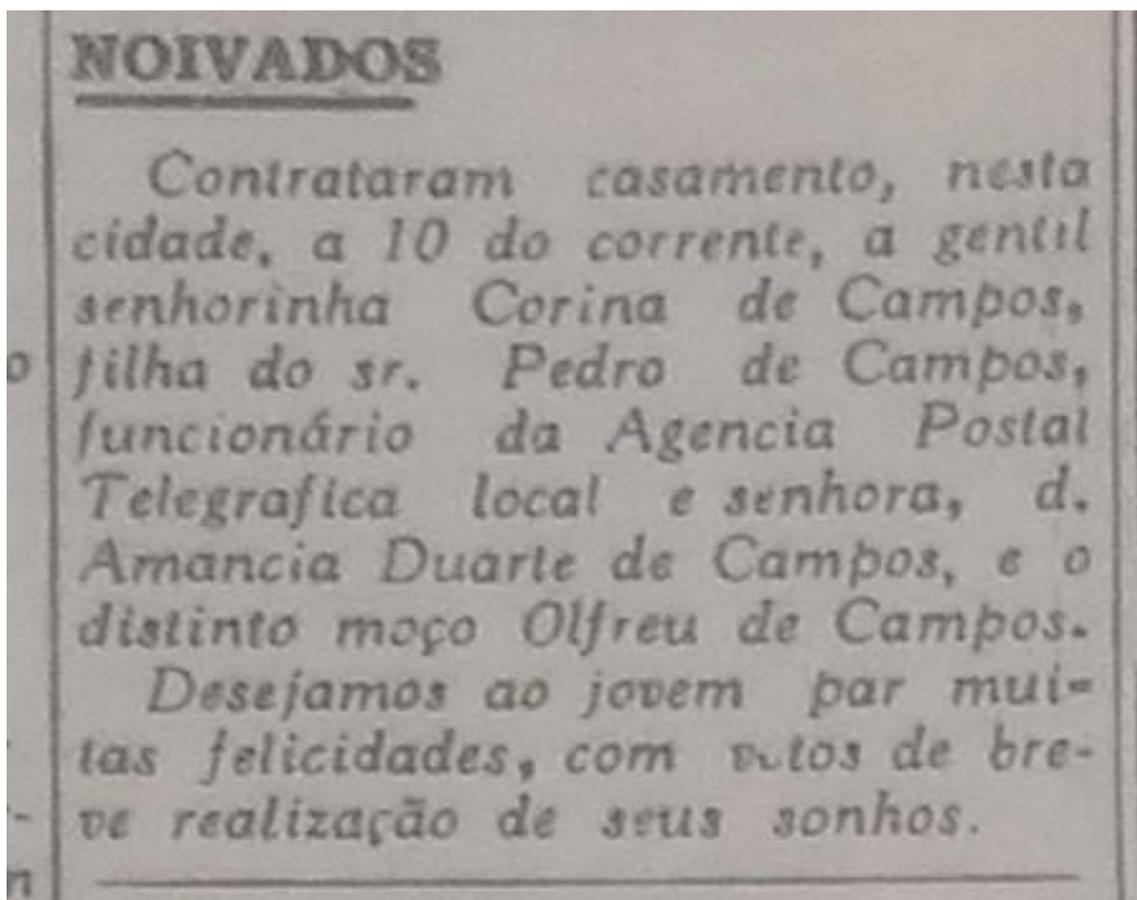
Figura 32 - Tribuna, 19 de outubro de 1955



Fonte: acervo próprio.

Noivado: assim como no casamento, o jornal se preocupa em anunciar os noivos e suas famílias para que no fim deseje estima aos noivos.

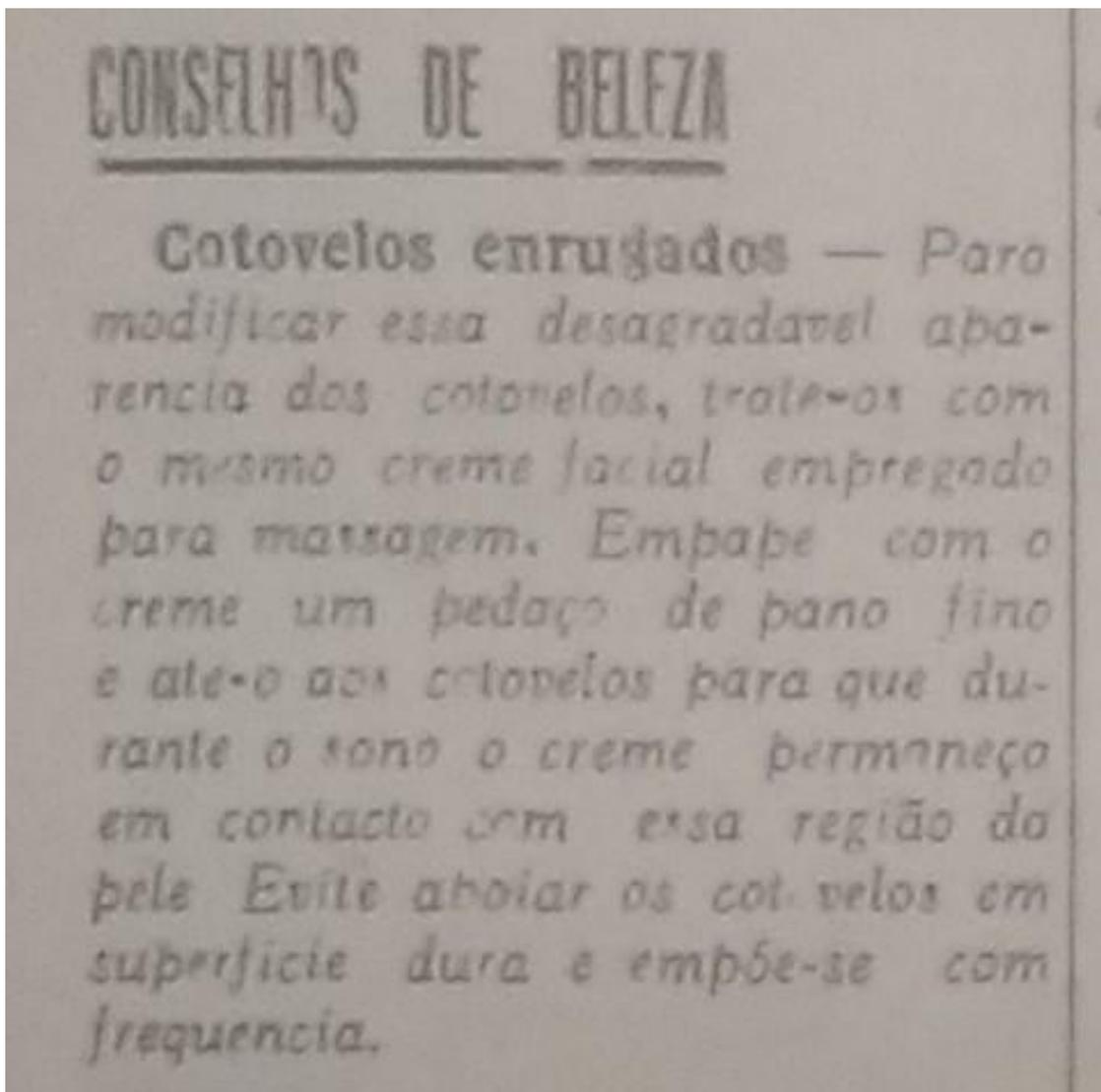
Figura 33 - Tribuna, 12 de agosto de 1954



Fonte: acervo próprio.

Conselhos de beleza: Assim como a beleza feminina, dedica-se a trazer informações e dicas para o embelezamento e o cuidado da aparência feminina, ensina de forma clara e objetiva soluções para problemas específicos, pés rachados, pele sem viço, pele do corpo ressecada, cabelo detonado ou qualquer outro problema de aparência feminina. Ao longo dos anos em que se passaram a coluna, é possível observar que essa temática sinônima ao embelezamento feminino se reforça inúmeras vezes seja pelos conselhos de beleza, pelas dicas de maquiagem, o direcionamento para se vestir da melhor maneira e isso por si só não é um problema, uma vez que o jornal se propõe a direcionar seu discurso a um público alvo precisa alimentar esse nicho, todavia, existe uma insistência intencional nesses tópicos, o que no mínimo é curioso não só pelos motivos mais fortes, a questão do que se espera do feminino, mas também ao fato de que Corumbá ser uma cidade quente e abafada, com altas temperaturas, como uma mulher ficará linda e apresentável o tempo todo? Eis o questionamento.

Figura 34 - Tribuna, 14 de agosto de 1954



Fonte: acervo próprio.

A partir do amadurecimento da coluna Sociais que foi aos poucos ganhando novos formatos, sendo acrescentados novos temas, o que ampliou o espaço físico, uma hipótese para isso possa ter sido da sua aceitação e familiaridade por parte dos leitores, então nessa trajetória, a coluna inicia-se singela, pequenina, disputando espaço na terceira página com inúmeros outros anúncios e segmentos do jornal e ao longo dos anos vai se desenvolvendo dentro daquilo que se propõe, sendo fiel a tudo que havia sido construído até então, como é possível observar nas seguintes edições: 1 de agosto de 1954, 2 de outubro de 1957, na figura 35, é possível ver de forma clara como se deu a expansão física da coluna, que ganhou novas temáticas como quadra, conselhos, ao paladar outrora era referida como cardápio, falecimentos, sabedoria do

Figura 36 - Tribuna, 2 de outubro de 1957



Fonte: acervo próprio

Conclui-se então por meio de comparação da terceira imagem com as mostradas anteriormente que um exemplar típico do primeiro ano de criação da coluna era enxuto e com poucas pautas e seguindo os anos observou-se que apenas após três anos depois, a coluna aumentou seu espaço físico.

Para facilitar a visualização do crescimento ao longo dos dez primeiros anos da coluna foi elaborada uma planilha que mostra a evolução da mesma dentro do jornal ao longo da década.

Na planilha é possível observar o crescimento físico e o acréscimo de outras temáticas na coluna Sociais, como já foi mencionado anteriormente, sete anos após sua inauguração. Nota-se o comportamento crescente da coluna, porém, no ano de 1959 a coluna volta a ficar enxuta e os temas tratados ali passam a serem substituídos por felicitações de aniversários, nascimentos e, os chamados enlaces matrimoniais como podem observar, na tabulação das informações da figura 37:

Figura 37 - Desenvolvimento da coluna Sociais (1950-1959)

| | A | B | C | D | E | F | G | H | I | J | K |
|----|-----------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|
| 1 | Repetição | 1950 | 1951 | 1952 | 1953 | 1954 | 1955 | 1956 | 1957 | 1958 | 1959 |
| 2 | Janeiro | 1 | 20 | 7 | 24 | 10 | 20 | 20 | 24 | 23 | 18 |
| 3 | Fevereiro | 6 | 20 | 6 | 20 | 12 | 8 | 19 | 24 | 22 | 12 |
| 4 | Março | 5 | 20 | 8 | 18 | 11 | 11 | 18 | 24 | 24 | 13 |
| 5 | Abril | 7 | 22 | 6 | 15 | 12 | 12 | 20 | 24 | 22 | 20 |
| 6 | Maiο | 5 | 18 | 8 | 16 | 11 | 13 | 19 | 20 | 23 | 24 |
| 7 | Junho | 5 | 20 | 7 | 12 | 10 | 10 | 18 | 24 | 24 | 22 |
| 8 | Julho | 6 | 22 | 7 | 18 | 11 | 6 | 18 | 24 | 20 | 18 |
| 9 | Agosto | 5 | 22 | 8 | 20 | 10 | 8 | 20 | 20 | 22 | 12 |
| 10 | Setembro | 4 | 13 | 6 | 18 | 9 | 14 | 14 | 24 | 24 | 13 |
| 11 | Outubro | 5 | 12 | 7 | 15 | 8 | 12 | 22 | 24 | 23 | 20 |
| 12 | Novembro | 4 | 13 | 6 | 24 | 10 | 22 | 24 | 24 | 22 | 20 |
| 13 | Dezembro | 2 | 12 | 8 | 12 | 10 | 15 | 22 | 24 | 24 | 24 |
| 14 | Total | 55 | 214 | 84 | 212 | 124 | 151 | 234 | 256 | 273 | 84 |

Fonte: da autora

Entretanto, uma pergunta ainda permanece: Por que os temas citados na coluna não foram se diversificando? Tudo que era publicado de novo sempre estava em proximidade aos assuntos correlatos, pois ao longo do tempo foram acrescentando poemas e sonetos, sempre com a temática do amor, do perdão, temas importantes e que, de alguma forma, ajudariam a manter essa construção de mulher piedosa, boa esposa, companheira e compreensiva. A chamada sabedoria do lar ganhou, com o passar dos anos, o acréscimo de dicas sobre limpeza e conservação e como educar os filhos ou prepará-los para receber visitas.

4.3 TRIBUNA VERSUS IMPRENSA ALTERNATIVA

Tendo como pano de fundo para a discussão a perspectiva de educação emancipatória de Adorno, refletimos acerca da intencionalidade dos responsáveis pelo jornal Tribuna, que ao decidirem manter uma coluna como a Sociais já possuíam claramente intenções (objetivas e subjetivas, conscientes e inconscientes), de uma inovação branda, sem grandes temáticas com relevância social ou que proporcionasse debate na sociedade. Pensar a coluna distante de sua função educativa é algo indissociável, já que a educação pode ter características emancipatórias ou não, apenas promovendo a manutenção de um sistema ou ideologia vigente. Nesse contexto, refletimos com Adorno sobre a importância de um tipo de teoria crítica da sociedade que atua como instrumento de análise da formação social analisando e descobrindo as causas dos principais problemas da sociedade, (Adorno, 2024, p.11):

A função da teoria crítica seria justamente analisar a formação social em que isto se dá, revelando as raízes deste movimento — que não são acidentais — e descobrindo as condições para interferir em seu rumo. O essencial é pensar a sociedade e a educação em seu devir. Só assim seria possível fixar alternativas históricas tendo como base a emancipação de todos no sentido de se tornarem sujeitos refletidos da história, aptos a interromper a barbárie e realizar o conteúdo positivo, emancipatório, do movimento de ilustração da razão.

Investigando de forma mais profunda sobre essa afirmação é possível contrapor a coluna Sociais com jornais feministas, para que de forma prática possa ser observada a diferença no discurso e abordagem das temáticas que fazem parte do cotidiano feminino, analisando a linguagem que os periódicos utilizam para repassar a mensagem. Consideradas as possibilidades, trago de exemplo dois jornais feministas que buscavam debater de forma crítica todas as camadas que definem o que é ser mulher: o Brasil Mulher e Mulherio.

Brasil Mulher - criado em 1975 no Estado de São Paulo por Terezinha Zerbini e a jornalista e professora Joana Lopes, que interessadas pelo movimento feminista, propuseram a

criação de um veículo que divulgasse a causa feminista e tratasse também, de temas voltados às mulheres.

Circulando pelo estado paulista durante o período da ditadura militar no Brasil, o Brasil Mulher era um periódico para mulheres e feito por mulheres compondo a chamada imprensa alternativa, de acordo com Rosalina (Leite, 2003, p. 234).

Inicialmente vale ressaltar que, durante os anos do governo militar, surgiu no Brasil um tipo de imprensa denominada democrática ou alternativa por uns, e, por outros, de imprensa nânica. Esses jornais, com formato tablóide e muitas vezes de tiragem irregular e circulação restrita, eram vendidos em bancas, porém a venda mais significativa ocorria no âmbito da militância. Tratava-se de uma imprensa com características de esquerda e de oposição ao regime, artesanal e comercializada, prioritariamente, mão a mão, ou seja, através da venda por militantes dos movimentos populares em eventos ou nas sedes das próprias organizações.

Por estar localizada em uma região populosa e industrializada do país, era possível o acesso às mais variadas informações, construindo as pautas das lutas dos diversos grupos de mulheres atuantes na sociedade, entre elas a luta pela anistia e liberdade de direitos civis, o direito a creche, questões acerca do corpo e da sexualidade como liberdade sexual, defesa ao uso de contraceptivos, melhoria nas condições de trabalho das mulheres operárias (enfoque nas metalúrgicas e indústrias do ABC Paulista) e, por fim, também vemos a discussão sobre o trabalho doméstico.

Trazendo temas e debates dentro do jornal através de artigos e matérias, o Brasil Mulher opta por uma organização por temas e não por notícias, como o jornal Tribuna. Dessa forma, as temáticas ali discutidas são muito semelhantes a estruturas de um texto, pautando-se na luta por melhoria do trabalho, o aborto, sexualidade, violência doméstica e temas que, de alguma forma, conseguiam atingir diversas mulheres, independente do contexto social, político ou econômico em que estava inserido, tornando-se uma fonte de estudos para entendermos o comportamento e a organização das lutas femininas nesse período.

Na hemeroteca digital foram encontradas 03 edições deste periódico. O primeiro, publicado em 1978 custava Cr\$8,00 e continha 04 páginas. Já a edição de 1979, denominada de edição especial, que a Leite informa como edição “extra”, o preço diminui para Cr\$5,00 e a edição ganha mais 04 páginas, totalizando 08 folhas. O último exemplar que tivemos acesso foi o da edição especial de 1980, mantendo o valor de Cr\$5,00 e contando com 14 páginas, evidenciando a ampliação do debate em torno das questões importantes para as editoras, bem como a procura e aceitação por parte dos leitores.

Em seguida, o exemplar do Brasil Mulher, Ano 1980\Edição 00000 Especial.

Figura 38 - Brasil Mulher, 08 de março de 1980



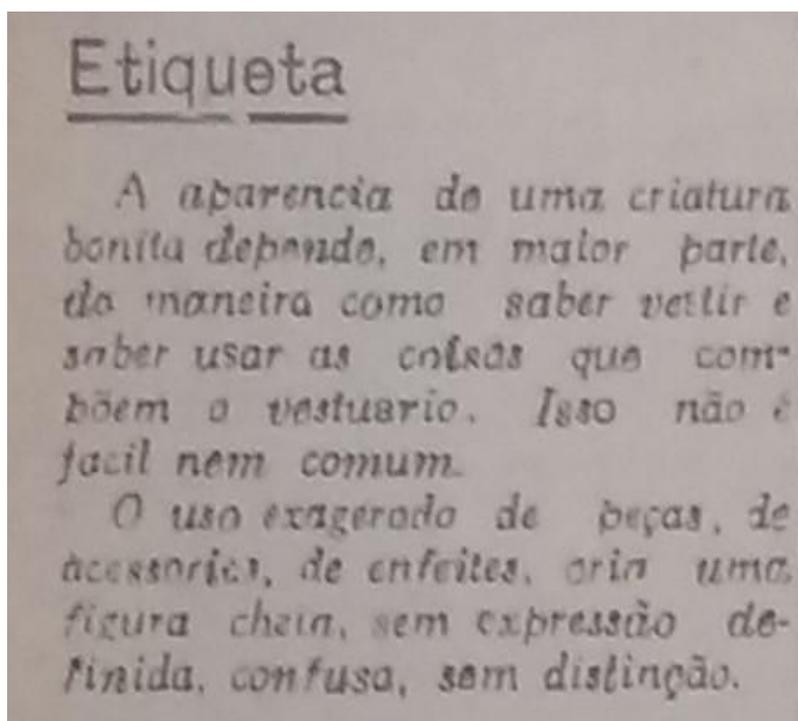
Fonte: Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional.

Observando a imagem é possível ter pistas muito expressivas, a começar pelo nome do jornal que propositalmente opta por diminuir o Brasil (acima colocado em letra minúscula) para dar maior ênfase à mulher que está com a fonte ligeiramente maior. Ainda se tratando de fonte,

nota-se que a mesma está preenchida de tinta preta, o que remete a uma imagem de maior força e resistência. Ao centro temos uma mulher da classe trabalhadora que foi clicada em um momento de função, contudo, por mais que seja uma mulher forte, trabalhadora ela está com uma peça de roupa que remete a feminilidade, o vestido. Para fechar, temos na lateral inferior direita o símbolo da luta feminista, já para esclarecer as preferências político-ideológicas do Brasil Mulher.

Como a coluna Sociais possui uma infinidade de temáticas é importante selecionar o que se encaixa melhor nessa pesquisa, tendo em vista essa preocupação, o aprofundamento ocorrerá com os seguintes tópicos: serviços domésticos e corpo. O contraponto ocorrerá da seguinte forma, serão utilizadas imagens de ambos os periódicos (primeiro a coluna Sociais, seguido do jornal Feminista) e em seguida dessas imagens virá à discussão a respeito do tema, seguindo e respeitando a ordem: Brasil Mulher depois Mulherio, sendo tratada uma temática por vez. No que diz respeito à temática do corpo, é possível visualizar na prática os discursos distintos de temas exatamente iguais.

Figura 39 - Tribuna, 20 de outubro de 1950



¹Fonte: acervo próprio.

Figura 40 - Brasil Mulher, 08 de março de 1980 (p. 2)

Pág. 2 — BM

ABORTO: UM DIREITO DE TODA MULHER

Se mãe, evitar filhos, aborto, são problemas que a mulher brasileira enfrenta e que permanecem à sombra. São tratados de forma superficial, leviana, sentimental e repressiva. A sociedade tenta preservar o único papel que nos destinou: ser esposas e mães. Em nome de não "honrar papel feminino", que nos ignora como pessoas, somos obrigadas a abrir mão de nossos direitos mais elementares, entre eles, a liberdade de dispor de nosso próprio corpo.

A discussão que atualmente se dá em torno do aborto, levantada inicialmente pelos grupos feministas, tende hoje a ser manipulada pelos meios de comunicação, que tentam silenciar a opinião de quem tem o dever de direito de decidir sobre o assunto. Nós mulheres, vamos começar a dizer o que pensamos sobre isso.

A falta de informação sobre o nosso corpo, sobre a sexualidade e métodos para evitar filhos faz com que a possibilidade de uma gravidez indesejada seja muito grande. E isto afeta a mulher de forma profunda, moral, psicológica e economicamente. Uma gestante jamais conseguirá emprego e se já tem, provavelmente, vai perdê-lo. São poucas as

garantias trabalhistas dadas à mulher grávida na atual legislação. Junte-se a isso as péssimas condições em que vive a maioria do povo brasileiro: salários baixos, falta de creches, de escolas, de hospitais.

Se uma mulher quer ter um filho, que se vive. A sociedade não lhe dá qualquer tipo de apoio. Se ela preclarar ou quiser interromper uma gravidez, que se vive também. Caso tenha condições, recorre a clínicas clandestinas.

nas; se não, cai nas mãos dos "aborteiros" ou nas garras dos hospitais públicos, onde a curetagem a frio é a punição para quem rejeita o "rato sublimina da maternidade", logo que a farsa moral da sociedade não pôde suportar.

No Brasil só existe até agora um projeto de legalização do aborto, do deputado João Meadez, e que é bastante limitado: preocupas-se apenas com a volta da permissão do "aborto sentimental" - para as vítimas da violência sexual.

Nós do Brasil Mulher, reivindicamos e lutamos pela legalização do aborto, livre e gratuito, como opção garantida à mulher que desejar realizá-lo, assim como acesso à informação, obtenção e controle do uso dos anticoncepcionais. No entanto, é necessário também que se garantam as condições à maternidade, pois muitas mulheres optam pelo aborto por não terem como criar um ou mais filhos. Assim, lutamos também para que o Estado assumas sua responsabilidade junto aos hospitais públicos, que se criem creches e se amplie o número de escolas, que se melhorem os salários e as condições de vida em geral.



A luta por creche tem muito a ver com a luta da mulher!

Voce me pergunta o que tem a luta por creches a ver com a libertação da mulher? Tem tudo a ver! Olha só:

- Mulher não nasceu para ser só mãe. 24 horas por dia, todos os dias de sua vida, desde o instante em que dá à luz. A gente também tem que ter tempo para se realizar como mulher, como ser humano, como trabalhadora, como ser político e social.
- Quando a gente não tem condições, para se realizar nisso tudo, fica-se uma mulher frustrada, reprimida, fechada à força entre quatro paredes e quatro bebês. E você não pode comparar a inteligência de uma mulher feita, com a inteligência de um bebê. Por mais que a gente tente conversar com as crianças e preencher todas suas necessidades, elas não preenchem as nossas necessidades. E nem poderiam. E aí, a gente fica um pouco mais insatisfeita.
- Mulher insatisfeita, reprimida, só pode espalhar repressão e criar dependência em torno dela. O marido, no trabalho, os filhos, na escola ou brincando, a mãe, trançada em casa sozinho.
- Precisamos de tempo para viver, para respirar, precisamos de um tempo de silêncio para poder pensar. Precisamos de sossego para ir ao trabalho. Precisamos de um tempo para estudar, para ler um jornal, para participar de alguma reunião no sindicato ou no bairro, em outro lugar qualquer. E claro que precisamos também de um tempo para fazer, para diversão. Todo mundo precisa disso, não é isso, não?
- Com isso tudo nossa vida fica mais cheia, mais animada, e mais satisfatória. Claro que vamos assim também ter novos problemas para resolver. Mas pelo menos sentimos que estamos fazendo algo para enfrentar a vida e resolver os problemas, e não ficar em casa sentada remoendo por dentro e torcendo para que o marido e os céus resolvam a situação.
- Para isso tudo, precisamos de tempo e cabeça tranquila. Com as creches.
- Se elas forem do jeito que a gente quer, ou seja, toda financiada pelo Estado, e a gente participando da orientação da educação das crianças. Assim podemos ficar tranquilas, e nos meter pela vida adiante, crescendo como indivíduo, como ser humano, como mulher. Os filhos não são só da mãe, e interessam à toda a sociedade. É justo portanto que toda sociedade cuide da criação e educação das crianças, de uma forma que permita a libertação do batallhão de mulheres que ficam presas numa casa cuidando de seus bebês, como se ela os tivesse gerado sozinho.
- Com mais tempo para nos realizarmos como mulher, como ser humano serenos até mães mulheres.
- O que a creche tem a ver com a libertação da mulher? Tem tudo a ver! Sem elas não há condições de se nada além de uma mãe reprimida e repressora, castrada e castroadora, punida e punitiva. E ser mulher não é só ser mãe. É muito mais.

E como ainda a luta por creches em São Paulo?

Je conseguimos algumas vitórias. Pou andam ditando — os jornais e a mídia — a história de creche, que logo seria aprovada. Isso foi uma conquista nossa. A decisão que tiramos no 1º Congresso da Mulher Paulista de unir nossas forças, ampliar e multiplicar os grupos nos bairros onde o pessoal não estava organizado e criar o Movimento de Luta Por Creche no nosso bairro vizinho.

Além disso nossa luta continua — abaixo assinados, ato público, se apresenta, ao CBB, greve — e amanhã está a falar. Mas, no instante sabemos que a prefeitura está interessada em não controlar as creches, não em estatizá-las. São mantidas fora por conta da comunidade? Ora, isso não resolve o nosso problema. Como vamos sustentar as creches? E qual o dialeto a seguir?

Já tivemos alguma experiência com as creches indígenas, onde o governo dá a terra para criação das crianças de cada tribo, e abrem as enormes dificuldades para manter estas creches. Está claro para nós, que, se fossem as creches indígenas, condições de abrir as crianças. Precisamos ir pensando e discutindo que as creches devem fazer na creche. Como vamos participar da construção da sua educação? Pois não vamos esquecer nossos filhos nas mãos do Estado, e dos homens que adotam a educação que não ajuda a mulher, nos queremos que nossos filhos não fiquem compartilhados entre si, mas, que aprendam a se unir para resolver juntos os problemas. Que a educação do menino não seja diferente da menina, ou seja, evitando os meninos a serem agressivos e as meninas a serem passivas. Que aprendam a transformar o mundo e melhor e não a obedecer cegamente.

E vamos conseguir algumas vitórias mas temos muita coisa para discutir e prosseguir nossa luta.

Brasil Mulher

Comissão Deliberativa da Sociedade Brasil Mulher: Beatriz de Vele Bargieri (presidente), Rosalinda Santa Cruz (diretora de imprensa e participação), Amalinda Almeida Telles e Lara Arêas Prado (editoras de publicação), Eiza Machado (diretora administrativa), Lucía Arruda e Amias, Angeli Borta, Elizabeth Sardelli e Dilete Responsável: Lucía Beck, matricada sindical 458.

Editoras: Amalinda Almeida Telles e Lara Arêas Prado, Rio de Janeiro: Lucía Arruda, Mada Barros, Maísa. Foto: Jussara Castro, Maísa.

Diagramação: Medianeira de Franco e João Faria Brasil Diagramação: Medianeira de Franco de Souza e Luis Eduardo Greenhalg.

Vendas: Rio de Janeiro: Em todas as livrarias Entre Livros, Livraria Multo, J. Viscione de Pinça 444 e no Livraria Leonardo de Vinci - Av. Rio Branco.

Composição: Editora Jornalística AFA.

Tiragem: 5000 exemplares.

Sociedade Brasil Mulher, São Paulo - Rua Fidalgas, 548, Rua 18, CEP 02422 Vila Madalena - Rio de Janeiro: Rua Rui Barbosa, 76 - Flamengo - 20000



Fonte: Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional.

Vemos que ambos os periódicos tratam da temática do corpo, mas sob perspectivas diferentes, na coluna Sociais a aparência ganha uma hipervalorização, onde a mulher além de ser uma boa mãe, esposa, dona de casa era de grande valia que essa mulher estivesse bonita e apresentável, discurso esse bem conveniente pois estimula o consumo onde essa mulher precisava gastar dinheiro comprando itens que a deixassem bela. (Adorno, 2024, p.20) reflete sobre a vida cultural pela razão da produção econômica.

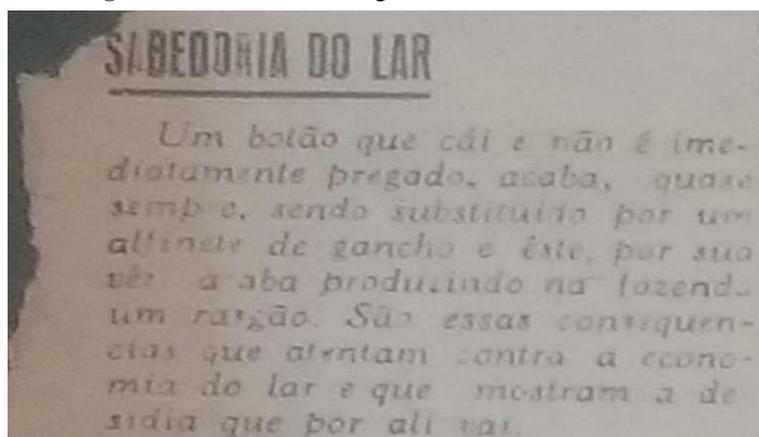
A indústria cultural determina toda a estrutura de sentido da vida cultural pela racionalidade estratégica da produção econômica, que se inculca nos bens culturais enquanto se convertem estritamente em mercadorias; a própria organização da cultura, portanto, é manipulatória dos sentidos dos objetos culturais, subordinando-os aos sentidos econômicos e políticos e, logo, à situação vigente.

Em se tratando ainda desse tópico o Brasil Mulher segue por outro caminho, focando em trazer a discussão do aborto como um direito da mulher e logo abaixo traz a pauta da luta por creche, defendendo o ponto de vista de que a creche seria a “libertação da mulher”. Penso que essa escolha de pauta foi proposital uma vez que defender o direito ao aborto a todas as mulheres não anula o fato da necessidade de lugar seguro e digno para os filhos daquelas que

decidiram serem mães. Sendo assim, percebemos na ótica da teoria crítica que o jornal Tribuna por meio da coluna Sociais não se interessa em modificar, nem sequer debater a posição da mulher na sociedade, comportando-se aí como uma ferramenta de manutenção social, preservando o status quo enquanto o Brasil Mulher traz esses debates de forma crítica levando em consideração as demandas sociais das mulheres, defendendo o princípio educativo emancipatório.

No que diz respeito à temática do trabalho doméstico temos:

Figura 41 - Tribuna, 3 de agosto de 1958.¹³ Desídia ¹⁴



Fonte: acervo próprio.

Ainda no exemplar do dia 08 de março de 1980, Dia Internacional da Mulher, observa-se a presença da matéria "Era uma vez a rainha do lar que no canto superior direito apresenta uma carta com a seguinte escrita: lar "doce" lar !??" com o tom depreciativo para as tarefas domésticas. No canto inferior esquerdo, é identificada a imagem de uma moça segurando no colo uma criança de colo, e tal imagem chamou atenção. (Brasil Mulher 8 de março de 1980, p. 12).

"Só mesmo quem tem que acordar mais cedo pra trabalhar em casa até a hora de ir pro emprego, e tornar de ir pro emprego, e tornar a trabalhar nela quando volta do escritório ou fábrica, é que sabe da mão-de-obra que aquilo dá. Limpar a casa, lavar e passar roupa, preparar a comida, lavar a louça, ter e cuidar dos filhos, educá-los, cuidar do marido, etc., é não só um trabalho que não acaba nunca, como também um trabalho que as pessoas só notam quando não foi feito. E que ninguém valoriza."

¹³ Sabedoria do lar: Um botão que cai e não é imediatamente pregado, acaba, quase sempre, sendo substituído por um alfinete de gancho e este, por sua vez acaba produzindo na fazenda um rasgão. São essas consequências que atentam contra a economia do lar e que mostram a desídia que por ali vai.

¹⁴ Substantivo feminino; falta de atenção, de zelo; desleixo, incúria, negligência.

O Brasil Mulher faz questão de retomar levantamentos como a divisão injusta das tarefas domésticas, questionando-a duramente, o porquê de caber apenas à mulher o título de rainha do lar.

Faz justamente essa discussão sobre a necessidade de se pensar novas maneiras de lidar com o trabalho doméstico de forma que os homens possam participar dessa divisão. A coluna Sociais não propõe a divisão do trabalho doméstico com os homens, já que sua estrutura deixa de forma objetiva a mensagem de que cabe às mulheres a exclusividade do trabalho doméstico.

Figura 42 - Brasil Mulher, 8 de março de 1980.

ERA UMA VEZ A RAINHA DO LAR...

Há dois anos atrás, as mulheres de um pequeno país que quase ninguém conhecia deram, o que falar. Depois de muito pensar e conversar, elas perceberam que ninguém dava valor ao trabalho que elas faziam.

Elas resolveram então parar de trabalhar um dia. Parou todo mundo: operárias, telefonistas, professoras, secretárias, donas de casa, etc. Isto foi na Islândia. E a confusão que causou no país foi tão grande quanto você pode imaginar.

Mas a confusão mais estranha, que ninguém pensava que fosse acontecer, foi a que resultou do fato de as mulheres também não terem trabalhado em casa. Pra começar, todos os maridos chegaram atrasados ao serviço - alguns nem puderam ir, pra cuidar do bebê e - muitos escritórios e fábricas tiveram que tentar imaginar uma solução para as crianças que os pais tinham levado junto...

Divertido, não?... Mas, mais que divertido, mostra um pouco do valor que tem um trabalho sempre desvalorizado - o trabalho doméstico. Mas as mulheres estão começando a dizer para o mundo que esta história de que a mulher é a rainha do lar, e que depois que ela casa vive como uma princesa dos contos de fada, é conversa só das novelas. Que, aliás, acabam sempre quando a mocinha casa finalmente com o mocinho, e aí vivem felizes para sempre, e ponto final.

Só mesmo quem tem que acordar mais cedo pra trabalhar em casa até a hora de ir pro emprego, e tornar a trabalhar nela quando volta do escritório ou fábrica, é que sabe da mão-de-obra que aquilo dá. Limpar a casa, lavar e passar roupa, preparar a comida, lavar a louça, ter e cuidar dos filhos, educá-los, cuidar do marido, etc. é não só um trabalho que não acaba nunca, como também um trabalho que as pessoas só notam quando não foi feito. E que ninguém valoriza.

Acontece que convém fazer de conta que trabalho doméstico não é trabalho. Porque dá mais lucro pros patrões e para o governo. Quer ver como?

Cuidar da casa economiza dinheiro... pro patrão

O salário mínimo é calculado levando em conta o custo das necessidades mínimas que o trabalhador tem para estar em condições de trabalhar.

Ora, pra poder voltar pro trapo todo dia, você e seu marido precisam de um lugar onde dê gosto descansar até o dia seguinte. Não bastam quatro paredes, uma cama e um teto. A casa precisa estar arrumada e limpa, senão ninguém consegue descansar e pega doenças. Se a esposinha ou a mamãezinha não limpar a casa, de duas, uma: ou o trabalhador vai precisar trabalhar menos tempo fora, pra poder cuidar disso ele mesmo, ou vai ter que contratar uma faxineira. E vai precisar ganhar pelo menos mil cruzeiros a mais para poder pagá-la. Se a mulher fizer esse serviço de graça, o salário pode ser menor.

O Descanso do Guerreiro

Antigamente, os homens saíam bravamente de casa, montavam em seus cavalos (quem os tinha), iam guerrear e, depois, cobertos de glória, ou derrotados, voltavam para encontrar conforto e admiração nos braços de suas mulheres. Ou consolo...

Hoje, os guerreiros modernos saem de casa, amontoam-se nos ônibus, e trabalham o dia inteiro num ritmo insano e muitas vezes sob a bronca do chefe. E levam o cansaço, a raiva, o desafogo para casa. Chegam lá e descarregam tudo na mulher. E isso é bom para o patrão.

Que bom para eles que existam as esposas doces, compreensivas, submissas, que servem de... saco de pancada! Que bom para o patrão!

Serão as mulheres amigas da onça?

Não são. Mas acabam fazendo o jogo dos patrões, do poder, porque ainda não perceberam o que isso significa. Pois que dificilmente se encontram para falar de sua situação, e sozinhas, cada uma pensa que seu problema é particular!

Mas quando elas se reúnem para discutir, a situação muda.

Na Albânia, as mulheres resolveram educar os maridos. E começaram dando para eles tarefas domésticas mais fáceis, do tipo lavar as crianças para a creche. E foram diversificando...

Mas quando chegou a hora de ter que imaginar o que fazer para a janta, eles começaram a perceber o quanto aquilo era chato. Dal todo mundo se juntou e passou a ter restaurantes populares em cada esquina, onde se compra a refeição pelo preço do custo, só faltando esquentar a comida em casa.

Em muitos países (França, Itália, Estados Unidos etc.), as mulheres acham que o ideal é mais ou menos isso: restaurante populares e almoço no local de trabalho e nas escolas, lavanderias coletivas, com todo o equipamento, em cada quarteirão, para que as pessoas possam lavar gratuitamente a sua roupa; boas creches, escolas e parques infantis; e um serviço coletivo de faxina final, limpar as ruas é um trabalho coletivo, onde a própria prefeitura se encarrega de contratar equipes para fazer: porque não fazer o mesmo quanto à limpeza das casas?

Só que, para que isso aconteça, muita coisa tem que mudar. Todo mundo tinha é que estar preocupado com o bem-estar do povo, em vez de pensar em economizar mais ou como ficar rico às custas dele.

BRASIL MULHER

Página 12

Rachel Moreno

O contraponto das fontes se dá aqui mais uma vez pelo abismo que separa os discursos de ambas. A primeira, de linguagem objetiva e direta deixa explícito que a obrigação dos serviços domésticos é da mulher e cabe a elas a responsabilidade de manter a casa em ordem, tendo uma postura proativa e sempre disposta a resolver os problemas que aparecerem, sinalizando que qualquer comportamento que destoasse desse modelo seria considerado preguiça ou desleixo na vida social. Essa linguagem mais uma vez reforça a teoria conservadora, ou afirmativa. A respeito da teoria da semiformação e sua determinação social da formação na sociedade contemporânea (Maar, 2003, p.462) revela que” A cultura tematizada no presente já não seria apreendida como ideal emancipadora, mas real conservadora ou “afirmativa”. Como resultado, legitimaria a sociedade imperante, que reconstrói como “cópia” ordenada de modo estritamente afirmativo.”

A segunda fonte ao tratar do trabalho doméstico debate de inúmeras formas como a divisão desigual das tarefas prejudica a mulher e beneficia aos homens. Por mais que estivessem em temporalidades diferentes, é inegável que ambos estão na contramão um do outro no que diz respeito à teoria da semiformação, pois aqui vemos claramente um exemplo da tentativa de se discutir a teoria emancipatória da classe proletária, uma luta de classes que possibilitaria o chamado direito à preguiça. (Maar, 2003, p.462) se aprofunda melhor:

A teoria emancipadora da consciência de classe proletária, construção ideal-típica a orientar a intervenção social rumo à libertação do modo de reprodução vigente, seria substituída pela teoria crítica da semiformação da classe burguesa vigente, decifrada em sua forma social determinada, entre outras, como ordenamento de adequação, de sujeição aos termos existentes da reprodução social.

Mulherio - Periódico que nasce logo após a aprovação da lei da anistia no ano de 1979, consequentemente as editoras do jornal se veem sob um país que está buscando reestruturação política, econômica e social, com o país livre da tortura, grupos considerados ameaças já podiam expor suas ideias e fazer isso sem receio de retaliações. Em sua dissertação de mestrado denominada “Escritas feministas: os jornais Brasil Mulher, Nós Mulheres e Mulherio (1975-1988)” (Tamião, 2009, p.36) descreve a trajetória da origem de Mulherio:

Dois pressupostos em relação ao momento em que o Mulherio foi criado precisam ser lembrados: primeiro, depois da aprovação pelo congresso da Lei da Anistia, em 28 de agosto de 1979; segundo; os partidos políticos de esquerda já estavam vivendo um período de legalidade. Não se podem perder esses referenciais quando trabalhamos com o Mulherio, pois tais pressupostos eram ideais e batalhas assumidas como bandeiras pelos jornais Brasil Mulher e Nós mulheres.

É lançado em 1981 na cidade de São Paulo e circulou até o ano de 1988, bem montado, com equipe especializada e com apoio da Fundação Carlos Chagas, onde até os dias de hoje mantém digitalizados os exemplares em sua página na internet. (Tamião, 2009, p.37) “A ideia

inicial do grupo de pesquisadoras da Fundação Carlos Chagas foi criar um boletim de divulgação de pesquisas e estudos em torno da problemática da mulher no Brasil.”

Logo na página inaugural, o editorial decide deixar claro a que veio, com letras escuras, grandes e pretas, que trazem a identidade visual de poder e força. (Mulherio, 1980, p.1)

Por que Mulherio? Mulherio, quase sempre, a palavra é empregada com sentido pejorativo, associada a histerismo, gritaria, chatice, fofocagem ou então “gostosura”. Mas qual é a palavra relacionada à mulher que não tem essa conotação? O próprio verbete “mulher” já é apresentado no dicionário de forma especial. Segundo o consagrado Aurélio Buarque de Holanda, mulher é: 1. Pessoa do sexo feminino, após a puberdade; 2: esposa. Em seguida, a definição vem às composições usualmente feitas com a palavra: “à toa”, “da comédia”, “da rótula”, “do lado”, “errada”, “perdida”, etc. - todas sinônimo de meretriz. As três exceções “mulher de César” (de reputação inatacável), “mulher do piolho” (muito teimosa) e a cinematográfica “mulher fatal”.

Consulte no mesmo dicionário as composições feitas com verbete “homem”: “de ação”, “de bem”, “de Estado”, “de letras”, “de negócios”, etc.

Mulherio, por sua vez, nada mais é do que “as mulheres” ou “uma grande porção de mulheres”. É o que somos, é o que este jornal será. Sim, nós vamos nos assumir como o mulherio e em conjunto, pretendemos recuperar a dignidade, a beleza e a força que significam as mulheres reunidas para expor e debater seus problemas. De uma maneira séria e consequente, mas não mal-humorada sisuda ou dogmática.

Diferente do Brasil Mulher que tinha características de jornal símbolo da classe trabalhadora era possível constatar essa afirmação lendo suas matérias, pois retratavam todas as mazelas das mulheres desse recorte de classe, já o jornal Mulherio traz consigo um viés acadêmico, com questionamentos mais refinados acerca das problemáticas femininas. A despeito dos objetivos do jornal, o editorial explica. (Mulherio, 1980, p.1)

A idéia de criação de um jornal sobre mulher surgiu já há alguns anos entre as pesquisadoras da Fundação Carlos Chagas, que se dedicavam ao estudo da condição feminina no Brasil. Inicialmente, imaginava-se apenas um boletim de notícias que fizesse o intercâmbio entre as diversas instituições e pesquisadores voltados ao tema, visando a suprir a deficiência básica por falta de informações, quem trabalhava em São Paulo não sabia o que se fazia no Rio, por exemplo.

Figura 43 - Mulherio, março/abril de 1981

MARÇO-ABRIL 81 ANO I NÚMERO 0

MULHERIO

Por que Mulherio?

Mulherio. Quase sempre, a palavra é empregada com sentido pejorativo, associada a histérismo, gritaria, chatices, fofocagem ou, então, "gostosura". Mas qual é a palavra relacionada à mulher que não tem essa conotação? O próprio verbete "mulher" já é apresentado no dicionário de forma especial. Segundo o consagrado Aurélio Buarque de Holanda, mulher é: "1. Pessoa do sexo feminino, após a puberdade; 2. esposa". Em seguida à definição, vêm as composições usualmente feitas com a palavra: "à toa", "da comédia", "da rua", "da vida", "da zona", "da rótula", "do fado", "errada", "perdida", etc. — todas sinônimos de meretriz. As três exceções: "mulher de César" (de re-

putação inatacável), "mulher do piolho" (muito teimosa) e a cinematográfica "mulher fatal".

Consulte no mesmo dicionário as composições feitas com o verbete "homem": "de ação", "de bem", "de Estado", "de letras", "de negócios", etc.

Mulherio, por sua vez, nada mais é do que "as mulheres" ou "uma grande porção de mulheres". É o que somos, é o que este jornal será. Sim, nós vamos nos assumir como o *Mulherio* e, em conjunto, pretendemos recuperar a dignidade, a beleza e a força que significam as mulheres reunidas para expor e debater seus problemas. De uma maneira séria e consequente, mas não mal-humorada, sizuda ou dogmática.

Os objetivos do jornal

A idéia de criação de um jornal sobre mulher surgiu já há alguns anos entre as pesquisadoras da Fundação Carlos Chagas que se dedicam ao estudo da condição feminina no Brasil. Inicialmente, imaginava-se apenas um boletim de notícias que fizesse o intercâmbio entre as diversas instituições e pesquisadores voltados ao tema, visando à suprir uma deficiência básica: por falta de informações, quem trabalhava em São Paulo não sabia o que se fazia no Rio, por exemplo.

Aos poucos, percebeu-se que um boletim deste tipo seria útil também para os diversos núcleos organizados de mulheres, que em pouco tempo multiplicaram-se em todo o País. E que sentem falta não só de um canal onde possam trocar suas experiências, mas também onde encontrem resultados de pesquisas sólidas, capazes de orientar suas atividades práticas. Mais: constatou-se que também os meios de comunicação veriam com interesse um boletim deste tipo. Nos últimos anos, a imprensa brasileira está descobrindo o assunto "mulher", antes relegado às páginas de culinária e dicas de beleza. No entanto, as informações da imprensa sobre mulher ainda são, em geral, superficiais, esparsas e contraditórias. Falta justamente um veículo que se dedique de forma sistemática, aprofundada e abrangente a todos os problemas que afetam a mulher brasileira, e que, pela reunião periódica de informações obtidas de fontes fidedignas, possa servir de orientação e manancial informativo para os que focalizam tais assuntos nos meios de comunicação.

Já mais amadurecida e debatida, a idéia de criação de um jornal dirigido a esses três públicos — os órgãos de comunicação, os grupos de mulheres e as entidades culturais e acadêmicas — torna-se agora realidade, ao ser integrada ao conjunto de projetos sobre a condição feminina que a Fundação Carlos Chagas realiza com o apoio da Fundação Ford. Isso garante a saída regular de *Mulherio* por um período inicial de um ano e meio.

Nossa pauta

O que você está recebendo hoje é o número zero do jornal — mais uma carta intencões, um *lay-out* do que pretendemos fazer. *Mulherio*, com 16 páginas, terá sempre um artigo de fundo, de análise, abordando um tema polêmico, como o que Maria Carneiro da Cunha escreveu na página 3, sobre o significado do 8 de março. Várias reportagens e notas curtas abordarão a mulher no Brasil e no mundo. Uma seção será dedicada a pesquisas, teses e outros estudos sobre a mulher. Outra procurará abrir espaço aos diversos grupos feministas e femininos para que divulguem suas atividades. Na área de cultura, acompanharemos com resenhas e críticas o lançamento de livros, filmes, programas de televisão e peças de teatro. E sempre traremos charges — como esta que Ciga enviou para o número zero — e muitas fotos.

A pauta do jornal e seus rumos são definidos pelo nosso Conselho Editorial, composto por 16 mulheres que têm batalhado pela melhoria da condição feminina no Brasil, como profissionais e como militantes (*ver a relação no expediente*).

Em sua primeira reunião, realizada aqui na Fundação Carlos Chagas no dia 4 de fevereiro, o Conselho deci-

Adélia Borges

Fonte: Fundação Carlos Chagas

No que diz respeito à temática do corpo, temos a coluna Sociais (Tribuna 28 de julho de 1956, p. 3).

A esposa vigilante não se esquece de sua aparência e, mesmo confiante no afeto do marido e na sua influência pessoal sobre a durabilidade desse afeto, procura estar sempre atraente, bem vestida, bem penteada, bem-disposta, a fim de que sua companhia seja desejada e não apenas tolerada. Pela força do hábito.

Essa passagem da coluna Sociais retoma ao que já foi dito anteriormente com relação à cobrança pela aparência impecável da mulher, que tem uma obrigação em ser boa em tudo que faz, praticamente perfeita, não deixando espaço para florescimento da individualidade dessa pessoa como sujeito independente do ambiente doméstico. Em outra passagem, a coluna Sociais volta a opinar sobre a aparência feminina: (Tribuna 6 de Agosto de 1958 p.3) “Mulher alguma, por bem vestida que esteja, exhibe cabelos maltratados, com restos de pintura nas pontas, poderá ter boa aparência, agradar e prender o olhar alheio”.

Dentro da coluna Sociais não é possível observar críticas ao sistema capitalista, ao contrário, saindo do espaço da coluna, o restante do jornal, que por circular em um período de inovações tecnológicas constantes, induz ao consumo.

A partir da análise comparativa de ambos os periódicos, é notável que o contexto ao qual os dois estavam inseridos, as cidades e outros pontos citados anteriormente são fatores determinantes para favorecerem a nossa pesquisa, pois possibilitou o debate das matérias referentes ao mundo doméstico.

O Tribuna, mesmo se preocupando em oferecer um espaço para o público feminino, é visível que esse espaço não atendia as demandas de todas as mulheres de todos os segmentos da sociedade, e que diante de todos os temas ali abordados, acabam normatizando o espaço feminino ao lar. Elas eram vistas como se estivessem naturalmente preparadas para lidar com as questões cotidianas, realizando suas tarefas domésticas com a maior facilidade e rapidez. Assim, O jornal Tribuna, por meio da coluna Sociais, reforçaria a limitação das mulheres em sociedade quando a cerceia ao espaço doméstico, insistindo no discurso de que mulheres veem a maternidade como um dom biológico, que cabe a elas serem boas esposas, amáveis, boas anfitriãs e estejam sempre dispostas a abdicar de suas vidas em prol de algo muito maior que elas.

Figura 44 - Mulherio, novembro/dezembro de 1981xend

CINEMA

Mulher objeto, com prazer

"Nenhum casal será o mesmo depois deste filme." A propaganda de **Mulher Objeto**, de Sylvio de Abreu, é no mínimo intrigante. E a recente entrevista do diretor, na televisão, decisiva: uma esplêndida loura sentada em seu colo como um objeto de adorno, sorria complacente para suas afirmações, enquanto ele se empolgava na defesa do orgasmo feminino, da figura do amante — "castigo merecido para o marido incompetente" — e outras pérolas. "Meu filme é um libelo em favor do orgasmo feminino! Todo mundo tem que ver!"

É um mérito abordar o tema do prazer feminino. E, aliás, o único mérito de **Mulher Objeto**. Porque, no mais, o filme falha técnica e ideologicamente. Tecnicamente: a interpretação é má, caricatural, nenhum personagem tem densidade; algumas das cenas eróticas, embora todas sejam bonitas e bem cuidadas, são excessivas, desnecessárias; e o luxo imperial dos cenários, mania subdesenvolvida e demodê do cinema nacional, cria uma enorme distância entre o espectador médio e o que se passa na tela, além de dar um tom insuportável de conto de fadas ao conjunto do filme. Só isso bastaria para colocá-lo num modesto segundo escalão.

Mas não é tudo: ideologicamente o filme é primário. Em primeiro lugar, pela recuperação comercial da temática feminista. Sylvio de Abreu decidiu unir o útil ao agradável: por que não fazer o clássico filme de sexo, com muita mulher pelada e muita sacanagem, mas com um tempero de seriedade para atrair os olhos implacáveis dos críticos reputados e a cumplicidade paternal dos intelectuais? É lucro certo e com respeito na praça, a julgar pelas várias críticas elogiosas já publicadas.

Em segundo lugar, por individualizar um fenômeno coletivo: a negação do prazer como uma possibilidade do corpo feminino deixa de ser um problema de todas as mulheres e passa a ser uma neurose de uma única mulher, Regina (Helena Ramos).

Assim, se num primeiro momento



milhares de mulheres ter-se-ão identificado com a Regina que se encolhe num canto da cama, recusando o contato sexual com o marido, num segundo momento as espectadoras rejeitam afavelmente essa identidade. Pois Regina não é uma mulher como todas as outras. Ela tem um "trauma de infância", ela é "doente" e isso fica claro na comparação com as demais mulheres do filme (todas extremamente caricatas, e o exemplo mais flagrante é o da secretária), mas perfeitamente adaptadas ao sistema vigente, onde, bem ou mal, resolvem suas carências afetivas e sexuais.

Só Regina não as resolve. Ela precisa de uma psicanalista, figura igualmente caricaturizada, dando recetinhas de felicidade e fazendo perguntas óbvias sobre o óbvio. Em suma: o problema não é do sistema cultural e ideológico, e do papel reservado à mulher dentro dele: o problema é de Regina. E, uma vez feita a terapia e superado o "trauma", ela adquire subitamente as condições técnicas ideais para manter uma relação sexual.

Justamente por esse simplismo na abordagem da questão, chega-se à terceira e mais grave falha de ordem ideológica do filme. Ao contrário do que diz a propaganda todos os casais saíram exatamente os mesmos do cinema com suas idéias tradicionais sobre sexo coloridas pela linguagem moderna da psicanálise.

Pois, pela primeira vez em todo o filme, Hélio (Nuno Leal Maia), o marido antes tão compreensível e respeitador toma Regina à força e praticamente a viola. E o pior: ela gosta e também pela primeira vez atinge o orgasmo na relação conjugal.

O conselho dado aos maridos "modernos", preocupados com a saúde sexual de suas esposas, é o seguinte: se sua mulher não goza por bem, tente na marra. Voltamos a Nelson Rodrigues para quem só as mulheres normais gostam de apertar. No fim do filme para a alegria de todos e felicidade geral, Regina é uma mulher normal.

Mulher objeto, sim; mas com prazer...

Leda Beck

Fonte: Fundação Carlos Chagas

Na matéria acima se trata da objetificação do corpo feminino estimulada por meio de um filme, denominado "mulher objeto", o filme retrata a história de um casal que enfrenta uma crise, pois a esposa odeia sexo e evita a todo custo por conta de traumas de infância, mas vez ou outra tem sonhos eróticos e fantasias com outros homens. Por conta disso o casal acaba se separando e a mulher busca se entender por meio de terapia, quando ela mergulha nas lembranças de sua infância a fim de descobrir os causadores de seu trauma. Fato esse comentado pelo mulherio e é interessante o teor da crítica voltada ao filme que parece não ter sido bem aceita pelas jornalistas.

No que diz respeito à temática do trabalho doméstico temos:

Figura 1 - Tribuna, 28 de janeiro de 1959 15

QUADRA

Cada quadrinha que faço,
em hora calma ou incalma,
é pequeno pedaço
que tu mesmo furto à minha
alma...

LUIZ OTÁVIO.

PENSAMENTO

A vida de um velho parece-se
com a chama de uma vela, num
ma corrente de ar. PROV. JA-
PONÊS.

BOAS MANEIRAS

As pessoas que, com ou sem
motivo têm a mania de falar nos
favores que prestaram a outrem,
não só mortificam os beneficiá-
rios com sua insistência, como
fazem com que, embora por mui-
ta necessidade que tenham os
mesmos, nunca mais possam pe-
dir-lhe qualquer ajuda. Tal atti-
tude também dá margem a que
se pense que exigem recompensa
pelo benefício que prestaram.

CONSELHOS

Para limpar objetos de tarta-
ruga, use um pano embebido em

azeite e, em seguida, limpe com
outro pano seco.

**ANIVERSARIOS
HOJE**

— a senhorinha Cyrila de
Sousa Oliveira, funcionária do
Grupo Escolar «Luiz de Albu-
querque», desta cidade;

— a exma. sra. d. Zelia de
Barros Medeiros, esposa do sr.
Lucilio Medeiros, fazendeiro e
industrial neste Município;

— a exma. sra. d. Gayde de
Barros Viana, esposa do sr. Ney
Viana, comerciante nesta cidade;

— o Prof. Flaviano Barbosa
Ferraz, alto funcionário do Mi-
nisterio da Fazenda, servindo na
Capital da República.

**ESCOLA TÉCNICA DE
COMÉRCIO DE
CORUMBÁ**

Matricula

De ordem do Sr. Director,
faço público, para conhecimento
dos interessados que se acha
aberta de 1º a 25 de fevereiro
do corrente ano, a matricula
para o curso Técnico de Con-
tabilidade d'este Estabelecimento
de Ensino.

Exames de 2ª época

Nos dias 16, 17, 18, 19 e 20
de fevereiro.

Fonte: acervo próprio.

¹⁵ Conselhos: Para limpar objetos de tartaruga use um pano embebido em azeite e, em seguida, limpe com outro pano seco.

Figura 46 - - Mulherio, março/abril de 1981 (p.2)

2 Domésticas: as máquinas que servem o lar

*"Domésticas de salário sempre baixo
Nossos direitos na mão do patrão
Horário certo de entrada e saída
Só se resolve com a nossa organização"*

Este foi um dos muitos versos cantados por cerca de uma centena de empregadas domésticas reunidas em seu IV Congresso Nacional, em Porto Alegre, no mês de janeiro. Representando associações de oito Estados, elas discutiram durante cinco dias os problemas que afligem a categoria, e chegaram ao final com uma ampla pauta de reivindicações: jornada de oito horas de trabalho, salário mínimo profissional, 13º salário, aviso prévio, FGTS, salário família, prevenção de acidentes de trabalho e férias de 30 dias.

Um dos temas mais debatidos foi a situação da menor empregada. Um levantamento feito pela Associação das Empregadas do Rio cons-

tatou que — embora a Organização Internacional do Trabalho (OIT) proíba o trabalho antes dos 14 anos de idade, e a nossa Constituição, antes de 12 anos — ainda é grande o número de meninas com até 7 ou 8 anos que chegam às cidades grandes para se empregar em "casas de família".

O relatório descreve o que acontece com essas meninas: "Afastadas do seu meio natural e familiar, sem possibilidades de estudar como esperavam, são mais expostas que os adultos aos riscos da grande cidade: o desrespeito que sofrem nas famílias onde trabalham, com agressão moral e até física, a humilhação e a desconsideração da profissão; o choque das grandes desigualdades, ao verem a riqueza e o luxo das casas onde trabalham, os conflitos de valores morais e religiosos; a violência, o desespero, a prostituição".

Depois de lembrar que algumas menores emprega-

Boca Livre

Em setembro do ano passado, quando os grupos feministas de todo o País denunciavam a onda de violência que atingia as mulheres brasileiras, nós, do Grupo de Mulheres da Ilha de São Luís, promovemos um debate público sobre a questão, com cerca de 300 mulheres. (...) Nossa reflexão nos mostrou que estamos confrontadas com a violência tanto no espaço público (na discriminação salarial, na utilização de nossos corpos como produto de consumo, etc.), como no espaço privado (na divisão sexual das tarefas domésticas, na nossa responsabilização pela maternidade e contracepção, nas agressões a que estamos expostas, etc.). Numa pequena pesquisa que fizemos em duas delegacias da cidade, contamos nos meses de setembro a novembro passado três assassinatos de mulheres, 30 tentativas de homicídio, 56 espancamentos e um estupro pelo pai. Deste modo, para nós, feministas, a denúncia e o combate efetivo deste estado de coisas é de urgência inadiável. Por isto, estamos aqui, estamos aí, ou, simplesmente, estamos presentes.

Lucila Seavone, Grupo de Mulheres da Ilha de São Luís, São Luís, MA

P.S. — *Escreva você também para Mulherio. Um aviso: em alguns casos, será necessário reduzir as cartas, em razão do pequeno espaço do jornal.*

(Sônia Pilla, de Porto Alegre)

Fonte: Fundação Carlos Chagas

Conclui-se então que apesar de contrastar a coluna Sociais com dois jornais distintos, é notável que o comportamento do Tribuna é muito parecido em ambas as ocasiões: observando mais atentamente temos comprovação de que durante os dez primeiros anos da coluna, apesar dela possuir um considerável tamanho e abranger inúmeras temáticas, ela acaba se comportando como um mecanismo da indústria cultural utilizada para manutenção da sociedade, e repassa para todos que o leem o ideal feminino, quase que com um manual de como ser a mulher perfeita, de acordo com o que se esperava dela. Já o Mulherio, por ser pensado e mantido por mulheres pesquisadoras e atuantes na vida acadêmica, é impressionante a diferença de linguagem utilizada para retratar as temáticas.

Outro fator importante é entender o contexto ao qual o jornal Tribuna estava inserido. Em uma cidade pequena e distante como Corumbá e mesmo circulando por toda essa região, é válido pontuar que na década de 1950 todo o Brasil possuía uma população em sua maioria rural, com estilo de vida mais simples.

A partir da análise do jornal Tribuna, vemos que ele é de fato um veículo para entendermos as mudanças que o Brasil enfrentava. Em suas páginas observamos anúncios de

vários comércios da cidade, notícias nacionais e internacionais, mas o que era bem valorizado dentro do espaço físico eram as propagandas das inovações tecnológicas como eletrodomésticos, produtos de limpeza, alimentos, bebidas, higiene pessoal, medicamentos.

No campo das comunicações, o que se destacou foram os anúncios de cinema, como do cine Santa Cruz, além de outros objetos que naquele momento eram novidades e acabaram se tornando metas de consumo para os leitores.

Observamos, no jornal, que aquilo que inspirava o meio social era o Brasil emergindo rumo a uma nação moderna. Porém, apesar de estarmos na década de 1950 com todos esses avanços, ele se auto alimenta dessas temáticas correlatas ao lar por estar localizado de acordo com a nossa interpretação, em um estado localizado longe dos grandes centros, onde essas novas tecnologias estavam sendo implantadas. Dessa forma, mesmo sabendo que as mulheres já ocupavam postos de trabalho fora de suas casas em Corumbá ou em outras regiões, consideramos que o contexto histórico e geográfico são fatores preponderantes na temática da coluna.

Essa construção social não se restringe ao trabalho doméstico, mas perpassa essa atmosfera, limitando as mulheres a um padrão não somente no âmbito comportamental, mas também o estético. Além de lidar com todas as funções do lar, cuidar do marido, dos filhos, ainda não era o suficiente, ainda por cima eram orientadas a estarem com sua aparência em dia e atraentes para seus maridos.

Dando continuidade a segunda parte das leituras descritivas críticas, com a inauguração da década de 1960 houve um momento que marcou profundamente o jornal Tribuna que sofreu grandes mudanças em sua organização, no estilo e conseqüentemente isso tudo afetou a coluna Sociais. Como supracitado anteriormente e demonstrado pela tabulação dos dados da primeira década, observa-se que a partir do ano de 1959, a coluna entra em um período em que ela passa a ter seu tamanho reduzido, com temáticas contidas e delimitadas a três ou no máximo quatro itens, que variavam de acordo com a edição. Na próxima imagem, é possível observar um exemplar do fim da década, o que reforça a percepção de retração da coluna e isso ocorre não somente em relação a espaço físico, mas também delimita os micro temas que eram trabalhados na coluna, que em seu ápice (figura 36) contava com uma média de oito a nove itens debatidos na Sociais e que após o processo de diminuição iniciado em 1959 passa para a metade a quantidade de itens debatidos, caindo para uma média de quatro a cinco itens por exemplar, o que conseqüentemente resultou uma retração das temáticas como dicas de civilidade, dicas de maquiagem, moda feminina e esses correlatos. O foco passou a ser itens como quadra,

pensamento, curiosidade, aniversários, felicitações de casamento, anúncios de falecimentos e viajantes.

Figura 47 - Tribuna, 17 de abril de 1959



Fonte: acervo próprio

Com a chegada dos anos de 1960 o jornal Tribuna e a coluna Sociais passam por profundas transformações em sua estrutura, o que afeta diretamente ao periódico e a coluna, que passa por um processo de esgotamento, tanto físico com diminuição significativa do espaço físico quanto intelectual, uma vez que dá continuidade ao processo iniciado em 1959, limitando a coluna para curiosidades, pensamento, quadra e todo tipo de conteúdo mais geral, tirando os itens que remetesse o conteúdo para um público-alvo específico, nesse caso, as mulheres. Abaixo pode se constatar essa informação.

Figura 48 - Tribuna, 6 de janeiro de 1960

Sociais

Salve! 1959! Salve! 1960!

*Meia noite! O 59 se finda!
Está prestes a entregar o cetro!
Embóra reine uns minutos ainda,
já não passa dum simples espéctro!*

*Espéctro dum ano já passado!
Lembrança dèsses mèses vividos!
Saudade dalgum bem que se há gozado!
Atróz renúncia, dèsses dias idos!*

*E o 60, novinho e risonho,
assenta-se no tróno, prometendo
um Futuro todinho de azul sonho!*

*Nèsta esperança, caminha a Humanidade
sem reparar que assim vai vencendo,
a mais um passo para a Eternidade!*

Corumbá, 31 de Dezembro de 1959.
IRMA PLAWASKY.

ANIVERSARIOS

HOJE

— a exma. sra. d. Dionéia de Carvalho Carneiro Leão, esposa do sr. Antônio Carneiro Leão, progressista fazendeiro neste Município;

— a exma. sra. d. Neusa Cestari Baruki, jovem esposa do nosso prezado amigo sr. Alberto Baruki, alto comerciante nesta cidade;

— a exma. sra. d. Dayci Leite Carrapateira, esposa do sr. Lizon Rodrigues Carrapateira, funcionário da Prefeitura Municipal de Corumbá;

— o jovem Carlos Alberto Mangabeira, filho do saudoso Vicente Mangabeira Filho e exma. viúva d Ursina de Freitas Mangabeira.

VIAJANTES

De São Paulo, onde se encontrava em visita aos seus familiares, regressou a Corumbá o Dr. René Zamlutti, conceituado causídico em nosso fóro e chefe do Departamento Jurídico do Banco Financial de Mato Grosso S. A. desta cidade.

O Dr René Zamlutti se faz acompanhar de sua exma. esposa e filhinho do casal

Apresentamos-lhe nossos cumprimentos

Fonte: acervo próprio

Algo que poderia justificar essa significativa mudança na estrutura da coluna seria a entrada de um novo ano, no entanto, observando outras edições, é possível constatar que esse formato acabaria se tornando algo comum e com o passar do tempo essa forma se consolida e permanece apesar das inúmeras variações. Não se sabe ao certo o que possa ter motivado a direção do Tribuna a fazer tais mudanças, mas é possível através da análise do material pensar o contexto histórico da região e obter algumas pistas do que de fato possa ter acontecido. O exemplar do mês de fevereiro demonstra que o projeto de enxugar a coluna estava ocorrendo de maneira rápida.

Figura 49 - Tribuna, 16 de fevereiro de 1960



Fonte: acervo próprio.

Para facilitar a visualização do que foi afirmado acima, ao editar a foto foi deixado de forma proposital os outros elementos ao redor da coluna que começa com o Layout florido e se encerra na linha ao centro da imagem, essa quebra delimita o fim da coluna e o início do tópico edital. No conteúdo da Sociais é possível observar apenas dois itens: um texto de curiosidade, denominado A Morte de Catilina e Aniversários.

Pensando a perspectiva do contexto histórico nacional e internacional da década é possível entender algumas tendências da imprensa da época e como os jornais se adaptaram às mudanças dos tempos e respondiam as tensões que estariam por vir, e não poderia ser diferente em Corumbá, uma vez que o jornal era de circulação diária e possuía um certo prestígio na cidade tendo de se adaptar aos novos tempos, no qual alguns temas se sobressaíram em relação a outros, mostrando o comportamento do Tribuna mediante o panorama, (Chammas, 2012, p.17)

Assim, analisar os editoriais significa trabalhar com o espaço próprio do jornal, em que ele se posiciona explicitamente sobre a cena política e se coloca publicamente defendendo determinadas posições ou pontos de vista, simultaneamente como empresa privada e instituição social.

No contexto internacional, as nações do mundo viviam sob o temor de uma possível guerra nuclear causada pela bipolaridade, onde capitalismo liderado pelos Estados Unidos e Socialismo com a União Soviética travavam uma guerra político-ideológica disputando cada canto do planeta. (Rapoport, 2000, p.69).

No começo da década de 1960, o mundo assistia a uma verdadeira escalada do conflito bipolar. A Guerra Fria entre as superpotências e seus respectivos blocos constitui o marco de referência obrigatório para o estudo e a compreensão das relações econômicas e políticas internacionais da época.

O Brasil vivendo um momento de grande agitação social causada pela ascensão em 1961 ao governo de João Goulart, político com propostas ousadas, as reformas de base, medidas que em um período relativamente curto de tempo colocaria o Brasil em patamar de grandes potências do mundo como reforma agrária, educacional, tributária, administrativa, urbana, entre outras. Postura essa que por influência do temor ao comunismo e uma elite anticomunista amedrontada com receio de perder seus privilégios levam em 1964 a apoiar aos militares que impõe um regime ditatorial em nosso país. (Lima; Júnior, 2016, p.2) discorre sobre a implantação do regime:

Pode-se também definir, por principal razão da implantação do regime ditador no Brasil, o medo sofrido pelos grandes proprietários de terra, quanto as reformas agrárias que trariam prejuízos imediatos aos grandes latifundiários, principalmente a redução de suas propriedades, proposta defendida desde a abolição da escravidão em 1888. Ou seja, enquanto a população sofria com os desastres do regime, os grandes latifundiários estavam preocupados na possibilidade de perder seus bens.

Nos anos 60 mais do que nunca a educação era uma forma das pessoas alcançarem outros níveis sociais, ou seja, era de suma importância que houvesse acesso a uma boa formação principalmente, a acadêmica, voltada para aqueles que tinham uma condição social mais favorável. A república populista ficou conhecida não somente pelo período de tensão política, mas também pelo crescimento econômico e visando geração de reserva de mão de obra o governo investiu na educação profissionalizante, voltada às classes menos favorecidas. Sendo assim, essa repartição definiu a dicotomia entre educação acadêmica, destinada ao saber intelectual enquanto o ensino profissionalizante tinha como objetivo principal satisfazer as necessidades do mercado, onde os estudantes não eram estimulados a pensar, mas sim a executar tarefas programadas reforçando a problemática brasileira de classes: a dominante e a dominada. (Fernandes, 2015, p.129)

Quanto aos outros grupos, inclusive os partidários, pouco se faz pela educação política no sentido formador. Quase como norma: inexistente a preocupação de esclarecer os jovens com referência às obrigações e aos direitos dos cidadãos em uma democracia. Embora se exerçam com frequência, pressões mais ou menos fortes para que certas atitudes, de natureza política, sejam tomadas ou preferidas emocionalmente e também se procure inculcar nos afiliados valores de significação ideológica. Isso faz com que a ação educativa espontânea, na preparação dos jovens para vida política, se torne

inócua ou tendenciosa. Por isso, a escola precisa ser ajustada para intervir nesse setor e nele desenvolver os adestramentos necessários.

Os últimos anos de democracia no Brasil só reforçam que a educação profissional já era uma realidade antes mesmo da eclosão do golpe militar e com a presença dos militares esse modelo educacional foi amplamente difundido e, dessa forma, foi possível uma manutenção do status quo da elite brasileira, que ainda detinha em maioria a possibilidade do conhecimento acadêmico.

Para Corumbá e para o jornal Tribuna, os primeiros meses da coluna Sociais - como já explicitado anteriormente - demonstra o que estaria por vir. Os meses de janeiro e fevereiro mostram a regressão daquele espaço e a partir do mês de fevereiro especificamente foi possível observar dois grandes acontecimentos que acabam impactando diretamente ao periódico. O primeiro, é que o Tribuna muda de diretor, fazendo assim uma transição de direção onde Nelson Chamma passa a função para Carlos de Castro Brasil e a segunda novidade é que em 18 de fevereiro de 1960 com o jornal sob nova direção se efetiva definitivamente as mudanças que já estariam em curso na coluna Sociais, fazendo releitura do layout da coluna e reestruturando o conteúdo da mesma. A seguir percebe-se como se deu tal mudança, a figura 50 a última edição, um dia antes da mudança para demonstrar na prática como se deram a transição de direção e a instalação do novo layout, que aconteceu literalmente de um dia para o outro, dessa forma é visível tais modificações.

Figura 50 - Tribuna, 17 de fevereiro de 1960



Fonte: acervo próprio

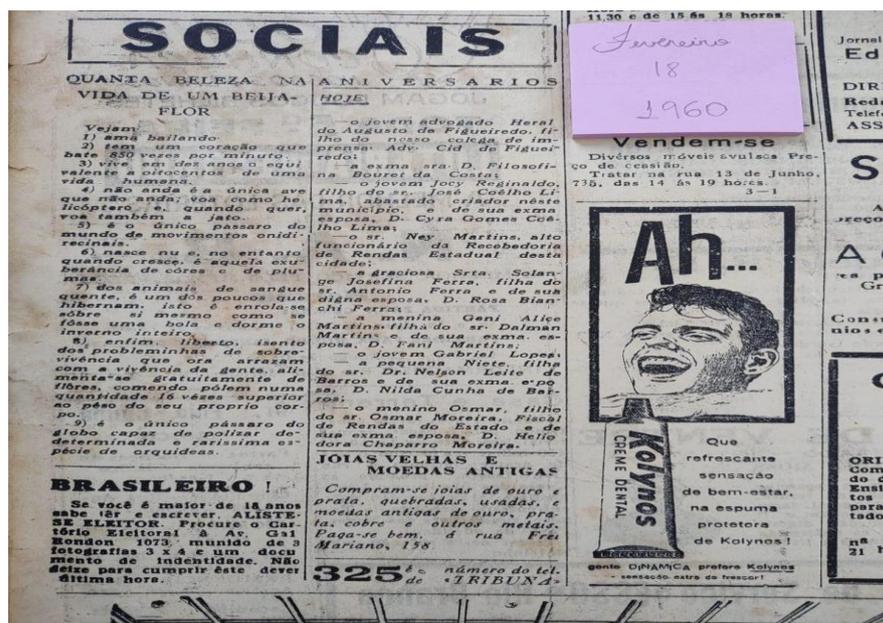
Observa-se também pela primeira vez que questões políticas são expostas de forma descarada pela coluna, no texto ‘‘Abaixo as sogras’’ o/a colunista relata.

- ‘‘Com o comunismo, está se extinguindo o milenar costume chinês segundo o qual moças eram obrigadas a se casar com rapazes escolhidos por seus pais, e tinham de viver com suas sogras desde os primeiros dias do noivado. Para melhorar as moças muitas sogras batiam a valer nas noras, com plena aprovação dos maridos. Agora 99% dos divórcios propostos na China são requeridos por mulheres que se rebelam contra a velha mentalidade, e os juizes (geralmente mulheres) as protegem integralmente. As sogras são condenadas publicamente e os maridos advertidos na primeira instância. No caso de reincidência, o divórcio é efetivado para surpresa das sogras que não entendem’’.

Esse trecho possibilita tantas reflexões, a primeira delas é que de fato até então não havia ocorrido dentro do conteúdo da coluna menções ao comunismo ou algo assim, a Sociais sempre esteve em uma espécie de redoma onde os assuntos por diversas vezes eram repetitivos, porém próximos. A segunda delas é que de alguma forma, a pessoa que escreveu esse exemplar conseguiu colocar a questão do gênero no comunismo quando critica em bom tom que o comunismo possibilitou o divórcio de casamentos onde as mulheres apanhavam de suas sogras, minimizando a violência sob a ótica de que isso ocorria por questões culturais chinesas e que de certa forma era normalizado. A terceira é que quando menciona que as juizas mulheres protegiam as outras mulheres vítimas de violência concedendo divórcio também traz um tom de crítica sutil ao feminismo de certa forma. O velho discurso de manutenção que via como ameaça o feminismo e o comunismo, pois eles ameaçavam o que o próprio jornal denominou de ‘‘nova ordem’’.

Na figura 51 temos o primeiro exemplar da coluna após a decisão de mudança de Layout. Nele é possível analisar alguns pontos, primeiro, o layout muda drasticamente, as letras antes menores, sem preenchimento de cor preta, com formas arredondadas que remetem sutileza e a presença de flores, símbolo de feminilidade, transmitindo fluidez, delicadeza, romantismo e feminilidade acabam sendo substituídas por um novo formato: letras maiores, com linhas retas e preenchidas na cor preta, delimitadas apenas por uma listra preta, com ausência de detalhes, linhas retas podem transmitir força, confiança, poder e de forma intencional ou não, masculinidade. Não se sabe ao certo o que motivou o novo diretor a tomar essa postura, se eram questões pessoais ou adaptação aos tempos.

Figura 51 - Tribuna, 18 de fevereiro de 1960



Fonte: acervo próprio

É preciso se atentar também ao fato que este exemplar conta apenas com o texto “Quanta beleza na vida de um beija-flor” e anúncio dos aniversários. Certamente havia motivações políticas para tal atitude. (Pinto, 2019. p.238) faz uma consideração sobre os jornais.

Os jornais difundiam os ideais das instâncias políticas e do poder, representados pelas famílias tradicionais, que se alternavam na direção do estado e se ramificavam pelas municipalidades. Os jornalistas, categoria ainda fluída à época em termos profissionais, desfrutavam de legitimidade social, pois se vinculavam à produção, circulação e divulgação de valores notadamente reconhecidos e valorizados socialmente.

É fato que o jornal foi modificando e adaptando sua linguagem para se adequar às demandas da época. A seguir, na figura 52, é possível visualizar de maneira clara a adaptação do Tribuna as tendências da época, uma vez que noticia a descoberta de um casal homoafetivo feminino e lida com isso de maneira preconceituosa logo no título da matéria ao se referir ao relacionamento com “estranha aberração”. Tal notícia nem sequer ocorreu aqui na cidade de Corumbá e foi o suficiente para receber atenção na primeira página e mais, dividida em duas partes, para ter ainda mais foco por parte dos leitores que iriam se deparar com uma notícia chocante dessas não somente por uma, mas duas vezes, com o desfecho e tudo aquilo que tem direito, dando palco de maneira negativa para uma notícia que ocorreu no Rio de Janeiro. Após as duas imagens, na figura 44 temos outro exemplo de como o jornal pode refletir os anseios da sociedade em geral, demonstrando as discussões vigentes da época e o interessante é que naquele momento estava em alta a discussão a respeito dos ideais progressistas e é justamente sobre a interpretação dessas ideias que a passagem retrata.

Figura 52 - Tribuna, 18 de fevereiro de 1960



Fonte: acervo próprio.

Figura 53 - Tribuna, 27 de julho de 1962



Fonte: acervo próprio.

Ao longo dos anos em que tive contato com o jornal Tribuna e com a coluna Sociais algo que me chamava bastante atenção era a forma como o jornal se comportava com relação a discursos preconceituosos. Não é segredo que a coluna sofreu uma retração absurda assim que iniciou a década de 1960, contudo, foi a primeira vez que me deparei com algo noticiado dessa forma e julguei importante pontuar. De fato, esse momento pré-ditadura militar instiga as pessoas a liberarem suas piores faces e penso que foi justamente isso que aconteceu. A mudança do contexto histórico do país, o medo pela questão da revolução socialista em que muitas pessoas acreditaram cegamente que nosso país estaria próximo a sofrer no pré-golpe. Na figura 54 trago mais um exemplar que demonstra a demonização dos ideais progressistas.

Figura 54 - Tribuna, 15 de abril de 1962

TRIBUNA Social

FRUTO DA EDUCAÇÃO “PROGRESSISTA”

Daryl Moss, jovem de 15 anos, matou pai e mãe a tiros. Pre-o, na cidade de Redding, na Califórnia, explicou:

— Eu detestava meu pai. Ele assobiava quando eu assistia à televisão.

Também não gostava muito de minha mãe. Ela me deixava nervoso».

Trata-se de outro produto desse sistema de educação no qual os filhos sempre tem razão e nunca são castigados, sistema que muitos qualificam de «progressista» e «moderno»...

★ ★ ★

Quadra

Leva a trova tão pequena,
com maior facilidade,
na expressão de minha pena
todo o peso da saudade.

HELIO C. TEIXEIRA

Aniversários

ONTEM

A exma. sra. Da. Maria Isabel Curvo Giordano, digna esposa do Dr. Maurício Haroldo da Costa Giordano, ilustre 1º Promotor de Justiça desta Comarca.

HOJE

A graciosa Yvone, filha do sr. Fábio Dorilêo, próspero fazendeiro neste Município, e de sua exma. esposa, Da. Ruth Migueis Dorilêo;

— o sr. Basilio Salles, competente motorista da Base Fluvial de Ladário.

Edital de Proclama

Nº 4.176

ACYLINO XAVIER DO VALLE, Oficial do Registro Civil deste Distrito da Sede da

Fonte: acervo próprio.

Como consideração importante a ser feita e dando continuidade ao que foi demonstrado ao longo da sessão, ao aproximar-se do ano de 1964 as atividades do jornal diminuíram drasticamente, não tive acesso a muitos exemplares no laboratório e não sabemos trazer uma justificativa para isso, pode ser diminuição das atividades do Tribuna ou simplesmente só faltaram esses exemplares no acervo, a realidade é que não posso responder a essa pergunta agora, a única coisa que posso é pensar em hipóteses.

Ao fim dessa análise é possível constatar que a coluna Sociais em seu início, apesar de sua temática correlata e de natureza adaptativa, foi possível observar ao longo desse trabalho momentos em que houve um tom crítico em seu conteúdo, por mais que não seja algo inserido no interior da coluna, mas sua mudança de espaço físico, a sua expansão revela a necessidade de dar ênfase aquela coluna. No entanto, a revista possui em sua natureza características que a todo momento reforçavam o discurso de adaptação e conformismo das mulheres, criando um ambiente educativo que perpetuou a manutenção de uma sociedade pautada no trabalho feminino para dar suporte ao masculino, onde as mulheres não poderiam estar acima dos desejos e do espaço masculino e de fato é ligeiramente difundido esse discurso ao longo dos anos, o que também leva a crer que mesmo que não exista concordância com o que foi difundido pelos colunistas do jornal esse processo aconteceu até o fim do periódico e que esse fenômeno ocorre não somente no jornal Tribuna mas em toda a imprensa, veículo de comunicação, entre outros.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao início dessa jornada iniciei convicta de que conseguiria traçar a concepção de educação que o jornal Tribuna por meio da coluna Sociais estava espalhando pela nossa cidade, claramente os rumos da pesquisa seguem o seu curso e algumas coisas precisaram ser ajustadas para que funcionasse da melhor maneira, por mais que essa fonte já seja uma velha conhecida, foi de fato surpreendente quando houve por parte de minha orientadora o alargamento da fonte, me vi com medo de não conseguir e novamente me vi por semanas no laboratório fotografando, manejando toda aquela documentação. Assim como a História não é linear, os caminhos que me trouxeram até aqui também não são, e foi por conta disso que tive a maior das surpresas com relação ao resultado dessa análise e ao contrário do que imaginava, a coluna diminuiu drasticamente e perdeu força, tendo que se adaptar aos novos tempos.

Tal análise me possibilitou mais uma vez ter contato com uma fonte que já conheço desde 2018 e tive a oportunidade de visitá-la mais uma vez e sentir a nostalgia que só um

pesquisador iniciante poderia aproveitar. Quanto aos objetivos desta pesquisa, foi possível descrever o contexto histórico da Corumbá no recorte de 1950-1964, sendo possível ter acesso a detalhes que até então não conhecia, como por exemplo, a articulação do jornal e as mudanças de administração. No que diz respeito à coleta dos exemplares do jornal, isso foi possível, exceto nos casos que não havia edição disponível no arquivo, foram coletados inúmeros exemplares de fotografias e ainda há muita coisa para ser analisada.

Ao analisar a coluna Sociais em sua totalidade, é possível perceber nitidamente sua trajetória no jornal Tribuna, quanto as adaptações do corpo editorial a uma nova onda política pelo qual o país estava passando e inúmeras outras informações que são esmiuçadas ao longo do desenrolar da seção 4, sempre tendo o olhar crítico aquilo que era reportado, pensando numa análise que não deixasse passar detalhes que talvez em outras circunstâncias fossem ignorados, o que acabou permitindo a problematização de todo o conteúdo analisado.

De maneira geral é de grande valia pesquisar sobre jornais em uma região que carece de tais estudos, sinto-me feliz em ser uma das primeiras, alívio por ter terminado e feliz porque devido a inovação deste trabalho e levando em consideração a riqueza da fonte e imensidão de temáticas e abordagens a serem trabalhadas certamente posso continuar em um futuro, com ineditismo pela segunda vez no trabalho de doutorado utilizar como uma das inúmeras propostas para análise de conteúdo por meio de categorias analíticas específicas da teoria crítica da sociedade.

6. REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves – A imprensa em transição: **o jornalismo brasileiro nos anos 50 Rio de Janeiro**: Editora FGV, 2008.

ADORNO, Theodor. **Dialética do esclarecimento**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 1985.

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Paz e Terra, 2024.

AYALA, Simon (1914, p. 220). **Capa do Álbum Graphico do Estado de Matto-Grosso**. Disponível na Biblioteca digital institucional do Senado- <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/650599>

AYALA, Simon (1914, p. 220). **A imprensa no Estado – Fundador do Tribuna**, Pedro de Magalhães (canto inferior direito). Disponível na Biblioteca digital institucional do Senado- <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/650599>

AYALA, Simon (1914, p.223). **Os periódicos atuantes na região e o destaque ao Tribuna**. Disponível na Biblioteca digital institucional do Senado- <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/650599>.

AYALA. Simon (1914, p.224). **Os jornais publicados em Cuiabá** . Disponível na Biblioteca digital institucional do Senado- <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/650599>

BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo, vI, II. **Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira**, p. 70, 1980.

BURKE, Peter. A escrita da História, novas perspectivas. São Paulo. **Editora da Universidade Estadual Paulista**, 1992.

CÂMARA, Ana Paula de Oliveira Lopes. Album Graphico de Matto-Grosso (1914): **história e memória**. 2017. 223 f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

CAMPOS, Raquel Discini de. No rastro de velhos jornais: considerações sobre a utilização da imprensa não pedagógica como fonte para a escrita da história da educação. **Rev. Bras. Hist. Educ**, Campinas, v. 12, n. 01, p. 45-70, abr. 2012.

CANCIAN, Elaine Aparecida. Escola confessional imaculada conceição de corumbá/MS: **algumas considerações de pesquisa** (1904-1914).

CAPUTO, Ana Cláudia; MELO, Hildete Pereira de. A industrialização brasileira nos anos de 1950: uma análise da instrução 113 da SUMOC. **Estudos Econômicos (São Paulo)**, v. 39, p. 513-538, 2009.

CARNAÚBA, Maria Érbia Cássia. Sobre a distinção entre teoria tradicional e teoria crítica em Max Horkheimer. **Kínesis-Revista de Estudos dos Pós-Graduandos em Filosofia**, v. 2, n. 03, p. 195–204-195–204, 2010.

CHAMMAS, Eduardo Zayat. **A ditadura militar e a grande imprensa: os editoriais do Jornal do Brasil e do Correio da Manhã entre 1964 e 1968**. 2012. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, University of São Paulo, São Paulo, 2012. doi:10.11606/D.8.2012.tde-13122012-101040.

CUNHA, Marcus Vinicius da. Ciência e educação na década de 1950: uma reflexão com a metáfora percurso. **Revista Brasileira de Educação**, p. 116-126, 2004.

CECHINEL, Andre et al. Estudo/análise documental: uma revisão teórica e metodológica. **Criar Educação**, v. 5, n. 1, 2016.

COELHO, Teixeira. **O que é indústria cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

DA PENHA, Monitoramento da Lei Maria. Projeto: **Construção e Implementação do Observatório da Lei 11.340/2006–Lei Maria da Penha**. 2009.

DE MATOS ALMEIDA, Marlise Míriam. Simone de Beauvoir: uma luz em nosso caminho. **Cadernos Pagu**, n. 12, p. 145-156, 2015.

DE MELO, José Marques. Indústria cultural, jornalismo, jornalistas. **Intercom: Revista Brasileira De Ciências Da Comunicação**, v. 14, n. 65, 1991.

DE OLIVEIRA, Marco Aurélio Machado. Capítulo 3 Uma Cidade na Fronteira: Crises, Paradigmas E Perspectivas. **Conselho Editorial Life Editora**, p. 57.

DINIZ, Waldson Luciano Corrêa. Los hermanos bolivianos: representações nos jornais de Corumbá/MS (1938-1999). 2014.

DOS SANTOS, LKB. Entre os afazeres domésticos e as dicas de civilidade: **as representações do feminino no periódico tribuna (CORUMBÁ, 1950–1959)**.

ELIAS, B. B.; KARAWEJCZYK, M. “Sempre à Mulher, Pela Mulher”: A Coluna Feminismo no Jornal O PaiZ (RJ) – 1927-1930. *História em Revista*, v. 26, n. 2, 13 ago. 2021.

FERNANDES, Florestan. **Mudanças sociais no Brasil**. Global Editora e Distribuidora Ltda, 2015.

FLECK, A. Afinal de contas, o que é teoria crítica? [After all, what is critical theory?]. **Princípios: Revista de Filosofia (UFRN)**, [S. l.], v. 24, n. 44, p. 97–127, 2017.

GONÇALVES, Gisela. Questionamento à volta de três noções: grande cultura, cultura popular, e cultura de massas. **Internet. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/goncalves-gisela-Questionamento.pdf> (consultado em 15 de fevereiro de 2018)**, 1998.

HOBBSAWM, Eric. A epidemia da guerra. **Folha de S. Paulo**, v. 14, p. 4-10, 2002.

HORKHEIMER, referência: HORKHEIMER, Max. **Teoría tradicional y teoría crítica**. Barcelona: Paidós, 2000.

JUDT, Tony. Pós-guerra: uma história da Europa desde 1945. Objetiva, 2008.

MACMAHON, Robert J. Guerra fria. **Tradução de Rousaura Eichenberg. Porto Alegre, RS: L&PM, 2012.**

LEITE, Eudes Fernando. “E Corumbá surgiu por sobre a terra branca”: as graças de uma cidade e a jornada de um autor. **Fronteiras**, [S. l.], v. 23, n. 41, p. 147–163, 2021. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/FRONTEIRAS/article/view/15002>. Acesso em: 3 out. 2024.

LEITE, Rosalina de Santa Cruz. **Brasil Mulher e Nós Mulheres: Origens da Imprensa Feminista Brasileira**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 234, jan. 2003.

LIMA¹, Antonio Jose Araujo; JÚNIOR, Ronaldo Silva. **Panorama da educação brasileira na década de 1960**. 2016.

MAAR, Wolfgang Leo. Adorno, semiformação e educação. **Educação & Sociedade**, v. 24, p. 459-475, 2003.

MÉRIAN, Jean-Yves. A Belle Époque francesa e seus reflexos no Brasil. A Belle Époque brasileira. Lisboa: **Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias**, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, p. 135-163, 2012.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Em guarda contra o perigo vermelho: **o anticomunismo no Brasil, 1917-1964**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

NOBRE, Marcos. **A teoria crítica**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2004.
PENSANDO A CIDADE: **Corumbá em perspectiva interdisciplinar**/ Nathalia Claro Moreira, Fabiano Quadros Rückert (orgs.) – Campo Grande, MS: Life Editora, 2020.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**, v. 27, p. 11-23, 2007.

PINTO, Adriana Aparecida. Nas páginas da imprensa: intelectuais e cotidiano em Mato Grosso (1880-1920) –caminhos teórico-metodológicos para a pesquisa histórico-educacional. **Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade**, v. 5, n. 10, p. 227-247, 2018.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. **Revista de sociologia e política**, v. 18, p. 15-23, 2010.

RAPOPORT, Mario; LAUFER, Rubén. Os Estados Unidos diante do Brasil e da Argentina: os golpes militares da década de 1960. **Revista Brasileira de Política Internacional**, v. 43, p. 69-98, 2000.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950. **Revista Estudos Históricos**, v. 1, n. 31, p. 147-160, 2003.

SAFFIOTI, Heleieth; ALMEIDA, Suely Souza de. Violência de Gênero – Poder e Impotência. Rio de Janeiro: **Revinter**, 1995.

SIMON, Feliciano; CARDOSO, Ayala S. **Album Graphico do Estado de Mato Grosso**. 1914

SOARES, Vera. Muitas faces do feminismo no Brasil. **Mulher e política: gênero e feminismo no Partido dos Trabalhadores**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, p. 33-54, 1998.

SOUZA, A. G.; PINTO, A. A. As mulheres nas páginas da imprensa de Rondonópolis/MT: um estudo sobre representações e papéis sociais na década de 1980. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, [S. l.], v. 11, n. 22, p. 49–67, 2017.

TAMIÃO, Juliana Segato. **Escritas feministas: os jornais Brasil Mulher, Nós Mulheres e Mulherio (1975-1988)**. 2009.